

MARIA CÂNDIDA MORAES

JUAN MIGUEL BATALLOSO

PAULO CORRÊA MENDES

Organizadores

Christielle Fagundes • Daniel Barbosa Santos • Demerval Bruzzi

Fernanda Pereira da Silva • Gabriela Menezes de Souza

Ivoneide Pereira de Alencar • João Antônio de Jesus • Marli Alves Flores Melo

# Ética, docência transdisciplinar e histórias de vida

Relatos e reflexões em valores éticos



Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura



Cátedra UNESCO de Juventude,  
Educação e Sociedade



ÉTICA, DOCÊNCIA TRANSDISCIPLINAR E HISTÓRIAS DE VIDA  
Relatos e reflexões em valores éticos



MARIA CÂNDIDA MORAES

JUAN MIGUEL BATALLOSO

PAULO CORRÊA MENDES

(Organizadores)

# ÉTICA, DOCÊNCIA TRANSDISCIPLINAR E HISTÓRIAS DE VIDA

Relatos e reflexões em valores éticos

Christielle Fagundes

Daniel Barbosa Santos

Demerval Bruzzi

Fernanda Pereira da Silva

Gabriela Menezes de Souza

Ivoneide Pereira de Alencar

João Antônio de Jesus

Marli Alves Flores Melo



Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura



Cátedra UNESCO de Juventude,  
Educação e Sociedade



Brasília, DF  
Unesco, 2014

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, por quaisquer meios, sem autorização prévia, por escrito, da editora e do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Católica de Brasília (UCB).

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1999, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

*Coleção Juventude, Educação e Sociedade*

Comitê Editorial

*Afonso Celso Tanus Galvão, Célio da Cunha, Cândido Alberto da Costa Gomes, Carlos Ângelo de Meneses Sousa, Geraldo Caliman (Coord.), Luiz Síveres, Wellington Ferreira de Jesus*

Conselho Editorial Consultivo

*Maria Teresa Prieto Quezada (Mexico), Bernhard Fichtner (Alemanha), Maria Benites (Alemanha), Roberto da Silva (USP), Azucena Ochoa Cervantes (Mexico), Pedro Reis (Portugal).*

Conselho Editorial da Liber Livro Editora Ltda.

*Bernardete A. Gatti, Iria Brzezinski, Maria Celia de Abreu, Osmar Favero, Pedro Demo, Rogério de Andrade Córdova, Sofia Lerche Vieira*

Capa: *Edson Fogaça*

Revisão: *Maria Cândida Moraes*

Diagramação: *Samuel Tabosa de Castro*

Impressão e acabamento: *Cidade Gráfica e Editora Ltda.*

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ética, Docência Transdisciplinar e Histórias de Vida: Relatos e reflexões em valores éticos / Maria Cândida Moraes; Juan Miguel Batallosa; Paulo Corrêa Mendes (Orgs.), *et al.* . – Brasília: Liber Livro, 2014.

216 p. : il.; 24 cm.

ISBN: 978-85-7963-135-1

Universidade Católica de Brasília. UNESCO. Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade.

1. Universidade. 2. Direitos humanos. Educação. I. Moraes, Maria Cândida; Batallosa, Juan Miguel; Mendes, Paulo Corrêa. II. Título.

CDU 241.12 : 343.244

---

**Índices para catálogo sistemático:**

- 1. Educação : Gestão escolar 37.2
- 2. Gestão escolar : Educação 37.2

**Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade**

Universidade Católica de Brasília

*Campus I, QS 07, Lote 1, EPCT, Águas Claras*

71906-700 – Taguatinga-DF / Fone: (61) 3356-9601

catedraucb@gmail.com

**Liber Livro Editora Ltda.**

SHIN CA 07, Lote 14, Bloco N, Loja 02,

Lago Norte – 71503-507 – Brasília-DF

Fone: (61) 3965-9667 / Fax: (61) 3965-9668

editora@liberlivro.com.br / www.liberlivro.com.br

*Aos pais e demais familiares,  
nossos primeiros educadores em valores com princípios éticos.  
Também, para todos os educadores, que com igual afeto e amor,  
cotidianamente, praticam a arte moral ética na vida e para a vida,  
ensinando-nos compaixão, solidariedade, aceitação das diferenças,  
moralidade, afetividade, integridade, espiritualidade, responsabilidade,  
vicissitudes, flexibilidade, esperança, autoestima, sonho, sensibilidade,  
amor, paz... VIDA!*



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
------------------	----

### Capítulo I

#### ENAMORADAS DA EDUCAÇÃO

Juan Miguel Batalloso.....	25
----------------------------	----

### Capítulo II

#### HISTÓRIAS DE VIDA DOCENTE:

Resgatando a utopia, o sonho e a esperança de ser professor

Maria Cândida Moraes.....	47
---------------------------	----

### Capítulo III

#### MINHA PELEJA COM A EDUCAÇÃO

Christielle Fagundes .....	65
----------------------------	----

### Capítulo IV

#### EDUCAÇÃO EM VALORES

Daniel Barbosa Santos.....	79
----------------------------	----

### Capítulo V

#### UMA BICICLETA CHAMADA MAGALY

Demerval Bruzzi.....	99
----------------------	----



## Capítulo VI

### UMA HISTÓRIA EM VÁRIAS HISTÓRIAS: Fiim

Fernanda Pereira..... 113

## Capítulo VII

### A CONSTITUIÇÃO DE UMA PROFESSORA

#### DE LÍNGUA PORTUGUESA: Amor, ética e complexidade

Gabriela Menezes de Souza..... 127

## Capítulo VIII

### TRAJETÓRIA DE UMA PROFESSORA MULTIDISCIPLINAR:

#### História de vida e formação profissional

Ivoneide Pereira de Alencar..... 139

## Capítulo IX

### COM QUANTOS PAUS SE FAZ UMA CANOA

João Antônio de Jesus..... 149

## Capítulo X

### MEMÓRIA EDUCATIVA: Religando história de vida e ética

Marli Alves Flores Melo..... 173

## Capítulo XI

### ARTE MORAL PELA VIDA

Paulo Corrêa Mendes ..... 185

RESENHA BIOGRÁFICA DOS AUTORES ..... 207

*“O que nos circunda está inscrito em nós.”*

— Edgar Morin

*“O conhecimento não é produto de um sujeito radicalmente separado da natureza ou desligado do contexto, mas resulta de interações com o mundo e com a realidade a qual pertence, de interações com o que acontece no local, a partir de suas conexões com o global.”*

— Maria Cândida Moraes

*“...bondad, beleza, amor, solidaridad, justicia, paz, compasión, ecuanimidad, etc... no son únicamente palabras que expresan valores y sugieren acciones, sino dimensiones que fundan la unidad indisoluble de todos los seres vivos con su medio ambiente y entre sí. No en vano, son el amor, la fusión, la donación y la entrega los que hacen emerger la vida y la sostienen.”*

— Juan Miguel Batalloso (2013)



## INTRODUÇÃO

*“Educar é crescer. E crescer é viver.  
Educação é, assim, vida no sentido  
mais autêntico da palavra.”*

– Anísio Teixeira

Maria Cândida Moraes  
Juan Miguel Batalloso

Esta obra nasceu dos diálogos e intercâmbios de experiências ocorridas em nossa sala de aula, no curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Brasília, mais precisamente em um seminário intensivo sobre *Ética, Complexidade e Transdisciplinaridade*, ministrado pelos Professores **Juan Miguel Batalloso Navas** e **Maria Cândida Moraes**, em início do mês de outubro de 2013. Este seminário foi parte integrante da disciplina *Complexidade, Aprendizagem e Conhecimento: Novos fundamentos ontológicos, epistemológicos e metodológicos da educação*, de responsabilidade de M.C. Moraes.

Surgiu como atividade espontânea e inicialmente não planejada, a partir do diálogo aberto entre professores e alunos, em uma das sessões de trabalho intitulada *“Educação em Valores e Educação Moral”*. Nela, os participantes começaram a expor suas histórias de vida, na tentativa de resgatar aqueles valores essenciais que, de uma forma mais significativa, haviam impactado sua história pessoal e familiar, sua vida como discente ou, então, aqueles valores essenciais nos quais desejamos educar nossos filhos.

Tentando ser fiel à dinâmica e ao clima sócio afetivo e de confiança que emergiram na sala de aula, procuramos direcionar os trabalhos a partir de duas questões:

- 1) **Quais são os valores essenciais e indispensáveis para a educação do século XXI, herdados de nossos pais e demais familiares e que, necessariamente, devem ser cultivados e resgatados?**
- 2) **Qual foi a experiência educacional, formal ou informal, escolar ou social, que mais lhe impactou e marcou sua vida discente e seu desenvolvimento profissional?**

No fervor das discussões apresentadas surgiram depoimentos e histórias muito significativas e interessantes, nas quais facilmente percebemos o quanto essas recordações emocionavam nossos alunos e continham elementos ou conteúdos pedagógicos constitutivos de suas identidades docentes, de suas “matrizes pedagógicas”<sup>1</sup> (Furlanetto, 2007). Apoiados em Josso<sup>2</sup> (2004), entendemos que uma vivência, ou um acontecimento, para que possa ser considerada como experiência, é preciso um trabalho reflexivo sobre o acontecido. Desta forma, solicitamos, àqueles que estivessem interessados em participar deste desafio, que iniciassem a escrita de sua vivência ou de algo significativo de sua história de vida, expondo detalhes, anedotas, circunstâncias, contextos, características ou elementos descritivos considerados importantes.

Solicitamos, ainda, que procurassem desenvolver uma reflexão pessoal e crítica sobre a própria história pessoal, acrescentando detalhes sobre os impactos ocorridos nas diferentes dimensões de desenvolvimento humano, seja pessoal, profissional, escolar, acadêmico, social, político, psicológico, cultural ou espiritual. Após uma semana, várias histórias inesquecíveis e marcantes foram sendo tiradas do “fundo do baú” de cada alma discente ali presente. Depoimentos motivadores de reflexões profundas, impregnadas de memórias sutis, cheias de preciosas lembranças começaram a ser relatados.

---

1 FURLANETTO, Eleide Cunico. **Como nasce um professor?** Uma reflexão sobre o processo de individuação e formação. 4ª. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

2 JOSSE, Marie Christine. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

Assim, pouco a pouco, as vivências foram sendo apresentadas, discutidas e refletidas, transformando-se em experiências singulares e únicas, tecidas por fios invisíveis que nós, professores, começamos a identificar e a utilizar para tecer a teia de experiências criada coletivamente. E nesta tessitura construída e reconstruída por cada um e por todos ao mesmo tempo, nasceu este livro, fruto da emoção, do reconhecimento do potencial educativo e auto-organizador de tais depoimentos e experiências vivenciadas, bem como do compromisso docente de dois professores que, apesar de aposentados, continuam sonhando, insistindo e acreditando que uma outra educação é possível, urgente e necessária.

Mas, para tanto, ambos reconhecem que é preciso mudar o paradigma educacional vigente, abrir as gaiolas epistemológicas que nos aprisionam e aprender a trabalhar a partir de outros fundamentos teóricos, de enfoques que reconheçam que as configurações singulares tecidas ao longo da vida estão sempre em constante diálogo com as matrizes pedagógicas presentes em nosso SER e FAZER docente.

## Ética, educação e complexidade: uma proposta de diálogo

Quais eram, então, os nossos objetivos? Na verdade, pretendíamos iniciar um debate e utilizar a metodologia existencial como uma das estratégias válidas para a educação moral, partindo dos relatos biográficos ou de histórias de vida, como fonte de um conhecimento de natureza transdisciplinar. Poucos são aqueles professores que valorizam a experiência de vida e o itinerário biográfico pessoal do discente, reconhecendo-os como recursos educacionais de primeira grandeza para o desenvolvimento da Ética ou como um saber educativo transcendental e transversal para o século XXI. Na maioria das vezes, muitos esquecem que as experiências e as histórias de vida são fundamentais nos processos de ensino-aprendizagem e o quanto somos afetados em nossos processos de desenvolvimento e de maturação profissional pelos acontecimentos do passado, por nossas lembranças, experiências pessoais e profissionais, pois nada que acontece ao ser humano é trivial, inócuo ou inconsequente, como nos afirma Maturana em várias de suas obras.

Além de reconhecer que a ética é o saber mais transcendental para o século XXI, observamos também que este saber é indissociável da aprendizagem da condição humana. Assim, pois, a reflexão, a desconstrução e a reconstrução de nossa experiência, sempre única, singular, integral, complexa e multidimensional, é a que, em última instância, alimenta e estimula nossos processos autoformativos e de maturação pessoal. E isto é algo sumamente útil quando analisamos nossas experiências discentes e docentes, já que mediante análise, podemos descobrir tanto os valores interiorizados e integrados em atitudes, como aquelas formas de ação docente que melhor têm contribuído as aprendizagens mais significativas e transversais e a nossa própria forma de sentir, dizer e fazer educação.

Ao resgatar as experiências educativas formais e não formais de nossos alunos e alunas, foi possível demonstrar o quanto o diálogo com tais arquivos existenciais traz consigo uma série de elementos vitais enriquecedores das práticas educacionais vivenciadas, geradoras de espaços reflexivos que promovem o desenvolvimento da autoria, como produto de processos autoeco-organizadores emergentes e transcendentais que ocorrem nos ambientes de aprendizagem dos cursos de formação. Neles, vivência, experiência, aprendizagem, formação, subjetividade, intersubjetividade, identidade se mesclam em um processo recursivo e autoeco-organizador que se enriquece com as práticas biográficas desenvolvidas, possibilitando, assim, a emergência ou a elaboração de uma síntese de conhecimentos construídos nos processos dialógicos decorrentes das análises desenvolvidas, iluminadas pelos saberes científicos, filosóficos e existenciais trazidos pelos docentes e discentes do curso.

O diálogo sobre as diferentes histórias de vida que foram surgindo, ao rememorar experiências significativas e relevantes, ao refletir sobre elas e perceber sua influência nas práticas docentes ou nos processos formativos, permitiu que alunos e alunas fossem sendo impregnados pelas emoções, pelos sentimentos e percepções nutridoras de processos autorreflexivos e auto-organizadores de sua ação pedagógica. Tais lembranças foram se transformando em sementes polinizadoras de processos formativos com sentido e significado para todos, processos esses nutridos por vivências carregadas de sentido, de sensibilidade, de emoção, de sentimentos e valores,

com profundo potencial transformador de seu fazer docente pautado por uma ética de e para a vida.

Dai ficou, então, muito mais fácil trabalhar os demais conteúdos pedagógicos previstos para este seminário sobre *Ética, Educação e Complexidade*. O compartilhamento dessas experiências facilitou o diálogo sobre os desafios éticos da educação de nosso tempo, permitiu melhor constatação das dificuldades enfrentadas por nossas instituições educacionais no trato destas temáticas e a percepção de quanto os fundamentos teóricos da complexidade e da transdisciplinaridade podem colaborar para melhor compreensão da ética e da moral. Ficou, também, mais fácil analisar e perceber os vínculos entre ética e Educação, reconhecendo-os como fenômenos complexos e transdisciplinares de importância transcendental e estratégica para a construção de um novo paradigma civilizatório para o século XXI, voltado para a consolidação de uma futura comunidade de destino.

## Educação transdisciplinar e experiências de vida

Ao trabalhar a partir das experiências de vida dos alunos, foi possível perceber o quanto é necessário reconciliar cognição e vida, sujeito e existência, vivência/experiência, docência/ciência e consciência, reconhecendo que a aprendizagem é, necessariamente, algo inerente ao nosso viver/conviver, algo imbricado em nossa corporeidade, que perpassa por nossas memórias, desejos, recordações, revelando emoções e sentimentos até então desconhecidos. Foi importante, também, perceber que aquilo que nos rodeia ou que, aparentemente, tinha ficado no passado, em realidade, continua inscrito dentro de cada um de nós, presente em nossas recordações, vivo em nossa ecologia interior, pronto a ser resgatado em um singelo piscar de olhos.

Esta experiência educacional vivenciada com nossos alunos, em realidade, acabou também nos dando algumas pistas de como responder à questão de pesquisa há tempos formulada por nosso amigo Pascal Galvani<sup>3</sup>,

---

3 GALVANI, Pascal; PINEAU, Gastón. Experiências de vida e formação docente: religando os saberes. In: Maria C. Moraes e Maria C. Almeida: *Os sete saberes necessários à educação do presente*. Rio de Janeiro: WAK, 2012.



no direcionamento de seus projetos: *Como operar a passagem de uma educação baseada no paradigma tradicional, como reflexo da disjunção do saber e da vida, para um processo de formação baseada na interdependência complexa entre o sujeito que conhece e os diferentes saberes teóricos, práticos e existenciais?*

Entre as várias alternativas e possibilidades, entendemos que, para operar essa passagem, é preciso utilizar, procedimentos adequados de planejamento e de pesquisa, como também alguns instrumentos metodológicos ou algumas estratégias didáticas mais condizentes com os fundamentos do novo paradigma professado. Necessitamos de estratégias que favoreçam o resgate da subjetividade, o reconhecimento da identidade docente, estratégias que permitam uma certa descentralização epistemológica e metodológica, no sentido de colaborar para o estabelecimento de novas pontes, de novas relações, articulações, integrações e ligações entre o sujeito e o objeto do conhecimento, entre o pessoal e o profissional, entre vida e aprendizagem.

Esta estratégia adotada de reflexão sobre fatos, vivências e histórias de vida certamente, é uma delas, ao possibilitar a tomada de consciência sobre as experiências, ao deixar emergir e formalizar as experiências embrionárias constitutivas de suas respectivas “matrizes pedagógicas”<sup>4</sup> (Furlanetto, 2010). O saber experiencial resultante da aplicação desta estratégia é genuíno em seus efeitos profundamente libertadores.

Isto porque, ao resgatar essas experiências mais marcantes de suas vidas, ao refletir sobre elas, estamos também resgatando a alma docente, que traz consigo a fé, a esperança, a utopia e o sonho de Ser professor, dimensões estas nutridoras de sua docência e de suas escolhas profissionais. Ao trabalhar as histórias de vida, estamos religando passado, presente e futuro, facilitando a integração de processos ocorridos no passado, mas que ainda continuam inconscientemente presentes no seu cotidiano. Ao mesmo tempo, estamos também ressignificando, não apenas o conhecimento que está sendo construído naquele determinado momento de seu processo de formação continuada, mas dando um novo sentido e uma nova direção àquela aprendizagem construída ao longo da vida. Na verdade, tal prática ou

---

4 FURLANETTO, Eleide. Docência, experiência e transdisciplinaridade. In: M.C. Moraes e J. M. Batalloso Navas. **Complexidade e transdisciplinaridade na educação**. Rio de Janeiro: Editora WAK, 2010.

estratégia didática de natureza transdisciplinar nos permite religar os sentidos teórico, prático e poético existencial, ou seja, religar os diferentes níveis de realidade dos sentidos que permeiam as experiências de aprendizagem.

E com isto, estamos também ajudando aquele professor/aluno a tornar-se um docente mais crítico e reflexivo a respeito da qualidade de seu trabalho, a ser um artesão mais consciente de seu próprio pensar, um profissional mais competente e iluminado por uma dimensão humanista e mais ciente de sua práxis, de suas escolhas e potencialidades. Com isto, estamos também colaborando para descobrir novas vias de reflexão e diálogo sobre as experiências de humanização de nossa prática pedagógica.

Em um processo de formação docente, a passagem de um operar pautado no paradigma tradicional por outro que reconheça o sujeito em sua multidimensionalidade, que valorize as histórias de vida e resgate nelas experiências com sentido e significado, que valorize o diálogo razão/emoção/sentimento/intuição, que desenvolva um diálogo ou construa um conhecimento que vá além do que é estritamente disciplinar, certamente não é algo fácil de acontecer ou de ser catalisado ou processado.

Isto porque a epistemologia em que o paradigma tradicional, de natureza positivista, se apoia, pautada no reducionismo, no determinismo, na causalidade linear, na razão ilustrada e na efetividade do saber, remete a uma postura do conhecimento que, sob nosso ponto de vista, é insuficiente e incapaz, metodologicamente, de responder plenamente aos problemas de natureza complexa que permeiam a educação.

Desta forma, promover a passagem de um paradigma disciplinar, compartimentado, a outro que associa e reconheça a incerteza, as emergências ocorrentes nos processos humanos, que encoraja o diálogo e os saberes tecidos nas fronteiras do conhecimento, requer, sem dúvida, uma nova engenharia do processo de formação, exigindo uma outra maneira de pensar, de raciocinar, mais dialógica e integradora de processos e fatos e menos discursiva, reducionista e fragmentadora da realidade. E isto não é nada fácil.

Além do ser humano ser profundamente resistente ao novo e os educadores terem dificuldade de abrir suas gaiolas epistemológicas para mudar suas práticas pedagógicas, isto também demanda certa clareza

epistemológica e uma nova epistemologia que trabalhe a complexidade inerente ao sujeito em suas relações com o objeto, bem como uma metodologia que trabalhe o conhecimento contextualizado, relacionado, portanto, ao cotidiano e capaz de reestabelecer os vínculos e relações ocorrentes na escola da vida. Aprender a contextualizar os saberes implica o aprender a se conscientizar e a criticar suas próprias teorias implícitas, mediante a produção de um saber dialógico com os outros, nos diriam nossos amigos Pascal Galvani e Gastón Pineau<sup>5</sup> (2010).

Demanda, assim, uma base ontológica e epistemológica capaz de reconhecer a unidade complexa das relações e de superar dualidades aparentemente contraditórias como sujeito/objeto, unidade/diversidade, consciente/inconsciente, simplicidade/complexidade, ordem/desordem, teoria/prática, reconhecendo-as em seus aspectos complementares, como produtos de uma recursividade natural auto-organizadora da vida. Demanda, portanto, uma epistemologia e uma metodologia abertas à incerteza, ao acaso e ao inesperado, abertas aos processos autoeco-organizadores inerentes ao nosso viver/conviver. Enfim, exige metodologias abertas aos diálogos com os diferentes saberes constitutivos da dinâmica da vida.

## Por uma docência transdisciplinar

*“A transdisciplinaridade é um princípio epistemológico e metodológico que pressupõe atitude de abertura do espírito humano ao vivenciar processos que envolvem uma lógica diferenciada, uma nova maneira de pensar, de perceber e de compreender a realidade e a dinâmica da vida.”*

– M.C. Moraes

Trabalhar histórias de vida, experiências ou relatos subjetivos sobre fatos ou acontecimentos marcantes da vida, seja ela profissional ou pessoal, nos ambientes de formação docente, requer, portanto, outras perspectivas teóricas e epistemológicas que reconheçam e valorizem tais procedimentos,

---

5 Galvani, Pascal & PINEAU, Gastón. Experiências de vida e formação docente: religando os saberes. In: M.C. Moraes e M.C. Almeida. **Os sete saberes necessários à educação do presente**. Rio de Janeiro: Editora WAK, 2012.

a partir de metodologias que promovam a “ressurreição do sujeito”, em detrimento da objetividade predominante no paradigma tradicional.

Uma metodologia, também conhecida como sendo de pesquisa social de natureza antropológica, que trabalhe a partir de narrativas pessoais (orais ou escritas) que, para serem consideradas como instrumentos pedagógicos significativos de formação docente, de constituição do ser docente, precisam ser refletivas, questionadas e trabalhadas, para que a vivência ocorrida possa, realmente, chegar a se transformar em experiência com sentido, significado e orientação para sua docência.

Dentre as perspectivas onto-epistemo-metodológicas existentes, capazes de colaborar para que esta mudança paradigmática, acolhedora dos relatos e das histórias de vida, seja considerada como estratégia válida de processos de formação, está a complexidade e a transdisciplinaridade, teorias que se manifestam a partir de novas perspectivas teóricas constitutivas de uma docência também, por nós, caracterizada como sendo de natureza transdisciplinar.

A visão transdisciplinar propõe que consideremos a realidade como sendo multidimensional, estruturada a partir de múltiplos níveis, substituindo, assim, o pensamento clássico que a concebe como sendo unidimensional, ou seja, constituída de apenas um nível fenomenológico. Diferentes níveis de realidade, ou diferentes níveis fenomenológicos, são acessíveis ao conhecimento humano graças à existência de diferentes níveis de percepção do sujeito, e a estrutura dos níveis de realidade ou de materialidade do objeto é uma estrutura de natureza complexa, razão pela qual os diferentes níveis coexistem, como por exemplo, as realidades macrofísica, microfísica e virtual.

Isto nos leva a trabalhar com uma epistemologia que ajuda a materializar o cruzamento dos saberes, como por exemplo, a religação dos saberes científicos com os saberes existenciais, espirituais ou experienciais, o diálogo entre ciência, arte e tradições, bem como nos ajuda a trabalhar os diferentes níveis de realidade e de percepção dos sujeitos. O que a transdisciplinaridade traz de novo, a partir de uma ontologia complexa, é uma epistemologia e uma metodologia que abre as disciplinas, sem negá-las, que regenera o sujeito e o reconcilia com o objeto na tentativa de recompor um todo

organizacional mais coerente, portador de sentido, de significado e facilitador de decisões (Paul, 2013<sup>6</sup>).

Portanto, uma docência transdisciplinar, pautada no paradigma da complexidade e na epistemologia da transdisciplinaridade, traz consigo uma mutação na perspectiva epistemológica do sujeito, resgatando a subjetividade e a intersubjetividade processual de natureza crítica e reflexiva, e que vai se transformando de acordo com as circunstâncias vividas, com as reflexões desenvolvidas e em função de uma temporalidade existencial que atua na relação cognitiva entre consciente e inconsciente. Este interregno na temporalidade existencial, muitas vezes, é condição para que o trabalho de recordação do fato, e de sua interpretação, bem como de busca de sentido, realmente aconteça. É condição para que as vivências inconscientes possam revelar-se à consciência e serem integradas e ampliadas em seus novos padrões organizacionais.

Assim, na docência transdisciplinar a questão do tempo humano que permite a releitura do passado, ou a passagem do nível inconsciente ao consciente, não está dissociado da mudança da identidade subjetiva ocorrida no tempo e nem dos processos autopoieticos emergentes nos padrões organizacionais. Isto porque somente somos capazes de fazer uma releitura do passado, ou do fato acontecido, se houver realmente uma mudança de percepção em relação ao acontecimento. Isto, muitas vezes, implica um determinado tempo para que uma mudança de compreensão e de consciência se manifeste a partir da mudança do nível de percepção e de realidade do sujeito aprendente que, por sua vez, requer um tempo para que os circuitos recursivos autopoieticos possam realizar o devido retorno para a compreensão dos momentos ou fatos ocorridos. O problema é que nós, educadores, nos processos de formação inicial ou continuada, nem sempre estamos atentos ou sensíveis às necessidades de tempo dos nossos alunos para a devida estruturação de suas experiências. E desta forma, muitos processos de desenvolvimento e de aprendizagem são, verdadeiramente, abortados.

Desta forma, a docência transdisciplinar precisa ser dialógica, complexa, sensível, integradora, consciente, inovadora, criativa, multidimensional e competente, tendo a ética como elemento que perpassa todas as ações

---

6 PAUL, Patrick. *Saúde e transdisciplinaridade*. São Paulo: EDUSP, 2013.

desenvolvidas. Mais do que uma função, mais que um conjunto de competências, a docência transdisciplinar é, em realidade, um processo que implica cuidado e amorosidade, amor à vida, à verdade, ao conhecimento e amor às pessoas que estão sob os nossos cuidados para que floresçam e realizem o que lhes corresponde.

Assim, toda docência bem feita implica amorosidade, cuidado e doação incondicional, pois consideramos que não existe um verdadeiro processo de ensino e aprendizagem sem um envolvimento da pessoa por inteiro, em todas as suas dimensões. Ela não deve ser materializada mediante ações de transmissão, memorização, inculcação, mas mediante processos de aprendizagem de natureza complexa, no qual acontece um vivo intercâmbio de informações, conhecimentos e aprendizagem, uma verdadeira troca de energia, matéria e vida, processos esses íntima e complexamente entretecidos através das relações educador/educando.

Tudo isto implica, certamente, o desenvolvimento de um processo de construção e autorrealização vocacional, já que a verdadeira docência transdisciplinar não se reduz à uma habilidade pura e simples de se trabalhar conteúdos ou ao manejo de estratégias pedagógicas e muito menos transmissão vertical de informações ou um ditado magistral de ideias e crenças, sobretudo, porque em todo ato docente existem sempre dimensões éticas e estéticas envolvidas, sendo, portanto, uma atividade artística, intuitiva, iluminadora, criativa e profundamente carregada de valores éticos. Exige, assim, que as dimensões ontológicas, teleológicas e axiológicas estejam presentes para que o próprio sujeito docente seja aquele que desconstrua e reconstrua seu singular e multidimensional processo de autorrealização pessoal e vocacional, no diálogo e na interação permanente com as possibilidades e limitações que seu contexto lhe oferece.

Como observado anteriormente, outro aspecto fundamental da docência transdisciplinar é a necessidade de que ela esteja atenta ao processo de desenvolvimento da consciência e à construção de níveis cada vez mais amplos, abrangentes e iluminados de consciência. Níveis esses capazes de expressar condutas menos egocêntricas, mais voltadas para o global, o universal, a favor da vida e especialmente comprometidas com a defesa dos mais humildes e débeis. Isto exige ações concretas de caráter curricular que sejam capazes de promover a autoconsciência, a consciência social,

política e ética, bem como a consciência da própria identidade cultural, além da consciência planetária.

Deste modo, a construção da própria imagem como docente, a aprendizagem de estratégias de autorrealização e de desenvolvimento da consciência, assim como o uso e a criação de técnicas metodológicas para a construção de conhecimento pedagógico e, inclusive, a formalização de propostas curriculares, se desdobram em ações que são indissociáveis e inseparáveis do próprio processo de maturação pessoal, que se nutre, não somente da própria experiência, mas também do intercâmbio, da interação e da cooperação fraterna e solidária com os alunos que aspiram e desejam formar-se como educadores. Tudo faz parte de um processo de enriquecimento mútuo, no qual o docente e o discente aprendem juntos a descobrir novas nuances e visões do fenômeno educativo, assim como também a descobrir novos caminhos e estratégias, para que a emergência de um novo paradigma educacional não se converta em uma mera abstração especulativa, baseada em bons desejos e intuições, mas que, na prática, viva de um fazer histórico concreto, que se interpreta, verifica e avalia, a partir das necessidades educativas mais essenciais, cujos eixos transversais são a Ética e a complexa condição humana que é, ao mesmo tempo, individual e planetária.

Entendemos, pois que, uma docência transdisciplinar, consciente dos diferentes níveis de realidade que se apresentam nos ambientes educacionais, da complexidade inerente ao próprio processo de construção do conhecimento e em como a realidade se apresenta nutrida por uma lógica diferenciada e inclusiva, exige por parte do educador transdisciplinar o rigor, a tolerância, o respeito, a abertura, a humildade diante da realidade e do conhecimento, bem como o cuidado com a dimensão inclusiva em todas as etapas dos processos educacionais.

Desta forma, as velhas competências da profissão docente baseadas exclusivamente na busca da eficácia da transmissão e na separação entre docência e discência, transformam-se em uma investigação reflexiva, crítica, rigorosa e exigente por construir novos conteúdos e novas estratégias metodológicas e didáticas mais coerentes com as necessidades dos seres humanos de nosso tempo e, especialmente, com as necessidades dos mais

débeis e geralmente excluídos dos circuitos acadêmicos e oficiais das Ciências da Educação.

Assim, pois, ao situar o diálogo, a reflexão compartilhada e reconstrutiva da própria experiência pessoal, docente e discente, a partir do intercâmbio aberto de acontecimentos e fatos concretos de caráter escolar e educativo, estamos abrindo as portas a um novo tipo de Didática. Uma nova Didática que, mais além da linguagem dos princípios, das normas e das receitas nas quais fomos formados e deformados, nos empodera para construir nosso próprio ser docente, já não como um ideal inacessível e abstrato, mas como produto das possibilidades de enriquecimento e melhoria que nos oferece nossa própria ação histórica e contextual que é, ao mesmo tempo, pessoal, profissional, social, política, ética, estética e espiritual. E isto é assim, porque se, na verdade, temos toda a infraestrutura tecnológica e as tecnologias intelectuais disponíveis para tanto, mas, todavia, falta-nos a consciência de que poderemos também nos constituir como uma comunidade de destino, uma comunidade planetária que compartilha o mesmo destino histórico. E esta consciência é fundamental para a sustentabilidade individual e coletiva e para a sobrevivência da humanidade.

O docente transdisciplinar é, então, aquele que valoriza a complementaridade dos processos, o desenvolvimento de sínteses integradoras, a presença de uma racionalidade aberta que capta relações em vez de trabalhar com instantâneos estáticos, destacando a relevância de se promover convergências necessárias em vez de se ressaltar apenas as divergências conflitantes, muitas vezes desnecessárias e inoportunas. Mas, também é aquele que se compromete em ações de solidariedade e dedicação incondicional aos seus alunos e em sua própria formação pessoal e docente, como um processo permanente de responsabilidade pessoal e social dirigido a transformação do mundo e de si mesmo. Em resumo, é aquele entende que a dualidade pode ser superada a partir da percepção construída em outro nível de realidade, no qual é possível combinar diferentes pontos de vista e opções aparentemente excludentes, opostas e contrárias, a partir de um nível de percepção mais ampliado, profundo e abrangente, um nível que necessariamente está atravessado e alimentado pela ética, a espiritualidade e a responsabilidade profissional, social e política. Ao trabalhar a unidade



dos contrários, as contradições aparentes, ele não nega a subjetividade e tampouco a coletividade, entendendo que nenhum fenômeno humano pode ser expresso ou interpretado de modo simplificado e dual.

Neste sentido e hoje mais do que nunca, necessitamos construir uma docência transdisciplinar que se funde no desenvolvimento permanente e integral de nossa consciência como pessoas e como docentes que aspiram a autorrealizar-se, conhecer-se, melhorar-se e dedicar-se incondicionalmente a seus alunos, porque este é também um caminho e um espaço de transformação e de responsabilidade social. Trata-se, pois, de tornar possível, cada um em seu contexto, seja social, profissional, escolar ou acadêmico, a emergência de propostas, projetos e ações educacionais dirigidas a transformar o mundo e a lutar por uma cidadania planetária baseada na justiça, na liberdade, na paz e na fraternidade universal, mas também pela compreensão humana, o autoconhecimento, a sensibilidade, a responsabilidade e a solidariedade.

Desta maneira, como educadores nutridos por uma outra lógica diferente da lógica binária, estaremos mais bem capacitados para articular e trabalhar a existência de um outro triângulo que a educação precisa aprender a cultivar. O triângulo constituído pela **ciência**, **docência** e **consciência** que emerge a partir de uma docência transdisciplinar. Um triângulo, cuja dinâmica operacional e interativa de seus elementos constituintes, possibilitará, não apenas a construção e a evolução do pensamento científico e das múltiplas inteligências humanas, mas também o desenvolvimento da consciência e, conseqüentemente, a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos/ãs envolvidos nesses processos de formação diferenciados e de transformação social.

Ao finalizar esta introdução, aproveitamos para agradecer a todos os alunos/as que participaram desta maravilhosa aventura, tirando do seu baú existencial histórias de vida com sentido e significado tão relevantes.

Janeiro/2014

*“Formam-se a mente e o sentimento pelas conversações;  
Corrompem-se a mente e o pensamento pelas conversações.”*

– Blaise Pascal

## Capítulo I

# ENAMORADAS DA EDUCAÇÃO

*“Nos salvamos, una y otra vez, sobre todo por las mujeres; porque no sólo dan la vida, sino que también son las que preservan esta enigmática especie...”*

— Ernesto Sabato. 1999.

“Antes de Ifin”

Juan Miguel Batalloso

### Sementes de amor

Sobre o velho e oxidado tripé de ferro irregular daquela pequena e lúgubre cozinha, uma chaleira de água esquentava lentamente. Entretanto, minha mãe, com seus hábeis e largos dedos, costurava a roupa de meu pai, na tentativa de produzir uma nova calça comprida para enfrentar o frio do inverno que eu teria que passar pela primeira vez na Escola. Era o ano de 1958 e posso assegurar que, embora não tenha passado fome física e nunca tenha me faltado roupa limpa e nem material escolar, nos primeiros anos de minha vida aprendi o que significava a escassez e a ansiedade de perceber que o salário de meu pai não chegava até o final do mês.

Minha mãe, sempre excessivamente preocupada com a ordem, a limpeza e uma paciência infinita para me cuidar e orientar meu sempre

desobediente e rebelde caráter, teve que trabalhar até os meus dez anos de idade. Tratava-se de um trabalho artesanal, delicado e criativo que, embora lhe proporcionasse escassos benefícios, o fazia de mil amores. Era professora de “Corte e Costura” e ensinava as moças daquele povoado a confeccionar vestidos e a fazer todo tipo de trajes, camisas e roupas de vestir, tanto para senhoras como para cavalheiros. Daí o fato de eu nunca ter tido problemas de falta de roupa, porque minha mãe conseguia reciclar tudo, desde as sobras de recortes de tecidos procedentes de seu grupo de alunas ou, então, das roupas de uniforme que davam ao meu pai, recortes de tecidos com os quais ela me fazia todo tipo de prendas.

Com minha mãe, aprendi, pois, muitíssimo. Foi a minha mais estimulante e influente educadora, porque o impacto e a profundidade de seus ensinamentos, de sua sensibilidade, atenção, paciência, ordem, cuidado, esforço como prazer tranquilo e sereno de se fazer as coisas bem e outros muitos que me presenteou como o seu infinito amor por mim, seguem me acompanhando, apesar de meus numerosos erros passados e presentes. Creio que, ademais, foi sem se propor e nem me dizer nada, a minha primeira professora de espiritualidade, e como disse Leonardo Boff (2007),

*vivemos porque temos que cuidar da vida. A Espiritualidade é a qualidade de todo ser que respira. É a atitude que põe a vida no centro, que a defende e a promove contra tudo o que vai contra....*

## Conhecendo o medo

Recordo-me que, naquele ano de 1958, fui pela primeira vez ao que, em Espanha, se chamava de “Escuela Nacional”, que nesse tempo estava sendo regida, preponderantemente, por professores sem estudos pedagógicos, procedentes, em grande parte, do exército golpista e vencedor da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), já que as professoras e professores da IIª República haviam sofrido duras represálias e muitos tinham sido assassinados. Tratava-se de Escolas de caráter fortemente autoritário e fascista, fundamentadas em uma espécie de magma ideológico denominado

“nacionalcatolicismo”, uma mistura do que era mais conservador, rancoroso e fascista do Regime de Franco e do mais antigo, tradicional e dogmático da Igreja Católica.

Aquela primeira experiência escolar, a recordo como num filme em branco e preto, desses que se veem com numerosas rachaduras e cortes. Não obstante, posso distinguir, com suficiente nitidez, um grupo de meninos aterrados de frio que, com calças curtas e remendadas e jalecos descoloridos pelo uso, cantavam, levantando o braço à porta da Escola, momentos antes de se entrar nas classes. Tratava-se de uma cerimônia diária, na qual o professor-militar, com uma vara de marmelo na mão, que a utilizava como batuta ou como instrumento de disciplina e castigo físico, nos obrigava, com diligência, a realizar.

Visto desde longe, com aquele professor, não aprendi absolutamente nada do escolarmente exigível. Não apenas a ler, mas também nem cheguei a escrever nem a calcular corretamente, embora, desde logo, pensando bem, creio, que aprendi outras coisas. Aprendi a assustar-me e a ter muito medo, dados que os gritos tremendos do professor e os murros que, surpreendentemente, ele dava na mesa, tinham-me sempre em alerta e mui atento. E se não estivesse atento, bem sentado e olhando-o fixamente quando recitava seus discursos ou nos punha a rezar, poderia receber alguns dos golpes com os quais alegremente estimulava os alunos que considerava mais revoltosos.

Meu pai, adepto daquele regime católico-militar, tinha frequentemente o mesmo estilo que meu professor, por isto o que fazia e me acontecia na escola, era, para ele, perfeitamente assumido e natural, de tal modo que, se recebia alguma queixa a meu respeito, eu estava perdido, porque o castigo, então, se multiplicava por dois. Entretanto, meu pai, debaixo de seus modos disciplinares e autoritários de conceber minha educação, estava convicto de que aprender e formar-se era algo de primordial importância para mim, um objetivo ao qual se dedicou e se sacrificou, envidando todos os seus esforços e energia. Por isto, ao comprovar o meu fracasso escolar naquele ano, decidiu me mudar de escola e me matriculou em um colégio particular regido por religiosos franciscanos, acreditando que ali, eu recuperaria todas as minhas dificuldades e lacunas de aprendizagem.

Mas, se minha primeira experiência escolar tinha sido ruim com aquele professor-militar da Escola Nacional, no novo Colégio Franciscano foi, todavia, muito pior. Eu, inicialmente, era um menino assustado que já tinha sido marcado tanto pelo medo ao meu pai, como pelo medo ao professor e a seus castigos, uma marca que no Colégio Franciscano terminaria por reforçar, porque ali, os castigos físicos eram ainda mais duros e severos. Recordo-me do Frei Antônio que me batia com uma régua grossa na mão, cada vez que eu me equivocava calculando ou escrevendo, um castigo muito refinado, porque para aumentar a dor, fazia-nos colocar a mão para cima, ou para abaixo ou, então, em forma de ovo com os dedos entrelaçados. Em realidade, aquele frade, era um especialista em ensinar diversos tipos de castigos físicos. Sua obsessão era o silêncio, a obediência e a imobilidade, e se esse clima não se podia conseguir, pois, além de aplicar a “regra três” (mãos para cima, mãos para baixo e mãos em ovo) adotava outras variedades de disciplina. Ele tinha diversas modalidades de castigo: ficar de pé ou ajoelhado sem se apoiar em nada durante um bom tempo; com os braços para baixo ou em cruz e, em outras ocasiões, suportando o peso de um ou de vários livros. Naquela classe de Frei Antônio era frequente ver algum aluno castigado ficar ajoelhado, olhando a parede com os braços em cruz e com os livros pesando nas mãos, algo que experimentei por mim mesmo, em alguma ocasião.

Assim que, naquele Colégio de Frades, somente estive, também, em um curso escolar, porque tampouco aprendi algo escolarmente útil, embora tenha reforçado e aumentado o meu medo. Um medo que, com o tempo, se transformou em algo interno, desmotivado e inexplicável, acompanhando-me ao longo de muitos anos de minha vida. Fiquei, pois, com uma certa incapacidade para o enfrentamento de situações de dor e sofrimento, em grande parte, imaginárias, ocasionando-me, assim, diversos conflitos de natureza psicológica e social, dos quais, todavia, ao longos dos anos, não me libertei totalmente. É como diz Krishnamurti

*Cuando somos niños, el temor se nos inculca a la mayoría de nosotros en la escuela y en el hogar (...) La verdadera educación debe tener en consideración este problema del temor, porque el temor deforma nuestra*

*visión total de la vida. No tener miedo es el principio de la sabiduría, y sólo la verdadera educación puede lograr la liberación del temor, en la cual existe únicamente la profunda inteligencia creadora.*

Aquilo, pois, não era em absoluto Educação, mas domesticação selvagem e desumana, legitimada social e culturalmente por uma ditadura cruel e uma Igreja Católica medieval e inquisitorial.

Entretanto, foi naquele curso escolar de 1959/60, onde, creio que começou também, umas das que considero minhas maiores aprendizagens existenciais, graças às diversas estratégias de fuga e de sobrevivência que fui adquirindo, pouco a pouco, em um meio hostil como aquele. Agora, eu creio que minha confabulação e cumplicidade com os companheiros mais travessos e revoltados foi o que me permitiu começar, de forma natural e inclusive lúdica, já na adolescência, a resistir e a desobedecer de forma plenamente consciente.

De alguma maneira, aprendi a fugir e a me rebelar, uma forma incipiente de aprendizagem da estratégia de guerrilha, produto da indignação e da raiva que se incrustou fortemente em meu interior na segunda infância e que se desenvolveu plenamente ao longo de toda a minha adolescência e grande parte da vida adulta. Uma aprendizagem que, embora reconheça, neste instante, que tenha sido básica e primariamente reativa e impulsiva, creio que, de forma indireta, não isenta de conflito e de sofrimento interno, me serviu, não apenas para sobreviver, mas também para afirmar minha dignidade e ir construindo, anos mais tarde, minha identidade e minha autoestima, apesar de, muitas vezes, esta aparecesse disfarçada e ensombreada pela ira, a soberbia ou o orgulho. Quanta razão tinha Krishnamurti (1991) ao dizer que

*Es necesaria una cultura nueva. La vieja cultura está muerta, consumida, sepultada, hecha trizas, vaporizada. Ustedes tienen que crear una cultura nueva. Una cultura nueva no puede basarse en la violencia. La nueva cultura depende de ustedes, porque la vieja generación ha construido una cultura sustentada en la violencia, en la agresividad, y eso es lo que ha originado toda esta confusión, toda esta desgracia.*

## Pedagogia da ternura

Depois de dois anos de escolaridade fracassada, sem haver aprendido corretamente e com desenvoltura a ler, a escrever ou a calcular, meu pai resolveu apostar e, atendendo a preocupação de minha mãe, me matriculou em um novo colégio particular. Tratava-se, desta vez, do Colégio da Caridade, regido pelas monjas da Caridade, um lugar no qual verdadeiramente encontrei minha salvação como aluno e como pessoa. Visto à distancia, foi em “La Caridad” e graças a ela, a qual devo realmente muito dos valores que ao longo de minha vida, em maior ou menor grau, têm me guiado.

Recordo-me, viva e intensamente, com imensa ternura, carinho e agradecimento as duas monjas, ambas tocadas por um espetacular chapéu que, nos primeiros dias me pareceram bruxas que assustam e raptam os meninos, mas muito rapidamente compreendi que eram mais anjos que estavam ali para me proteger. Uma era a Irmã “Sor. Dolores” e a outra “Sor Higina”. Sor Dolores se encarregava de ensinar conduta, História Sagrada, trabalhos manuais, a ler e a escrever, enquanto que Sor Higina, que era a mais inteligente e ativa, se responsabilizava pelas matemáticas, pelas ciências naturais e também pela gramática e a ortografia.

Sor Dolores era doce, falava devagar, muito baixo e em todas as manhãs, nos dava bom dia na porta da escola e sempre nos fazia alguma carícia, passando-nos a mão pela cabeça. Agora que a recordo, era como minha mãe. Atenta, carinhosa, olhando sempre para baixo, com uma paciência extraordinária e uma doçura impossível de se evitar. Foi Sor Dolores, depois de dois ou três meses de estadia naquela pequena escola, a que, graças aos meus progressos ou ao enamoramento que me contagiou, a que me propôs ser coroinha ou ajudante de Missas pelas manhãs antes de entrar, algo que naquela escola era um prêmio, pelo o que aceitei encantado, já que meus pais se sentiram muito orgulhosos, pelo fato de serem muito católicos e praticantes. Foi Sor Dolores a que sempre intercedeu por mim quando Sor Higina me criticava e o dizia aos meus pais. Foi ela, uma simples mulher do povo, a que sempre me alegrava o dia ao nos receber a todos tão amorosamente, algo que era, exatamente, o mais radicalmente oposto ao que havia vivido nos anos anteriores.

Sor Higinia era de outra maneira e com ela tive alguma ou outra trombada, dada a minha tendência à rebeldia. Era também carinhosa, mas não tão doce como a Sor Dolores, embora muito mais rápida, diligente e melhor preparada para ensinar os diversos conteúdos. Sua preocupação fundamental era que aprendêssemos muitas coisas no menor tempo possível e, assim, foi. Graças a Sor Higinia, recebi o que agora conhecemos como atenção individualizada e centrada em minhas necessidades pessoais. Todos os dias ela corrigia, revisava, o meu caderno, pelo menos duas vezes e todos os dias me pedia para ler em sua mesa, com uma certa proximidade pessoal e afetiva que nunca me esquecerei. Recordo-me que colocava sua mão no meu ombro e com o lápis ia sinalizando-me as linhas pelas quais eu deveria ir lendo em voz alta diante dela, ou quando eu não entendia algo, ela ia sempre à minha mesa sem me avisar e explicava o assunto somente a mim, prestando-me sempre atenção e escutando qualquer coisa que eu lhe dissesse.

Sor Higinia sabia de tudo e tinha organizada sua aula de tal maneira que, ao mesmo tempo em que você encontrava uma coleção de rochas, corpos geométricos ou a esfera terrestre que, em qualquer momento poderia tocar, sempre que terminássemos nossas tarefas. Também havia coleções de folhas dissecadas e numerosos vidros com insetos e pequenos répteis embalsamados, sem me esquecer das paredes da sala de aula que estavam sempre decoradas com diversos mapas da Espanha e do mundo, assim como murais com o corpo humano. Era tudo um espetáculo em um tempo em que não existiam computadores e nem televisores, bem como nenhum outro tipo de recurso visual.

Foram tais as aprendizagens escolares e a felicidade que eu senti com aquelas “hermanas” cheias de carinho e humanidade que, em tão somente um ano, já estava completamente preparado para fazer o exame de ingresso ao 1º ano do Bacharelado, ou seja, à Escola Secundaria. Com apenas nove anos, aquelas monjas conseguiram me enganchar na curiosidade e na aprendizagem autônoma, fazendo-me esquecer do medo e dos sustos que havia sofrido nos cursos anteriores. Mas, com aquela tenra idade não permitiram que eu me apresentasse ao Exame de Ingresso e, assim, tive que esperar outro ano mais. Assim, com dez anos, além dos conhecimentos exigidos para o referido Exame, que superei amplamente, Sor Higinia havia



me ensinado a escrever à máquina; a fazer numerosas redações sobre todos os temas; a escrever sem nenhum erro de ortografia e, especialmente, a encontrar diversos recursos para exercitar minha memória e a difícil arte de ter êxitos nos exames. Algumas coisas, ela nos ensinava cantando e era um imenso prazer ver e ouvir aquela monja dando-me instruções do que eu tinha que cantar, ou ensinando-me o Pai Nosso em latim, tudo isto sem esforço, mas com alegria, sem ameaças ou quaisquer imposições.

## Lendo a realidade

Minha vida escolar e pessoal mudou radicalmente e meus pais me deram muitas demonstrações de satisfação e alegria pelos meus avanços, já que acreditavam que eu tinha definitivamente tomado meu rumo. Acabaram-se, pois, os castigos, os medos e o retraimento, com o que uma simples semente de autoestima começou a florescer em mim, uma semente que foi dando cada dia mais frutos e que foi aumentando à medida que eu avançava em diferentes cursos da Escola Secundária ou Bacharelado.

Entretanto, prontamente me dei conta de que meu pai teve que buscar vários empregos extras para poder afrontar o pagamento daqueles anos de colégios particulares e tenho também consciência de que, algumas vezes, ele não podia pagar às monjas. Foi então, quando, tendo somente nove ou dez anos e vendo meus avanços escolares, minha mãe me animou a que eu ajudara ao meu pai em seus trabalhos ordinários e extraordinários.

Meu pai era carteiro e, por sua profissão, tinha que preencher impressos, livros de registro e diversas rotinas administrativas que prontamente me ensinou a fazê-las, por que dizia que, com o que eu tinha aprendido com as monjas, eu poderia ajudá-lo. E assim, aconteceu, pois quando ele observou que eu fazia melhor do que ele, começou a levar quase sempre o trabalho para casa para que eu o pudesse realizar.

Recordo-me também que, meu pai, além de carteiro, era também vendedor de rua dos mais diversos objetos. Vendia relógios, pulseiras, brincos, anéis, toalhas de mesa e inclusive, os doces de Natal e com essas entradas extras obtidas, ele, então, podia pagar minhas aulas particulares e engrossar

a débil economia familiar, um trabalho do qual sempre participei quando adolescente e do qual aprendi responsabilidade, autoestima, bem como consciência e responsabilidade social. Agora, ao pensar nele, percebo mais claramente a dureza que foi sua vida, em todos os sentidos. Meu pai não teve a sorte de ir à Escola, porque, desde muito pequeno, trabalhou duramente nas mais diversas tarefas do campo e cuidando do gado em propriedades alheias. Por esta razão, aprendeu a ler e a escrever mais tarde, aos 16 ou 17 anos, enquanto era servente em um Monastério também de Frades, lá por 1918 ou 1919. Daí, eu creio que vinha sua intensa e duradora obsessão para que eu estudasse e aprendesse no tempo e lugar, pois desejava que eu fosse o primeiro membro de toda sua família e também da de minha mãe, que tivesse a oportunidade de estudar, mas isso sem nunca esquecer que a primeira aprendizagem de um ser humano é o trabalho e a responsabilidade. Agora, entendo o porquê não me deixava, nem nas férias, obrigando-me a ir às aulas particulares, embora todas as minhas qualificações fossem positivas. É que ele acreditava firmemente que aprender e tornar-se uma pessoa culta e estudada era uma garantia de progresso e de bem-estar pessoal.

Em resumo, meu pai me ajudou a compreender e a interiorizar que a Educação não é somente assunto de livros e notas escolares, mas de vida, trabalho, suor, consciência e aprendizagem continua. Por isto, hoje, quando vejo que se diminuem as conquistas e os direitos sociais que tantos esforços custaram às gerações que nos precederam, ou quão pouco se valoriza e se compensa o dobro ou triplo esforço que os alunos e professores de Educação Primária realizam para contribuir ao desenvolvimento humano e comunitário, um profundo sentimento de indignação atravessa todo o meu ser. E é que acredito que temos nos esquecidos ou estamos a caminho disto que

*...Una de las virtudes que deberíamos vivir para testimoniar a los educandos, cualquiera que sea el grado de instrucción (universitario, básico o de educación popular), la experiencia indispensable de leer la realidad, sin leer las palabras. Para que incluso se puedan entender las palabras. Toda lectura de texto, presupone una rigurosa lectura del contexto (...)  
La lectura del mundo precede a la lectura de la palabra... (FREIRE, 1984).*

Passado este tempo, e aos dez anos, comecei a estudar na Escola Secundária ou no Bacharelado Laboral Elemental dos estudos nos quais se combinavam o trabalho intelectual e o trabalho manual e que estavam sendo ministrados, exclusivamente, por professores, em geral, com um perfil sempre autoritário, mas nos quais pude apreciar também, alguns sinais, embora mínimos, de ternura e afeto. No entanto, naquele instituto de Ensino Secundário nos obrigavam a levar um uniforme paramilitar composto de camisa cáqui, com bolsos e ombreiras, calças compridas cinzas e uma boina do tipo escoteiro. Com aquele disfarce, nos obrigavam novamente a cantar todas as manhãs e todas as tardes na cerimonia de levantar ou arriar a bandeira, como se estivéssemos em um quartel.

Dos dez aos quinze anos, os alunos daquele Plano de Estudos estudavam matérias teóricas como Língua Espanhola, Matemática, Geografia e História e muita ideologia política de cunho nacional católico que se ensinava em uma disciplina que se chamava “Formación del Espíritu Nacional”. Mas, também estudávamos matérias somente de natureza prática, trabalhando nas oficinas de mecânica, carpintaria e eletricidade, assim como também na agricultura, durante, pelo menos, 10 horas de trabalho semanal.

Em minha passagem pela Escola Secundária e até os meus 15 anos de idade, tudo foi muito bem. Concederam-me uma bolsa de estudos todos os anos, o que permitia aos meus pais a gratuidade total do meu ensino e a minha habilidade para superar provas e exames foi aumentando. Entretanto, embora me esforçasse muito, entre outras razões porque meus pais me controlavam sempre, aprendi a rir, a burlar e a desconectar-me de todas as cerimônias e idiotices que faziam ou diziam alguns professores, o qual, como não poderia deixar de ser, me trouxe também desagradáveis consequências.

Formalmente, era um bom aluno porque superava todos os exames com êxito, mas em conduta, sempre me reprovavam, acusando-me de rebelde, desobediente e reclamador. De certa forma, eles tinham razão, porque, muitas vezes, eu pulava algumas aulas para ir ao campo, a passeio, com alguns companheiros ou abertamente, contestava alguns professores ou me burlava deles pelas costas. Por isto, aos 15 anos, fui suspenso em três disciplinas que eram, naquele tempo, consideradas muito importantes: Língua e Literatura, Religião e Formação do Espírito Nacional.

Recordo-me que meu pai me ameaçou muito seriamente em me tirar da escola se não conseguisse passar nas matérias reprovadas. Entretanto e paradoxalmente, este fato me permitiu aplicar-me e esforçar-me ainda mais e depois de superar a segunda convocatória das provas, segui estudando normalmente. De maneira um tanto incipiente, comecei a aprender que os professores, em realidade, ensinam muito pouco ou quase nada e que se eu aprendia algo, era fruto de meu próprio esforço por memorizar, como efeito do condicionamento a que nos tinham submetidos e da consciência das condições familiares e sociais de escassez nas quais vivíamos e que eu desejava, fervorosamente, superar.

Curiosamente, os condicionamentos e as ameaças de reprovação já não me assustavam, pelo contrário, me serviam de estímulo. Um estímulo que ativava minhas potencialidades internas, para mim, desconhecidas, mas que atuavam como uma espécie de desafio ou de luta a qual, misteriosamente, me entregava, tirando forças da raiva sentida e que se expressava na forma de ira, indignação e rebeldia e que havia ido, sem dar-me conta, acumulando. De alguma maneira, comecei de modo incipiente, a construir uma consciência de identidade social, de pertencimento às classes populares, que unida à sentida percepção de viver em uma sociedade, um país, uma cidade e um instituto profundamente injustos, levou-me a tornar-me mais disciplinado e responsável no esforço de estudar, acreditando firmemente, desde muito cedo, que esse seria o caminho de minha libertação pessoal e social.

## Desobediência e metamorfose

A partir dos 15 anos, já me havia convertido em um juvenzinho muito sensível e responsável, embora com uma ampla gama de travessuras e de ações dirigidas a fortalecer meu ego e a construir minha identidade. Podia dizer que vivia como se fosse uma espécie de vida dupla. Na Escola era exitoso, mas respondão e desobediente e, na rua, meus amigos eram os do bairro de origem que, em sua maioria, não estudavam ou haviam abandonado seus estudos e começado a trabalhar. Com esta idade, me obriguei a trabalhar nos períodos de verão em qualquer ocupação que me oferecessem, com o

objetivo de conseguir algum dinheiro para os meus gastos, no sentido de dar aos meus pais alguma compensação.

Um dos episódios mais transcendentais de minha vida foi o fato de não poder obter uma bolsa de estudo para fazer a Faculdade de Medicina, uma profissão que me interessava profundamente e estava muito entusiasmado. Entretanto, este fato, apesar da extraordinária decepção e frustração ocorridas, me permitiu começar um novo caminho que até hoje tem sido minha fonte de continua aprendizagem e de desenvolvimento pessoal.

Durante os sete anos de Secundária, dos 10 aos 17 anos, eu aprendi muitas coisas que não estavam nos livros, porque, com toda a sinceridade, daquilo que eu estudava na base de pura repetição e memória para ser aprovado nos exames não me recordo absolutamente nada. Entretanto, tive uma série de experiências de aprendizagem significativas que foram muito úteis para minha vida pessoal e estudantil, por isto, hoje, estou plenamente convencido de que

*...El único aprendizaje que puede influir significativamente sobre la conducta es el que el individuo descubre e incorpora por sí mismo...*  
(ROGERS, 1989).

Embora não saiba explicar como aconteceu, o certo foi que comecei a me dar conta de que, se você se esforça, com persistência, a partir de uma forte motivação e sempre encontre algum prazer ou recompensa em tal esforço, pode conseguir realmente o que se propõe, embora sempre dentro de alguns certos limites. A chave está, talvez, em se propor desafios e apostas, não demasiadamente fáceis, mas tampouco demasiadamente difíceis ou impossíveis, de tal forma que, assumindo como natural os erros, fracassos e frustrações, aprendamos a mediar nossos desejos e a sustentar o esforço, confiando no que fazemos em cada instante, isto condiciona e facilita a emergência de novas possibilidades.

Após ter passado tanto tempo daquela frustração que acabou dando uma virada no meu projeto vocacional, creio que, neste momento, a esperança não é apenas uma crença, nem tampouco uma espera passiva ou escatológica, senão a possibilidade real de uma transformação inserida

na complexa dinâmica da vida e da condição humana. E, ao mesmo tempo, compreendi que a vocação, mais do que uma chamada específica e concreta é, em realidade, um projeto-processo que se constrói e se reconstrói a partir de valores éticos considerados fundamentais ou inspiradores e realizadores do que um mesmo considera que sejam suas capacidades. Como disse Edgar Morin, quando um ser humano ou um sistema complexo, seja biológico ou social, é incapaz de resolver seus problemas ou de satisfazer suas necessidades vitais ou bem degenera e se autodestrói, ou bem se transforma em um metassistema, se auto eco-organiza para poder tratar de uma nova forma a satisfação de suas necessidades e a solução de seus problemas:

*...La metamorfosis puede aparecer cuando la solución es invisible, imposible en el seno del sistema existente y excede los medios de su lógica, cuando hay a la vez carencia y exceso; entonces es cuando lo imposible es posible. Toda metamorfosis parece imposible antes de que sobrevenga. Esta constatación comporta un principio de esperanza...* (MORIN, 2006).

Aprendi igualmente, que o êxito escolar em um sistema seletivo e competitivo não é produto exclusivo do esforço, nem da atitude intelectual, senão da capacidade de descobrir, no professor ou no sistema escolar, seus pontos débeis ou seus costumes e gostos. Desta forma, se consegue, com o mínimo gasto de energia, dar ao professor o que ele demanda, embora descubra-se, com o tempo, que as coisas são diferentes e que o fundamental não se aprende no texto ou no conteúdo curricular explicitado, mas no contexto e nesses conteúdos que lhe passam aparentemente despercebidos e que, de uma ou outra maneira, fluem e se fazem presentes nos ambientes de aprendizagem.

Aprendi também que, para sobreviver em um meio hostil, estranho ou sujeito a regras não compreensíveis e que você tem obrigação de cumprilas, não tem que estar continuamente se opondo e se rebelando, mas calculando e calibrando a combinação mais adequada entre obediência e desobediência. Aprendi, em resumo, que as dificuldades não tem que ser necessariamente convertidas em obstáculos paralisantes ou insolváveis, mas em trampolins de salto para além delas, uma aprendizagem que, anos mais tarde, me serviria

para compreender que a educação, é, em realidade, um processo contínuo de transformação de dificuldades em possibilidades (FREIRE, 1997).

## Educação Libertadora

Aos 17 anos, comecei, então, a estudar Magistério ou, como se diz, para ser “maestro de escuela” e posso dizer agora, com grande convicção, que novamente foram as educadoras e professoras que tive a grande sorte de ter, as que me resgataram e me ajudaram a me sobrepor e a superar a intensa frustração vivida, transformando a raiva interna acumulada ao longo de toda a minha infância e adolescência, em valores produtivos e de auto realização.

De uma ou outra maneira, aquele ano de 1969, em que foi também um ano negro de repressão política para a classe trabalhadora e estudantil espanhola mais consciente e com a qual, sentimentalmente, estava já bastante identificado, foi um ano que vivi como fracasso existencial. Um fracasso que instalou em minha consciência uns sentimentos de coragem, de rebeldia, de ódio e raiva contra toda forma de injustiça e de discriminação, que, paradoxalmente, me deram energia suficiente para resistir e vencer todos os desafios que me foram sendo apresentados. Foram aqueles anos, alimentados também por um forte sentimento e compromisso cristão, os que realmente me permitiram aprender o que considere por muito tempo valores essenciais da existência humana: primeiro, que a vida é uma luta interminável na qual não se pode jamais dar-se por vencido e segundo, que se você quer conseguir algo não pode e nem deve esperar que aquilo lhe caísse no colo.

Recordo-me, com imenso agradecimento e carinho, a professora Da. Teresa Balló, que com delicadeza e sensibilidade extraordinárias, nos ensinava “Didáctica de la Lengua y Literatura”. Aquela mulher, o primeiro que fez por mim foi me ensinar a estudar e a aprender por mim mesmo, porque, em realidade, o único que eu sabia fazer era memorizar para dar ao professor aquilo que ele pedia, mas de estudar como processo de compreensão, processamento da informação e de autoaprendizagem, eu não

tinha nem ideia. E o segundo foi que me contagiou o prazer pela leitura e a paixão pelo conhecimento.

Como se fosse ontem vejo, agora, Da. Teresa com seu montão de livros que nos emprestava na aula, dizendo-nos que se não éramos capazes de nos entusiasmos com a leitura por puro prazer, dificilmente poderíamos ensinar aos nossos futuros alunos a ler. Recordo, com certa nitidez, suas explicações sobre os métodos analítico e sintético de ensino da leitura ou suas sedutoras propostas para que visitássemos e recolhêssemos livros da Biblioteca da Escola que ela mesma dirigia e organizava. Aquela mulher teve, sobre mim, uma influência extraordinária. Ela me perguntava pela minha família; explicava-me fora da aula tudo o que eu lhe perguntasse quando a visitava na biblioteca; lembrava-me toda a classe de livros, especialmente, de literatura infantil e, sobretudo, me escutava, sempre me escutava e me sorria. Assim, o mais importante que recebi de Da Teresa foi o trato pessoal aproximado e humano que eu agradecia com emoção, ajudando-me, assim, a diminuir meu nível de ressentimento e de frustração, como também a afrontar com alegria a situação de solidão e escassez econômica na qual vivia, já que naquele ano, tinha dias em que eu não tinha dinheiro nem para jantar.

Mas, se Da. Teresa foi minha salvação naquele primeiro curso de Magistério, no segundo, tive a grandíssima e privilegiada fortuna de encontrar a professora e educadora que mais intenso e duradouro impacto e influência causou em minha vida pessoal, profissional e social. Uma influência sutil e misteriosa que chega até o presente momento, porque ainda sabendo que ela já não mais está fisicamente conosco, seu exemplo, sua humildade, seu conhecimento, sua valentia, seu respeito e amor por todos os alunos, sem exceção, têm sido sempre, para mim, motivo de admiração e imitação. Estou falando de Da. Pilar, ou melhor, dizendo, de “Pilar”, que era como ela gostava de ser sempre chamada.

Aquele curso escolar de 1970 na Escola Normal “Nebrija”, de Sevilha, não tinha apenas começado. Na confusão dos primeiros dias, um pequeno grupo de alunos do segundo ano tinha ficado desafiando ruidosamente na porta da escola, esperando a nova professora, enquanto que o resto da turma fazia já tempo que permanecia no interior da escola.



Com passo firme desde o fundo do corredor, Pilar nos fez sinal com a mão para que entrássemos, mas nós seguimos com nossa desafiante atitude, tentando fazer-nos visíveis e afirmando o adolescente e não menos ridículo desejo de nos mostrarmos poderosos. Ela, com um leve e terno sorriso que jamais me esquecerei, nos saudou como se nada acontecera e com uma voz cálida e sussurrante quase nos suplicou que a acompanhasse e levássemos sua pesada bolsa. Sem dar-nos conta, fomos entrando na classe, movidos por uma força misteriosa e criadora de expectativas que milagrosamente, em muito pouco tempo, nos havia feito mudar de conduta sem nos admoestar e nem nos pedir nada.

Sua pequena figura, toda vestida de negro e com uns óculos escuros que tornavam seus olhos inacessíveis, nunca impediu que seu olhar e sua humilde expressão nos permitissem compreender linguagens que não podiam expressar-se no programa oficial da disciplina. Por isto, à medida que o curso foi passando e graças às singelas e afetuosas palavras que ela dirigia a cada um de nós em particular, fui adquirindo, com ela, uma especial cumplicidade que me ensinou a me dar conta, por mim mesmo, de quanto uma conversação, um texto, um tema ou um conceito podia tornar-se prazeroso e bem elaborado. Ou de como, na base de qualquer construção intelectual, havia sempre muito mais do que a mera observação analítica e racionalizadora.

Curiosamente, e enquanto o corpulento e autoritário diretor daquela Escola Normal diariamente protestava pelo mais insignificante, o que para ele era intolerável falta de respeito, a Pilar, minha professora de Didática, jamais a ouvimos dizer nada acerca dos comentários e piadas que nós, alunos, fazíamos de sua figura. É mais, agora, depois dos quase quarenta anos daquele lindo e educativo curso de “Didáctica General”, penso que a atitude de Pilar era toda uma elaborada estratégia para seduzir-nos e tornar prazerosa nossa aprendizagem do ofício de ensinar, ainda mesmo arriscando sua própria imagem diante dos alunos.

Nossa primeira surpresa foi sua própria maneira de se apresentar e propor a disciplina. Disse-nos, simplesmente, seu nome e, em continuidade, nos transferiu para a classe na qual sempre estaríamos. Meu assombro foi duplo, porque, de uma parte, era a primeira vez que uma professora

nos pedia que a tratássemos como uma companheira a mais de curso e, por outro, porque aquela classe não era uma classe normal, com mesas e cadeiras individuais ordenadas em filas, mais parecendo uma sala de leitura de uma biblioteca ou o relaxado salão da Cafeteria da Escola. Distribuída por classe, seis ou sete grandes mesas com várias cadeiras ao redor e, nas paredes, duas grandes estantes que, embora, a princípio, estivessem quase vazias, em muito pouco tempo foram se enchendo de livros e trabalhos que nós mesmos realizávamos.

Que eu me recorde, jamais ouvi dela uma dissertação ou explicação magistral que durasse mais de dez ou quinze minutos ou que não estivesse precedida de uma petição expressa dos alunos, mas posso testemunhar, igualmente, o que ela realmente gostava era dirigir-se a cada um de nós, em particular, tentando ajudar-nos para que, com nossos próprios recursos, elaborássemos o tema de estudo. Sem novas tecnologias e sem meios materiais, posso assegurar que todas e todos os que ali estávamos, éramos realmente os construtores de nosso próprio conhecimento e Pilar, não somente foi nossa mediadora e nossa mestra, mas, sobretudo, para alguns alunos, como eu, foi a plataforma na qual nos apoiamos para desenvolver-nos plenamente como pessoas e aprender da nossa própria prática.

Nosso trabalho era relativamente simples. Pilar nos havia estruturado o curso em oito ou nove unidades que coincidiam com cada um dos meses do ano escolar. Para cada unidade, ela nos propunha uma série de textos para serem lidos e umas atividades individuais e em pequeno grupo, orientadas (preceptivas?) algumas e livres a maioria delas, atividades que nos permitiam analisar, com detalhes, as ideias fundamentais de cada texto, dos quais tínhamos que realizar a crítica e deduzir as aplicações práticas.

O trabalho de Pilar, além da preparação e planejamento das unidades, consistia em observar nosso trabalho e atender às solicitações individuais que lhe fazíamos, ou bem, clarear coletivamente alguma questão que se havia sido repetido no restante dos grupos. Ao final de cada semana, utilizávamos meia jornada para a chamada “Puestaencomun”, na qual cada um dos grupos de alunos explicava aos demais, não somente o que tinha aprendido e as dúvidas que tivessem adquirido ao longo da semana, senão também as queixas, as reclamações e os erros que tinham sido produzidos,

especialmente aqueles relacionados com a própria conduta e, logicamente, a da professora também.

Não havia coisa que Pilar mais gostasse do que as “Puestas en común”, sobretudo, quando entrávamos em discussão e análise de nossa própria conduta individual, como pequeno e como grande grupo. Embora, a princípio, muitas vezes a vi demasiado calada e pesarosa pela atitude passiva e obediente da maioria dos alunos, conforme foi avançando o curso, pude comprovar que expressava mais abertamente suas emoções e isto apesar de que tinha muito bem assumido seu papel não diretivo. Ela observava sempre sem interpretar e, ao final, procurava devolver-nos, em palavras, as mais descritivas possíveis, os fatos acontecidos. Desta maneira, fomos capazes de nos distanciar e de descobrir as causas de nossos erros, tanto no que se refere ao estudo como à conduta. Era tão paciente e humilde que, às vezes, me exasperava sua maneira de suportar as críticas e provocações que alguns de nós, seus alunos, lhe lançávamos. Agora, sei que aquela conduta de Pilar era todo um carinhoso e terno repertório de estímulos para que assumíssemos o protagonismo e as rédeas de nossas decisões individuais e grupais, repertório fundado em um conhecimento exaustivo e prático de variadas técnicas de dinâmica de grupo.

Aquela maneira de trabalhar com autonomia e liberdade permitiu aos jovens de dezenove ou vinte anos de minha geração, sentirmo-nos plenamente protagonistas de nossa própria aprendizagem. Com Pilar, aprendi a formular perguntas de todo tipo e a propor problemas, cuja solução não se encontrava nos livros nem no texto, aprendi a ler criticamente, a estudar, a dialogar, a redigir ensaios e a falar em público. Um aprendizado cognitivo que se completaram com todo um conjunto de aprendizagens emocionais e sociais porque Pilar nos ajudou e ensinou também a escutar, a respeitar o outro, a ser tolerantes com os diferentes pontos de vista ao analisar um problema, a ser sensíveis e solidários com os demais e a ter consciência social e política.

Recordo vivamente de seus comentários a respeito da nova Lei Geral da Educação de 1970, ou quando analisávamos criticamente qualquer notícia do periódico que ela mesma havia trazido para a aula, para ilustrar a unidade que estávamos estudando. Pilar soube nos tornar mais responsáveis,

autônomos, porque aprendemos a nos comprometer em grupo, a criticar e a analisar a própria realidade e a própria prática escolar, a debater sobre temas sociais e educacionais da atualidade, em resumo, a amadurecer como pessoa e iniciar um caminho interminável de autodesenvolvimento e de maturação pessoal e profissional.

Aquela forma de aprender e de organizar a aula foi, posteriormente, chamada de “Educação Personalizada” e nunca mais se soube nada a respeito. Ela foi esquecida para ser substituída pela tradicional explicação do professor, pela tomada de anotações e pelo exame, por isto, quando quase 10 anos mais tarde voltei a encontrar Pilar na Faculdade de Ciências da Educação, na Universidade de Sevilha, ela me disse que, com o que havíamos aprendido naquele curso de 1970/71, não seria necessário que eu assistisse a nenhuma das classes que estavam sendo ministradas naquele momento na Faculdade, já que as exigências acadêmicas podiam ser facilmente satisfeitas por minha própria conta, sem ter necessidade de escutar discursos sobre leituras que eu poderia fazer por mim mesmo.

Ao longo de trinta e cinco anos, tive a oportunidade de comprovar, como a imensa maioria das aulas de nossas escolas, institutos e das atuais “Faculdades de Ciências da Educação” se converteram em espaços mortos nos quais não é possível o movimento, a comunicação, a leitura, o trabalho pessoal e em grupo, nem tampouco as assembleias de classe e as “puestas em comum” que eu afortunadamente tive a oportunidade de viver. Quando percebo que minha própria filha foi formada como professora a base de discursos e como o alunado se dedica geralmente a desenvolver estratégias de sobrevivência fazendo o mínimo para satisfazer a demanda do exame. Ou quando constato como o maquinário acadêmico e burocrático foi cortando, marginalizando e fazendo sofrer o professorado mais criativo e comprometido, então é quando me dou realmente conta do extraordinário valor educativo e pessoal que teve o trabalho de Pilar e de outras professoras e professores que eu tive.

Foram aquelas professoras e professores do final da década de sessenta e princípios de setenta do século passado, as que colocaram em marcha, talvez, sem serem plenamente conscientes disto, processos de desenvolvimento pessoal e de construção social que se concretizarão em muitos de nós em

compromissos profissionais e sociais fortemente carregados de conteúdos democráticos. Visto desde hoje, quando mercado, patriarcado, tecnocracia e burocracia têm feito da formação do professorado uma ridícula pantomina dirigida a submeter informações que nada aportam à satisfação das necessidades educacionais atuais, aquele extraordinário e entusiasmado esforço de professoras e professores como Pilar, não somente segue sendo um modelo educacional válido, senão que além disto, dados os processos biográficos, relacionais e sociais que desencadearam, podem, hoje, servir-nos, mediante sua recriação e reconstrução, inclusive, para o planejamento de novos paradigmas educacionais.

Trabalho individual e elaboração coletiva; reflexão pessoal e diálogo aberto, compromisso pessoal e vinculação grupal, crítica e autocrítica; estudo rigoroso e pesquisa interdisciplinar, assembleias, “puestasencomun”, trabalho em equipe e reuniões de todo tipo. Um esforço continuado movido por profundas convicções democráticas e por uma apaixonada entrega ao prazer do encontro humano, à aprendizagem dialógica, ao deleite da expressão aberta das emoções e apostando sempre por novos caminhos e estratégias nas quais pudéramos ser pessoas e tudo isto em tempos difíceis da ditadura e escassez econômica, quando nem existiam liberdades democráticas, nem novas tecnologias da informação.

Foram tantas e tão lindas lições que nos presenteou Pilar, aquela humilde e sábia professora que sempre se negou a adaptar-se às exigências das burocracias acadêmicas, que hoje, e ainda contando com toda a literatura pedagógica da que atualmente dispomos e todos os meios técnicos a nosso alcance, creio, sinceramente, que a formação que os alunos de minha geração tiveram a sorte de receber naquela Escola Normal de professoras como Pilar, foi realmente insuperável.

## Referências bibliográficas

BOFF, Leonardo. **La ética del corazón**. [En línea] <<http://www.diariodelaire.com/2007/05/leonardo-boff-en-salamanca-la-tica-del.html>> [Consulta: 2noviembre 2013], (2007).

FREIRE, Paulo. **La importancia de leer y el proceso de liberación**. Madrid: Siglo XXI, (1984).

FREIRE, Paulo. **A la sombra de este árbol**. Esplugues de Llobregat: El Roure, (1997).

KRISHNAMURTI, Jiddu. **Krishnamurti y la educación**. Barcelona: Edhasa, (1991).

MORIN, Edgar. **El Método 6. La Ética**. Madrid: Cátedra, (2006).

ROGERS, Carl. **El proceso de convertirse en persona**. Barcelona: Paidós, (1989).

SABATO, Ernesto. **Antes del fin**. Barcelona: Seix Barral, (1999).



## Capítulo II

### HISTÓRIAS DE VIDA DOCENTE: Resgatando a utopia, o sonho e a esperança de ser professor

*“A grande tarefa do ser humano é produzir consciência, o que se torna possível quando, além de viver, ele busca construir sentidos para a vida”.*

– Jung *aput* Furlanetto (2010:145)

Maria Cândida Moraes

Iniciamos a escrita deste texto a partir do que aconteceu em nossa sala de aula, no curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Brasília, mais precisamente em um seminário sobre **Ética, Complexidade e Transdisciplinaridade**, ministrado pelo Prof. Dr. Juan Miguel Batalloso Navas e por esta pesquisadora, em início do mês de outubro de 2013. Após a leitura de vários textos sobre a importância das experiências de formação discente nos processos de aprendizagem e na construção de nossas “matrizes pedagógicas” (Furlanetto, 2007), e de ouvir relatos de histórias de vida pessoal e profissional de alguns alunos, reconhecemos o quanto seria interessante registrar em livro as diferentes experiências vivenciadas, analisando-as como fenômenos complexos e transdisciplinares, dos quais participam tanto os conhecidos operadores cognitivos para um pensar



complexo, como também as dimensões cognitivas, sentimentais, afetivas, éticas e espirituais vivenciadas.

Desta forma, nos propusemos a resgatar as histórias mais significativas da vida escolar de cada aluno e de nós, professores, ou seja, aquelas histórias mais marcantes, as lembranças daquela professora ou educadora que mais nos tocou, nos ensinou, nos comoveu em um determinado momento de nossas vidas.

Assim, pensando, pensando... e tentando recordar os momentos mais preciosos de minha formação inicial e de minha formação acadêmica, resolvi escrever. Vários momentos significativos de minha infância, uns alegres outros tristes, uns mais marcantes do que outros começaram a desfilar como cenas vivas no túnel do tempo, trazendo memórias julgadas esquecidas, mas que, em realidade, estavam mais vivas do que nunca pelas emoções expressadas e sentidas. E assim, me recordei do primeiro dia de aula em que minha mãe foi me deixar no portão do Colégio Maria Auxiliadora, de Ribeirão Preto, e a tristeza, a insegurança e a dor da primeira separação. Lembrei-me também do quanto apreciava praticar esportes no Colégio e do quanto eu gostava de me vestir de anjo nas longas procissões e festas religiosas, do dia 25 de maio, dia de Nossa Sra. Auxiliadora, padroeira do Colégio, momentos em que eu vestia aquelas longas roupas brancas, com asas de penas de ganso. Aquelas asas eram pesadas para uma menina de seis anos, mas eram tão lindas, tão lindas que eu nem me importava. Com elas, me sentia flutuando como se estivesse no céu.

Lembro-me, como se fosse ontem, do dia em que meus pais decidiram nos colocar no internato, eu e minha irmã Martha, dois anos mais velha do que eu. Eu tinha apenas sete anos de idade e estava acostumada a viver em liberdade e a brincar livre e solta, correndo pelas estradas e pelos campos do Jardim Santa Martha, o sítio onde morávamos. Era uma criança feliz!

Recordo-me, também, do momento em que fomos levadas para o Internato daquele mesmo Colégio. Segundo minha mãe, era para poder estudar. Era notinha, e pelo que me recordo deveria ser algo ao redor das 19 horas, mas que, para mim, já estava escuro como um breu. Ou melhor, muito mais escuro e triste tinha ficado a minha vida, pois me sentia como um passarinho aprisionado em uma gaiola, alguém que já não poderia mais

brincar no campo, colher flores e frutas, andar a cavalo, tomar banho de chuva e, com meu irmão, Zé Luís, ir pescar com peneira, no riacho que passava perto da tulha, na frente da casa principal.

Lembro-me que, aos prantos, subi uma escada bem alta, segurando as mãos da Irmã Maria, e me despedi de minha mãe que ficara ao pé da escada, dizendo adeus e tentando me confortar, dizendo-me que os dias passariam rápidos e que logo estaríamos juntas novamente. Foi um dos dias mais tristes de toda a minha infância.

Mesmo passado tantas décadas, recordo-me do sentimento de alívio no dia da saída do internado e da volta definitiva para nossa casa. Que alegria e que alívio para o meu coração! Mas, ao mesmo tempo, que tristeza por ter que me separar de amigas tão queridas, com as quais tinha convivido por mais de cinco anos. Que maravilha já não ter que ficar trancada por quase uma hora em um cubículo fechado, de dois m<sup>2</sup>, para estudar piano, não ter que levantar às 6h: 30 da manhã para assistir missa... e não ter que chulear as próprias meias que se rompiam facilmente nas brincadeiras diárias. Ao mesmo tempo, sentia saudade da Irmã Josefina que cuidava da enfermaria e que tinha os olhos verdes iguais aos de minha mãe. Saudade das escapadas da missa, momento em que eu fugia da igreja para catar manga que caíra no pátio. Inúmeras são as memórias e imagens que fluem neste momento e emocionam a minha mente e inundam de sentimentos o meu coração.

Também me lembro de quando fui fazer o curso “científico” no Colégio do Estado, no temido Otoniel Mota, também chamado de “Estadão”, naquela época. Lembro-me de todos os professores que tive e dos colegas de classe, das provas de física e de química que tanto me apavoravam. Minha memória passeia por todos esses espaços e tempos vividos, e desce pelas escadarias do Colégio com alegria e muita emoção. Traz consigo o olhar de cada professor, a cumplicidade do querido bedel que me protegia, a careca do professor de português, cujo ralo cabelo crescia de um único lado para compensar o que faltava do outro. Ah, lembro-me do assanhamento dos alunos apaixonados pela professora de história que, de certa maneira, também os provocava... Enfim, quantas lembranças e recordações!

Mas, ao pensar em minhas lembranças e histórias de vida, surgem sempre, em minha mente e em meu coração, as recordações dos mais diferentes

alunos que transitaram pela minha vida profissional e enriquecendo-a a partir dos ricos momentos e processos absolutamente transformadores vivenciados, desde o momento em que me tornei professora de Pós-Graduação na PUC/SP. Então, pensei comigo mesma, será que alguém irá escrever suas experiências a partir de sua vivência como docente? Não seriam essas as melhores e mais gratificantes experiências transformadoras vivenciadas nesses últimos 15 anos? E por que não? Decidi, então, deixar de lado as minhas memórias discentes e enveredar pelos caminhos da docência, na esperança de poder colaborar para o resgate da utopia, do sonho e da esperança do ser docente, cada dia mais sofrido e esquecido pelas políticas públicas do meu país.

## Lembranças inesquecíveis

Nos últimos 20 anos de minha vida profissional, eu tenho me dedicado a escrever, a dar aulas em cursos de Pós-Graduação em diferentes universidades, a pesquisar novos temas e a participar de processos de formação docente, atuando como professora e orientadora de mais de quarenta dissertações de mestrado e teses de doutorado. Em todos esses anos, sempre procurei unir teoria e prática, presencial e virtual, pesquisa fundamental e pesquisa aplicada e nesta dança, tentei sempre distinguir rigidez intelectual de rigor científico, sempre me surpreendendo com os processos vivenciados pelos meus alunos, em seus diferentes momentos de formação acadêmica. Em vez de homogêneo, linear e objetivo, cada processo tinha sua peculiaridade, especificidade, singularidade, motivação e histórias de vida completamente diferentes umas das outras.

Com cuidado, atenção e carinho que cada aluno era merecedor, e sabendo que todo conhecimento científico é sempre uma construção humana dependente das circunstâncias operacionais em que cada um está envolvido, sempre procurei criar um ambiente adequado ao processo de aprendizagem, que fosse intelectualmente desafiador e, ao mesmo tempo, emocionalmente saudável e cognitivamente instigante. Um ambiente capaz de fazer com que o aluno pudesse construir e promover suas conquistas

intelectuais, a partir de uma relação de confiança, de respeito e amorosidade, condições fundamentais para uma boa e produtiva relação orientador/orientando.

Sempre que recebia o aluno, em seu primeiro contato como orientadora de sua pesquisa, eu procurava, acima de tudo, escutá-lo, ouvi-lo com atenção e carinho que ele merecia, buscando não apenas compreender suas primeiras motivações intelectuais na escolha do tema de sua pesquisa, mas principalmente as razões que deixavam sua alma feliz ao abordar a temática escolhida, os motivos, muitas vezes escondidos, que faziam seus olhos brilharem, as razões pelas quais eu tinha sido escolhida como orientadora para iniciá-lo em sua vida acadêmica.

Segundo relatos de vários alunos, esta minha postura atenta e cuidadosa sempre foi um diferencial importante em seu processo de formação, pois a grande maioria dos acadêmicos de plantão dificilmente presta atenção ou leva em consideração, os interesses e os desejos mais profundos de seus alunos, as razões pelas quais resolveram voltar à Academia, ignorando suas motivações, esperanças e sonhos.

Assim, a partir desta escuta inicial, sensível e atenta, podia, então, reconhecer que cada processo vivenciado era sempre peculiar e único. Cada qual era absolutamente diferente do outro, com suas nuances, especificidades e singularidades. O que funcionava para um nem sempre funcionava para o outro. Não havia receita, nem modelos a serem seguidos, pois tudo o que envolve o ser humano é sempre reconstruído e recriado a todo instante. Uns demoravam mais tempo para encontrar o seu problema de pesquisa, outros deslanchavam mais rapidamente em seu diálogo consigo mesmo, comigo e com a ciência. Havia sempre aqueles que me surpreendiam, ao se moverem nas incertezas das relações intersubjetivas e complexas, frutos desses momentos mágicos de encontro do sujeito pesquisador consigo mesmo, com sua própria essência, com suas necessidades mais prementes, momentos em que conseguia conectar o interesse pelo tema de pesquisa com sua história de vida. Tudo isto catalisado por um processo de orientação que tinha como preocupação fundamental a ambição de torná-lo artesão de seu próprio pensamento e de sua vida, aprendiz da ciência e construtor da história de cada dia.

Ao ouvir cada narrativa, pacientemente buscava perceber nas linhas e entrelinhas onde se encontrava o “fio da meada” de cada tessitura, de cada história, de cada movimento de busca de sentido para a vida acadêmica que se iniciava. Encontrar o sentido e as motivações que levavam cada um a se lançar neste movimento de construção de um novo percurso acadêmico sempre foi de extrema importância para mim. Assim, no momento em que o aluno conectava aquele determinado fato ou aquela emoção presente em sua história de vida profissional, ou até mesmo pessoal, com a questão ou problema de pesquisa a ser investigado, não apenas uma sensação de profundo alívio emergia, mas também o rosto se iluminava ao perceber com maior clareza a motivação que ali se apresentava, aquilo que estava subjacente desde o início desse novo caminhar. Uma sensação de alegria e confiança que, muitas vezes, parecia estar obnubilada pelo medo, pela baixa autoestima ou por um sentimento de impotência, emergia naquele instante, incentivando-o a sair da rotina e da normose paralisante que a vida profissional, muitas vezes, nos aprisiona.

Com o passar do tempo, percebi que, esses momentos de conexão, reflexão e de compreensão dos aspectos motivacionais subjacentes à escolha da temática e do problema de pesquisa eram extremamente importantes para o alcance dos objetivos almejados, garantindo, assim, a presença da autoria e da autonomia intelectual, dimensões humanas necessárias para travessia de todo e qualquer processo de formação acadêmica. Daí em diante, meu papel, como orientadora, era apenas atuar como aquele maestro que sinaliza os movimentos e os acordes necessários para o exercício de uma educação da inteireza, alimentando cada momento e oferecendo tudo aquilo que o aluno necessite para o seu desenvolvimento intelectual e humano, na tentativa de diminuir a angústia e a insegurança que, muitas vezes, se manifestam, imobilizando ou sufocando os processos de aprendizagem de nossos alunos.

Em uma educação da inteireza humana é preciso relativizar o sentido da objetividade pretendida pela ciência e promover a implicação do sujeito em sua própria metanarrativa, tornando-o consciente de que ele é sempre o autor e o ator de seu próprio processo de formação, propiciando, assim, o movimento e o ambiente adequados e necessários, capazes de consolidar um espaço onde a ecologia dos saberes e das ideias possa se manifestar,

garantindo, assim, a singularidade e a diversidade das narrativas humanas em seu processo de evolução.

Como orientadora, minha preocupação foi sempre ajudar a catalisar este momento mágico de conexão entre ciência e sapiência, entre ciência, docência e consciência, levando o aluno a dialogar consigo mesmo, para que pudesse assumir a autoria de seus argumentos e pensamentos, na tentativa de reduzir o mimetismo teórico e as repetições desnecessárias dos diversos autores integrantes de seu referencial teórico. Ajudá-lo a desenvolver uma racionalidade aberta ao imprevisto, ao inesperado e às emergências, a partir de indicações e discussões de leituras específicas, em contraposição à singularidade de sua compreensão de mundo. Vivenciava, assim, minha docência a partir de uma ciência do sensível, pautada em um processo de *escuta* amorosa, nutrida por uma *espera vigiada e sempre atenta*, na qual exercitava o meu olhar de pesquisadora. Um olhar sempre respeitoso, singular e esperançoso, atento ao momento exato em que a lagarta estivesse pronta para se transformar em borboleta e começar a voar em busca de novos horizontes, de novos espaços internos e externos, onde pudesse polinizar o conhecimento construído e realizar tudo aquilo que lhe corresponde em seu viver/conviver.

Um dos grandes problemas da relação orientador/orientando é que a Academia ainda continua confundindo autonomia com abandono, orientação com escravidão, aluno com mão de obra barata, posturas estas que sempre abominei, procurando estar atenta para que nunca estivessem presentes no horizonte de minhas práticas docentes. Em vez disto, procurava sempre tornar o aluno artesão de seu próprio pensamento, de sua consciência em evolução, aprendiz do futuro, autor de uma ciência com consciência e responsável pela sua caminhada, por suas opções, pela história construída e vivida a cada dia.

E nesta leitura atenta de seus escritos e de sua alma, questionava-o, provocava-o mediante perguntas, incentivando-o a buscar este ou aquele livro que estivesse em falta, este ou aquele autor ausente de sua bibliografia, sempre à espera desde momento mágico e precioso em que se manifesta a inteireza do ser pesquisador ao observar o detalhe significativo, ao conectar ciência, docência e consciência; vida e aprendizagem, rompendo, assim,

a ilusória oposição existente entre essas dimensões e que, em sua dinâmica operacional, são absolutamente complementares. Como um raio rasgando o céu e clareando a escuridão, em tais momentos de iluminação e de *insight*, a intuição e a racionalidade se tornam solidárias em seu diálogo, complementares em seus processos geradores desse novo despertar da consciência como fruto da inteireza humana. São momentos como esses que dão sentido à nossa prática docente, indicando-nos o quanto o processo de aprendizagem e de desenvolvimento intelectual de cada sujeito aprendente está profundamente ligado à vida de cada ser humano, às experiências vividas, tanto pessoais como profissionais, ao amor a si mesmo e à profissão desejada e esperançosamente escolhida.

A partir deste método *in vivo* e não *in vitro* de se fazer ciência, de uma ciência sempre em processo de construção e reconstrução, desses encontros onde objetividade e subjetividade dialogam constantemente, pude, então, perceber o quanto aprendizagem e vida estão profundamente entrelaçadas na corporeidade humana, o quanto a dimensão cognitiva está impregnada não só de racionalidade e de técnica, mas também de poesia e de prosa, de emoção, sentimento, afeto, sensibilidade e amorosidade. Tal percepção levou-me a estudar a Biologia do Conhecer e a Biologia do Emocionar, a partir dos trabalhos de Humberto Maturana e Francisco Varela, de Daniel Goleman e de Antonio Damásio, na tentativa de compreender a ocorrência desses processos e tirar o melhor proveito desses insights e dessas emergências que tanto exigem de criatividade e sensibilidade por parte do orientador em diálogo com o seu orientando.

A partir deste momento de profunda conexão, eu e meu aluno/a estávamos prontos para iniciar uma bela parceria intelectual, nutrida pelo respeito, pela amorosidade, pela competência, pela necessária cumplicidade entre orientador/a e orientando/a. Era o momento em que, ambos, nos sentíamos comprometidos com o projeto de pesquisa que se tornava singular e único, não apenas para o/a aluno/a, mas também para mim, momento em que dávamos os primeiros passos na tentativa de resolver, da melhor maneira possível, o grande desafio que o problema de pesquisa nos colocava por diante, com o objetivo de atender, da melhor maneira possível, às exigências acadêmicas.

As sínteses e os resultados provisórios obtidos foram sempre surpreendentes. Muitas vezes, imprevisíveis e únicos, pois *“aquilo que era excluído como insignificante, imponderável, ou estatisticamente minoritário, aquilo que perturba a estrutura ou o sistema, tudo isso para nós é extremamente significativo como revelador, desencadeante, enzima, fermento, vírus, acelerador, modificador”* (Morin, 1995, p. 189).

Após a vivência desses processos complexos internos e externos presentes na relação orientador/orientando, momentos e processos em que se decifrava o que estava oculto, em que se percebia aquele pequeno detalhe aparentemente esquecido, mas que, repentinamente, se transformava em algo tão importante, tudo se transformava em aprendizagem, tudo fluía de maneira mais intensa e viva. Na verdade, são momentos e processos como esses que ratificam nossa certeza de que, no seu devido tempo, o desafio será vencido e de que tal processo poderá ser vivido como uma experiência ótima, nos termos de Csikszentmihalyi (1999). Uma experiência em que se reconhece a existência de obstáculos para o alcance das metas. Entretanto, esses não são barreiras intransponíveis e impossíveis de serem trabalhadas, mas, sim, metas que se transformam em desafios a serem superados.

Desta forma, percebia, com certa clareza e, hoje, já com mais certeza e convicção, o quanto o ato de aprender tem algo de profundamente criativo, amoroso e sensível, no qual a confiança, a competência técnica, a alegria e o prazer criam as condições necessárias para a produção de circunstâncias favoráveis para sua emergência e permanente fruição. E, de acordo com Maturana, sabemos que o sistema vivo e, neste caso, o sujeito aprendente, flui de acordo com as circunstâncias vividas, em consonância com o que acontece no ambiente, com as emoções e os sentimentos internalizados, que se expressam mediante determinadas ações e sensações emergentes. O processo flui, não a partir de uma objetividade e uma racionalidade abstrata, impessoal e neutra, mas de uma racionalidade aberta banhada pelas emoções, recordações, memórias, sentimentos, afetos, ou seja, por tudo aquilo que constitui a inteireza humana.

Neste sentido, lembramos também de Paulo Freire, nosso querido amigo e professor, ao escrever sobre o *inédito viável* e cuja amorosidade, cuidado e respeito pelo outro norteavam sempre todos os seus atos. Aquele



conhecimento não materializado, inicialmente inédito, mas também viável e potencialmente presente na ordem implicada constitutiva do humano, não manifestado até um determinado momento, ao surgir, traz também consigo uma nova solução aos problemas emergentes, capaz de redirecionar o problema de pesquisa. São esses diálogos com situações-limite que nos permitem, descobrir novas potencialidades e, a partir delas, uma nova consciência a respeito dos processos internos, dos conflitos cognitivos e emocionais, emerge, tornando cada experiência mais significativa e relevante para a formação acadêmica do orientando. Ao dialogar sobre suas crenças, ilusões, dificuldades de aprendizagem, possíveis “erros” em sua trajetória acadêmica, na tentativa de ajudá-los a catalisar seus processos de emergência e transcendência, nos quais, a partir de uma consciência inicialmente ingênua, emerge uma nova consciência crítica, no sentido que Freire dava a este conceito (Freire, 1987).

Desta forma, uma nova consciência emergia acompanhada por uma nova sensibilidade, por uma nova racionalidade aberta, nutrida por uma nova capacidade de escuta, de diálogo, de compreensão a respeito de sua realidade, de seu projeto de pesquisa, como também em relação ao sentido de sua vida e o significado maior de sua existência. A vivência deste tipo de experiência educativa, ao privilegiar a inteireza humana, transformava profundamente o sujeito aprendente, fortalecendo-o, transformando-o em autor de sua própria pesquisa, de sua própria história, renovando a consciência de suas possibilidades diante da vida e de seu acoplamento estrutural à realidade, ao resgatar sua autoestima, a confiança em si mesmo, libertando-o, assim, da opressão e do sofrimento que, muitas vezes, lamentavelmente, ainda se encontram tão presentes nos meios acadêmicos.

Esses momentos sempre foram de uma riqueza ímpar e, absolutamente, transformadora. Momentos de encontros inesquecíveis, ao perceber que o aluno saía de seu caos interno, de sua ignorância prepotente, de sua ingenuidade cognoscente, do conflito intelectual ou mesmo existencial em que se encontrava, no qual o medo, a passividade, a insegurança, a incerteza, a impotência diante da realidade, inicialmente presentes, davam lugar a uma consciência renovada, crítica e transformadora de sua realidade. Emergia, assim, uma nova consciência, capaz de transformar sua condição

de pesquisador, já não mais solitário, mas solidário em relação aos outros pesquisadores que lhe antecederam no tempo, ao assumir a autoria de seu trabalho em busca da construção de sua autonomia intelectual. Uma autonomia sempre relativa, como quer Edgar Morin, nutrida pelas condições do meio em que se encontrava e pelas possibilidades também coletivas que fazem com que o autoritarismo, a ignorância e a arrogância intelectual já não mais se sustentem.

Sem querer ser pretensiosa, poderia até dizer que foram preciosos momentos de encontro do pesquisador consigo mesmo, ao mesmo tempo em que ele se descobria, elaborava e burilava o seu problema de pesquisa. Momentos que se transformaram em verdadeiros pontos de mutação da vida profissional e, até mesmo, pessoal do/a aluno/a, já que ambas estão enredadas em nossa corporeidade, como partes de nossa inteireza humana. Foram momentos de conexão e de religação em que o sujeito aprendente se confronta com seu conhecimento interior, com suas crenças e ilusões, momentos em que questiona sua ignorância e ingenuidade anterior, das quais nem sempre consegue escapar ou se libertar. Momentos de reflexão e de desapego, a partir dos quais, ele confronta seus saberes internos com os saberes do orientador, ou mesmo do grupo ou da comunidade intelectual da qual faz parte. São momentos como esses em que o sujeito encontra sua própria essência ao tomar consciência de seus saberes internos e externos, ao se conscientizar a respeito do que acontece em outro nível de realidade, uma realidade sociocultural, intelectual e também espiritual, cujas reflexões sobre ela expandem a consciência em evolução, a partir da ampliação de sua capacidade de interpretação a respeito do sentido de seu trabalho e que certamente está integrado ao sentido maior de sua própria existência e de sua participação social no contexto em que vive.

Ao vivenciar tais processos, torna-se mais fácil perceber o quanto a ontologia está absolutamente interligada à antropologia e à epistemologia, como nos ensina Edgar Morin, em várias de suas obras. Ou seja, como o ser, o conhecer e o fazer estão absolutamente unidos e imbricados em um nó górdio impossível de ser desatado.

A consciência de tais vínculos é fundamental para que possamos ir adiante em direção a uma nova proposta de formação docente a partir da

complexidade e da transdisciplinaridade, uma proposta voltada para uma educação da inteireza humana, reconhecendo, mais uma vez, que não podemos estancar o fluxo de pensamento, a curiosidade, a criatividade de nossos alunos, negando suas experiências docentes e histórias de vida pessoal. É preciso criar espaços reflexivos que mantenham esta chama sempre acessa como condição fundamental para que cada sujeito aprendente possa rever sua prática pedagógica, refletir sobre ela, aprender com ela, transformar-se a partir dela, reconstruindo-a, revitalizando-a e descobrindo dentro de si as razões pelas quais optou pela nobre profissão que é SER PROFESSOR.

## O que esta experiência docente nos revela?

Revela-nos o quanto somos afetados por nossas experiências pessoais e profissionais, e que nada do que acontece ao ser humano, em seu processo de formação é trivial, inconsequente e inócuo. Esta compreensão nos remete a Maturana (2000, p. 95), ao reconhecer que *“nada do que fazemos é trivial, porque somos um tempo presente em mudança”*, confirmando, assim, que, biologicamente falando, formação implica transformação e mudança, a partir de uma dinâmica autopoietica e enativa de produção de si, algo que acontece de dentro para fora e que se expressa de diferentes maneiras.

Daí a importância do diálogo aberto antes, durante e depois do início de um curso de formação ou de orientação pedagógica. Tais diálogos são e serão sempre, absolutamente, necessários. Isto porque sabemos que os alunos são afetados pelos seus cursos de formação e essa influência é poderosa, permanecendo ao longo de sua vida profissional.

É isto que Zeichner (2009) tem nos avisado, ao explicar que o conhecimento e a prática docente são influenciados pelo o que se vivencia nos cursos de formação, exigindo, por parte dos formadores, maior atenção aos processos de aprendizagem e às práticas pedagógicas desenvolvidas durante tais cursos. Portanto, não devemos nos preocupar apenas com os conteúdos a serem trabalhados ou em como as disciplinas estão sendo estruturadas e as estratégias concebidas. Sabemos que os conteúdos são importantes como elementos estruturantes e relacionais das dinâmicas desenvolvidas, mas as

experiências, a vivência dos processos, bem como as aprendizagens delas decorrentes são fundamentais para o sucesso de um curso de formação docente. É a prática oportunizada que faz com que o educador assuma a autoria de sua própria docência e se reconheça como educador e profissional que cumpre o seu papel e possibilita espaços significativos de convivência e transformação.

É Jorge Larrosa (2002) quem nos informa que a experiência é sempre algo importante e fundamental no processo de aprendizagem. É algo que acontece conosco e que nos toca, nos sensibiliza e transforma. Ela exige que cada um de nós se autoeco-organize sempre que necessário ou se reinvente diante das situações e emergências vivenciadas. As informações e os conteúdos são, portanto, objetos relacionais que nos ajudam a vivenciar os processos de ensino e aprendizagem, a dialogar e a entender nossos próprios mecanismos internos, mas são as experiências, as vivências docentes, que desempenham um papel fundamental nos processos de construção de conhecimento e na aprendizagem.

Assim, é preciso resgatar as histórias de vida profissional do educador e nela encontrar sua “alma docente”, aquela que traz consigo a fé, a esperança, o sonho, a utopia, a razão maior de seu protagonismo docente, condição fundamental para que a vida volte a pulsar no seio das organizações educacionais. Isto porque todo docente tem o direito a se autorrealizar e ser feliz em sua profissão, tem direito a experimentar e a desfrutar de seu próprio processo de autotransformação, de expressar e ver materializado em seu trabalho os seus sonhos e esperanças em um mundo melhor. Tem também direito de reclamar seu papel de protagonista no exercício de sua profissão, de ser respeitado em sua autonomia, de ser tratado com respeito e dignidade em suas necessidades pessoais e profissionais. Para tanto, ele oferece o melhor de si, o melhor docente que é capaz de ser, acreditando também que seus alunos tem o direito de ter o melhor professor, ou o mais qualificado dos professores que possa lhes ajudar em seu processo de aprendizagem e evolução humana.

As experiências docentes vivenciadas também nos ensinam que cada professor carrega dentro de si um *professor interno*, uma matriz pedagógica (Furlanetto, 2007) e paradigmática, da qual irradiam suas ações pedagógicas.

É como se fosse uma base construída, não apenas a partir de sínteses teóricas, mas também de experiências culturais vividas, a partir do momento em que se era aluno/a. Essas experiências vividas constituem o que Furlanetto (2007) denomina de *matriz pedagógica*, constituída pelas experiências, conscientes ou não, desde quando se era aluno.

Ela poderá estar nas lembranças, nas memórias, por exemplo, daquele pai que escrevia bilhetes carinhosos quando a filha se ausentava ou terminava seu namoro adolescente, daquela mãe que, à noite, ajudava a filha ou o filho a melhor compreender as lições de casa, ou daquela tia, professora de matemática, que o auxiliava na compreensão dos problemas mais difíceis. Está na atitude, no carinho e na lembrança de todos aqueles e aquelas que muito contribuíram para se ter facilidade e amor por determinada disciplina. Estaria também na experiência daquela avó, professora de língua portuguesa que, com carinho e esmero, exigia uma escrita cuidadosa e correta nas cartas que a neta lhe escrevia. Ou então, estaria também nas recordações não muito boas daquela professora de piano que, em vez de ensinar a amar a música e a desfrutar do prazer da melodia dedilhada no piano, trancava a menina, com seus sete e poucos anos, em cubículos fechados do Colégio Maria Auxiliadora, a espera de alguém que tocasse a tão esperada sineta, avisando-lhe de que o tempo de estudo já havia terminado e que já era hora do recreio. Memórias agradáveis ou sofridas influenciam, positiva ou negativamente, as escolhas profissionais mais importantes de nossas vidas.

A identificação da *matriz pedagógica* que habita o âmago de nossa docência nos ajuda a reconhecer o nosso “professor interno”, muitas vezes, rigoroso, exigente e metódico, fruto de experiências dolorosas ou felizes, mas todas elas enriquecedoras, produto de multifacetadas e complexas experiências conscientes ou não, cujo resgate nos ajuda a compreender os processos de formação vividos e a dar sentido às nossas experiências discentes e docentes mais significativas.

Simbolicamente, tais matrizes pedagógicas, segundo Ecleide Furlanetto (2007), representam espaços internos nos quais a prática do professor é gestada e onde os conteúdos internos encontram-se e dialogam com os conteúdos externos, sendo, por ele, fecundados e gestados. Segundo a autora, tais matrizes são arquivos existenciais nutridos por imagens, sons,

emoções, conteúdos coletivos e pessoais acessados quando o professor se encontra em seu espaço pedagógico e quando as circunstâncias educacionais o permitem.

## Conclusão provisória

O que se percebe é que, ao se trabalhar com as histórias de vida, muitas dessas matrizes são acessadas e emergem, a partir dos espaços reflexivos criados e próprios às tais emergências, revelando, assim, que eles são acionados quando se revive experiências de formação que lhe foram relevantes e significativas.

A partir de minha experiência como docente e formadora de formadores, percebi que, muitas dessas vivências e contatos com as matrizes pedagógicas existentes dentro do meu ser, constituem verdadeiros momentos mágicos inesquecíveis, instantes transformadores que ativam, não apenas as dimensões racionais, mas principalmente as dimensões intuitiva, imaginária, emocional, sentimental e espiritual que afloram ao tocar as profundezas do ser. São experiências e vivências que abarcam todas as dimensões do ser e que se manifestam nos momentos de aprendizagem importantes da vida, revertendo, assim, aquelas teorias que assumem o aprender apenas como um processo cognitivo, racional e consciente, catalisado por elementos externos ao sujeito pensante.

Ao conectar com minha história de vida, com minhas memórias, ao entrar em contato com minha experiência docente, com minha trajetória como professora, buscando nela as partes aparentemente desconexas de minha vida, pude, então, reconhecer que, apesar de desconexas, minha vida e minha docência nunca estiveram separadas, mas constituem partes de um conjunto de ações que faz sentido e dá vida e significado ao trabalho que realizo e à minha própria existência.

A partir desta integração e manifestação da inteireza do meu ser docente, e sempre aprendente, pude então perceber que cada professor ou professora, ao embarcar de maneira consciente em seu projeto de vida profissional, assume, mais conscientemente, a autoria de sua própria história e se abre aos

processos de construção do conhecimento, no qual formação, experiência, aprendizagem, temporalidade, subjetividade, identidade se mesclam em um processo gerador que se enriquece com as práticas biográficas desenvolvidas. Ele se torna construtor de sua história e de sua própria autonomia, produto de processos autoeco-organizadores emergentes e transcendentais, em seus vários aspectos formativos.

Ao rememorar as diferentes histórias de vida de meus alunos, suas experiências mais relevantes e recordações das práticas docentes relatadas em seus processos formativos, ao perceber as retroações dessas lembranças sobre o seu pensar, durante processos de autorreflexão e de auto-organização, elas se transformam em experiências formadoras relevantes capazes de tocar profundamente as várias dimensões constitutivas do SER, do CONHECER e do FAZER. As lembranças presentes nas narrativas desenvolvidas tornam-se nutrientes da experiência formadora, transformando-as em experiências vivas, que emergem carregadas de sentido, emoção, sentimentos e valores, elementos constitutivos da dimensão interior do sujeito, catalisados a partir do diálogo com a dimensão exterior, concreta e visível suscitada pelas recordações vividas e pelos conteúdos trabalhados.

Tais processos passam a ilustrar as experiências formadoras, convertendo-as em experiências transformadoras, ao dar sentido e significado àquilo que antes não o tinha. Assim, ao questionar o passado, o presente e lançar indagações em relação ao futuro, a história de vida colabora para a construção da subjetividade humana e o fortalecimento de sua identidade, bem como para o aperfeiçoamento da consciência docente. Ao lembrar como foi o processo de formação vivenciado no passado, como ocorreu determinado processo de aprendizagem e as estratégias mais importantes, criativas e significativas do seu processo de construção de conhecimento ao longo dos anos de formação do aluno, as histórias de vida colaboram para a reconstrução e a ressignificação do próprio processo formativo, transformando-o em algo que lhe absolutamente singular, único e inesquecível.

Assim, o educar implica acolher sujeitos com suas respectivas histórias de vida, acolher as experiências individuais e coletivas, entendendo que tais experiências deveriam ser o primeiro conteúdo de uma aula e a partir delas,

se discutiria os paradigmas. Através delas fica mais fácil para o professor conhecer a essência de cada um, identificar sua origem e seus anseios mais profundos, as experiências pedagógicas que mais o impactaram, para depois abrir novos caminhos, ensinar novos conteúdos e discutir novos paradigmas. Como docentes, precisamos aprender a trabalhar com conteúdos vivos e significativos para nossos alunos, trabalhar com conteúdos experienciados a partir de nossa corporeidade, pois toda experiência e todo conhecimento implicam ação corporificada, com seus desdobramentos e transformações imprevisíveis.

## Referências bibliográficas

BATALLOSO NAVAS, Juan Miguel. **El oficio de enseñar**. Mimeo. 2005.

CSIKSZENTMIHALY, M. *Fluir: Una psicología de la felicidad*. Barcelona: Kairós, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

FURLANETTO, Ecleide C. Matrizes pedagógicas e formação de professores. **Cadernos**. São Paulo, v. 11, n. 3, jul./set., p. 11-16, 2005.

FURLANETTO, Ecleide C. **Como nasce um professor?** Uma reflexão sobre o processo de individuação e formação, 4ª. Ed. São Paulo: Paulus, 2007.

FURLANETTO, Ecleide C. Docência, experiência e transdisciplinaridade. In. M. C. Moraes & J. M. Batalloso Navas (org.). **Complexidade e Transdisciplinaridade em Educação: Teoria e prática docente**. Rio de Janeiro: Editora WAK, 2010.

GADOTTI, Moacir. **A boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido**. São Paulo: Cortez, 2002.

JOSSO, Marie Christine. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as histórias de vida a serviços de projetos. **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo. V. 25, n. 02, p. 11-23, jul/dez. 1999.



JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LARROSA BONDÍA, Jorge. “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”. **Revista Brasileira de Educação**. Nº 19, pp. 20-28, 2002.

MATURANA, Humberto. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

MATURANA, Humberto. “O que se observa depende do observador”. In (org.) William I. Thompson. **Gaia: Uma teoria do conhecimento**. São Paulo: Editora Gaia, 2000.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

PINEAU, Gastón; GALVANI, Pascal. Experiências de vida e formação docente: religando os saberes/Um problema paradigmático mais do que programático. In. Maria C. Moraes & Maria C. Almeida (org.). **Os sete saberes necessários à educação do presente: por uma educação transformadora**. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2012.

GALVANI, Pascal; PINEAU Gastón. Experiências de vida e formação docente: religando saberes/um método reflexivo e dialógico. In. Maria C. Moraes & Maria C. Almeida (org.). **Os sete saberes necessários à educação do presente: por uma educação transformadora**. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2012.

ZEICHNER, Kenneth M. **Uma agenda de pesquisa para a formação docente**. In: <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br/artigo/exibir/1/8/1>. Acessado em 10/05/2009.

Novembro / 2013

*“Complexificar é tentar ver não apenas o jogo múltiplo das interações, imbricações e retroações, mas também os aspectos opostos de um mesmo fenômeno.”*

– Edgar Morin

## Capítulo III

### MINHA PELEJA COM A EDUCAÇÃO

*“A maneira como cada um de nós ensina está directamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino [...]. É impossível separar o eu profissional do eu pessoal.”*

— Nóvoa (2003/2007, p. 17)

Christielle Fagundes

Peleja, é definido pelo dicionário Houaiss (2001), como luta, disputa, tendo estabelecida a relação entre o significante “peleja” e seu significado já definido. Mas, para a psicanálise, não existe essa relação direta e estanque entre significante e significado, sendo o significado diferente para cada sujeito.

Peleja é um significante que só escutei sendo pronunciado por pessoas que viviam na zona rural da cidade do interior da Bahia, onde nasci. Diante da pergunta: “E aí, como vão as coisas?”, respondiam: “Estou pelejando...”, no sentido de “estou trabalhando; batalhando; me esforçando; tendo dificuldades, mas persistindo”. É este o sentido de “peleja” para mim.

Sabemos que se continuarmos a insistir, a investir em algo que exige esforço, existe uma boa razão para isso. Existe uma razão para continuar em vez de desistir. Minha razão, pensando agora, talvez diga respeito ao meu desejo de saber.

O desejo de saber é algo que me acompanha desde a infância. Queria saber o porquê das coisas serem como são, “por que minha avó age assim?” “Por que eu tenho que fazer isso e meu irmão, não?” “Como as coisas eram no tempo de minha bisavó?” ... Estava sempre questionando. Aos oito anos, tinha decidido que estudaria Psicologia. Interessava-me muito por História e Arqueologia, mas esses saberes seriam complementares. Acreditei que estudando psicologia, eu conseguiria encontrar as respostas que procurava.

Nasci e cresci numa cidade do interior da Bahia, sabendo, desde sempre, que lá não me caberia por muito tempo. Aos 16 anos conclui o Magistério. Aquele último ano foi um ano difícil. O estágio foi árduo para mim. Passei três meses como estagiária numa turma de 2ª série de uma escola pública. Era adolescente e não tive muito suporte para dar conta daquele ofício. Desde o começo, contava os dias para que aquela experiência chegasse ao fim.

Lembro-me de dois alunos, em especial, ambos com sete anos de idade. Um deles vinha da zona rural, não sabia ler nem escrever. Informaram-me logo que a atividade, para ele, era diferente das atividades dos demais alunos. A professora lhe entregava atividades para “cobrir”, desenhar ou pintar. Ele demandava muita atenção, contato físico. Sempre que tinha uma oportunidade, ele vinha se sentar em meu colo. Era muito carinhoso e tinha dificuldades para aprender. O outro aluno é o único do qual me lembro o nome: Isac. A família era evangélica e tinha dado a todos os filhos nomes bíblicos, tendo um que se chamava Jesus. Isac era o mais agitado, agressivo às vezes, mas carinhoso também. Brincava e incomodava os colegas o tempo todo. Era muito difícil encontrar alguma atividade que despertasse seu interesse.

Esse estágio foi uma experiência frustrante para mim. Tinha decidido aí que, em minha caminhada profissional, ficaria o mais distante possível da Educação. Entendo, hoje, que esse é um ofício que lida com a frustração constantemente, com a castração (simbólica) daquele que ensina, seja com o planejamento que não funciona, pelo não saber o que fazer diante de algum imprevisto, seja na ausência de interesse, de desejo do estudante em aprender o conteúdo proposto, seja pela afronta, desautorização ou desrespeito que podem surgir.

Terminada essa experiência, e com o curso de magistério concluído, fui embora para a capital do Estado. Comecei a fazer cursinho pré-vestibular. Foi quando me dei conta do quanto minha formação tinha sido precária. Estudei durante toda minha vida em escola pública. Não conhecia nada de física, nem de química, biologia, língua estrangeira e história. Foi um ano de encantamento e, ao mesmo tempo, de frustração no cursinho. Encantamento com tudo que consegui aprender de história, química e biologia, mas também de frustração com o que não foi possível aprender de física e matemática.

Ao final de um ano de estudo, casei-me e fui morar em Recife, onde iniciei a faculdade de Psicologia. Ali, descobri logo a Filosofia, a Teologia.... Era muito saber... Onde é que eu estive esse tempo todo? Em especial, o contato com a Teologia mexeu muito com minhas crenças. Assim, muita coisa começou a mudar dentro de mim. Sentia-me completamente envolvida com o curso. Era sempre tão atenta que ainda, hoje, tenho dificuldade para entender os alunos universitários que não se envolvem, não se interessam, que desrespeitam o professor e os colegas. Enfim, intriga-me a posição dos atuais universitários. Aqui, novamente, deparo-me com o meu desejo de saber, agora como uma questão sobre o desejo de saber do outro.

No 3º semestre da faculdade, fazia parte de um grupo de estudo em Psicanálise. Havia em mim um movimento de atração e repulsa por esse saber sobre o humano, apresentado pela teoria freudiana. Precisava estudar para compreender, para me apropriar dessa teoria, fosse para tomá-la como referencial teórico ou, então, para contestá-la. Coisa que aprendi com uma professora que, no 1º semestre do curso, nos disse: “estudem e entendam antes de dizerem que não concordam com uma teoria”.

Ao final do 5º semestre, voltei a morar em Salvador, dando continuidade à faculdade. A primeira disciplina com a qual me deparei foi Psicologia Escolar. Fiquei encantada com a professora, que hoje se tornou uma grande amiga. Marta Alfano é o seu nome. Foi ela quem me fez olhar para a educação. Cheguei naquela nova faculdade, onde não conhecia ninguém. Como era aluna transferida de outra instituição, nas turmas onde cursava as disciplinas, todos já se conheciam, exigindo um certo esforço dos novatos para se integrarem. Sentia-me um tanto tímida, procurando um lugar,

quando, então, me deparei com uma professora que escutava os alunos, que queria saber o que pensavam sobre o tema da aula. Muitos professores demandam a participação dos alunos, mas não conseguem sustentar a ideia de aprendizagem como construção, pois logo mostram postura de rigidez, de não aceitação da opinião diversa. Marta Alfano trazia leveza para suas aulas. Acredito que isso só era possível porque era algo dela, como pessoa, e que se revelava em sua prática. Hoje, sinto que tenho em minha prática muito do que aprendi com essa professora.

Penso nesse momento na influência que um professor pode exercer sobre nós, tanto nos afetando positivamente, despertando interesses pela busca de saber, como também provocar repulsa, afastamento. Freud observou esse fenômeno, dizendo:

É difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres. É verdade, no mínimo, que esta segunda preocupação constituía uma corrente oculta e constante em todos nós e, para muitos, os caminhos das ciências passavam apenas através de nossos professores. (FREUD, 1914, p. 248).

Freire (1996) também atribui importância ao aspecto da subjetividade, do relacional, na aprendizagem. Ao falar dos saberes necessários à prática educativa inclui a relevância que os educadores podem representar para o discente. Lembra-se do efeito sobre si causado pelo gesto de um professor ao devolver-lhe um trabalho, gesto tal que fez com que, a partir daquele momento, ele se sentisse mais seguro e capaz de seguir adiante com suas ideias. Ele diz:

(...) Em certo momento me chama e, olhando ou re-olhando o meu texto, sem dizer palavras, balança a cabeça numa demonstração de respeito e consideração. O gesto do professor valeu mais que a nota dez que atribui à minha redação (p. 43).

No meu caso, a referida professora teve um relevante papel, já que o encontro com ela teve o efeito de fazer com que eu me aproximasse

novamente da educação. Apresentei a ela a proposta de irmos, nas férias, à minha cidade de origem fazer um trabalho de psicologia escolar. Ela topou. Fomos num grupo de 16 alunos, mais a professora. Quatro desses alunos estavam no final do curso e tiveram essa experiência como estágio específico. Para estes, o trabalho foi feito diretamente com os professores. Os demais alunos se organizaram em duplas e ocuparam as salas dos professores que estavam participando dos trabalhos com as quatro estagiárias. Fiquei nesse segundo grupo, voltando para a sala de aula pela segunda vez. Foi difícil. Fiquei corresponsável por uma turma de 2ª série, com alunos de sete anos. O planejamento não funcionava, os alunos se agrediam. Passamos a fazer vários planejamentos para uma aula, considerando a possibilidade de que algum não funcionasse, aí poderíamos tentar outra possibilidade. Chegamos lá pretendendo promover a autonomia, mas tínhamos apenas duas semanas para isto.

Hoje, recordando-me de tudo isto percebo que esta experiência foi marcada por muitas dificuldades que surgiam na medida em que as atividades planejadas não despertavam o interesse daquelas crianças, ou quando elas se interessavam em fazer algo diferente, para logo em seguida, desfazer. Foi marcada, também, pelo não saber o que fazer. Ficamos perdidos, eu e o colega que fazia dupla comigo e eles também. Recordando disto, hoje, vejo que tentamos de forma abrupta (e revolucionária) superar uma relação tradicional em sala de aula, em que o professor diz o que fazer e o aluno apenas obedece. Em substituição a essa prática instrucionista, tentamos desenvolver a autonomia daquelas crianças, por meio de atividades que possibilitassem a elas participarem ativamente, estabelecendo regras e resolvendo conflitos com os colegas. Além desses objetivos, nosso trabalho visava, também, estimular o desenvolvimento da escrita a partir de atividades significativas, isto porque a escrita precária era uma das queixas dos professores.

Comparando esse trabalho ao meu anterior (estágio no magistério), percebo que a grande diferença diz respeito ao “olhar”. Nesta experiência, o meu olhar foi mais atento ao comportamento daquelas crianças, à forma como elas se comunicavam ou tentavam se comunicar, que, na maioria das vezes, era de maneira agressiva, xingando-se mutuamente, batendo,

chutando e gritando uns com os outros. Nesses momentos de comunicação conflituosa, eu tentava apresentar novas possibilidades de se relacionarem de outra maneira, de resolverem seus conflitos de uma forma não agressiva. Dizia-lhes: “Se você pode falar, porque precisa gritar?”, “Em vez de bater, diga a seu colega o que ele fez que lhe desagradou”... O resultado deste nosso empenho foi visto nos últimos dias desse estágio, quando um aluno falou com o outro: “não precisa gritar”.

Desta experiência relatada, ainda destaco um dia, mais precisamente o nosso quinto dia de trabalho com aquelas crianças. Era uma sexta-feira e tínhamos planejado fazer um trabalho com barro, tanto para dar espaço à criatividade das crianças, como para sabermos, através de suas criações, o que se passava em seus “mundos particulares”. No dia anterior, perguntamos quem poderia levar o barro, e alguns meninos logo se prontificaram. Distribuímos um pedaço de barro para cada criança e dissemos que poderiam fazer o que quisessem. Todos se envolveram completamente, se divertiram muito, criaram histórias, deram nomes aos personagens criados, envolveram-se uns com os outros na tentativa de construírem juntos. Nesse momento, pude observar que eles se relacionaram de forma cooperativa e amigável. Não houve conflito nesse dia. Foi incrível o trabalho desenvolvido!

Ainda nesse dia, mais tarde, tivemos um encontro com a professora dessa turma, que nos falou das dificuldades enfrentadas, inicialmente. Comentou-nos que, nos primeiros dias de aula, ela entrava na sala e recebia uma “chuva de cuspe”, e que os alunos só gritavam e cuspiam. Um verdadeiro absurdo! Aos poucos, sem dizer como, ela foi conseguindo desenvolver algumas atividades com eles, entretanto, para ela, só o fato de eles não cuspirem mais já fora uma grande conquista. Ela iniciou o trabalho com essa turma já no final do ano anterior, substituindo uma professora que precisou se afastar. Essa foi uma informação um tanto tranquilizadora para meu sentimento de impotência e incapacidade que surgia quando eu estava diante daquelas crianças. O mesmo pode ser observado quando, dias depois, ao levar de volta o trabalho de barro, eles, simplesmente, destruíram tudo. Jogaram uns nos outros, nas paredes, deixando a sala cheia de terra.

Após passar por tudo isso, várias questões surgiram e ganharam espaço no grupo de pesquisa, que iniciamos na faculdade, depois do retorno

dessa viagem. Discutíamos tudo o que se passou nesse estágio, somando ou articulando essa experiência com as teorias que abordam a psicologia escolar. Essa pesquisa culminou com um artigo que, na verdade, foi mais um relato de experiência, publicado na revista científica da Faculdade. O meu texto teve o título “Um olhar sobre uma experiência em psicologia escolar”.

Terminado esse trabalho, afastei-me novamente da educação. Meu interesse despertado foi direcionado para a psicologia hospitalar, em específico para a psico-oncologia. Comecei a fazer vários cursos na área. Passei um ano dedicando-me ao tema da morte. Iniciei um estágio em um hospital filantrópico, especializado no tratamento do câncer. Fiquei um ano ali e experimentei importantes mudanças como pessoa e como profissional. Nesse estágio, a Psicanálise foi o principal referencial teórico de minha prática. Aqui também, é claro, novamente as frustrações surgiram. Concluí o curso. “Sou psicóloga agora!”, pensei comigo. Mas, pelo fato de ainda não me sentir “pronta”, imediatamente iniciei um curso de especialização em Teoria da Psicanálise, de Orientação Lacaniana.

Meu primeiro trabalho como psicóloga foi na área da saúde pública, mais precisamente no Núcleo de Apoio à Saúde da Família – NASF, com uma interessante proposta de trabalho voltada para a prevenção, não apenas para o tratamento. Logo depois, mudei-me para Brasília e, o mais interessante, é que a oportunidade de trabalho que surgiu foi, novamente, na educação, como professora de psicologia da educação, em um curso de Pedagogia.

Naquele momento, tive muito medo, pois não me sentia preparada para ensinar numa faculdade, menos ainda para um curso de licenciatura. Recorri, então, aos meus professores e estudei para preparar as aulas. Parecia estar indo tudo bem. Alguns alunos participavam mais, outros ficavam quietos, como costuma acontecer, mas, pouco mais de um mês de aula, no momento da avaliação, percebi que, para a maioria, a aprendizagem não tinha ocorrido de forma satisfatória. Na avaliação que realizei, percebi que eles tinham sentido dificuldade até mesmo para compreender o enunciado da questão. Discuti, então, a situação com a turma e muitos falaram da dificuldade em compreender conteúdos mais abstratos.

Procurei, imediatamente, realizar uma supervisão com uma antiga professora da época de faculdade. Discutimos a situação e as mudanças



metodológicas necessárias. A partir daí, mudei a metodologia de ensino, tentando tornar as aulas mais práticas e participativas. Passei a fazer pequenas e contínuas avaliações, em diferentes formatos, para perceber a compreensão dos alunos e para, de certa forma, provocá-los a irem estudando continuamente.

Freire (1996) aponta a relevância da pesquisa constante, da atualização do professor, não apenas em relação a conteúdos, mas, também, ao contexto sociocultural em que estão inseridos seus aprendizes. O professor que trabalha em diferentes contextos aprende que uma mesma metodologia não resulta igual em locais distintos, pois além da diferença entre as pessoas e entre as turmas, há, ainda, a diferença marcada pelo contexto sociocultural, no qual se está inserido.

Penso que isso diz respeito a uma fundamental postura ética na educação, que se refere à questão primordial que o professor precisa se colocar, diante de algo que não funciona em sua prática. A questão primordial, penso eu, deveria se dirigir ao professor, no sentido de: “será que houve algum equívoco em minhas intervenções, na escolha das estratégias de ensino?”

Reconheço o quanto pode ser difícil essa hipótese inicial de que pode ter havido uma falha em si mesmo, mas defendo que não é culpabilizando o estudante e se colocando em posição de quem “não tem nada a ver com isso”, que algo na educação possa realmente mudar. É claro que o estudante também faz sua escolha de nada querer saber daquilo, naquele momento ao menos, mas acredito que essa não deva ser a primeira hipótese a ser considerada. Atribuir a responsabilidade do problema completamente ao outro é tentador, é cômodo, e diz do “não querer saber nada disso” da parte do professor.

Penso que meus pais contribuíram muito para o desenvolvimento dessa compreensão, de conseguir me organizar facilmente para fazer escolhas importantes, de responsabilizar-me por aquilo que escolho e com o que me comprometo a fazer. Desde criança, já me encontrava em situações que envolviam escolhas. Lembro-me de uma viagem para Brasília, numa época de natal. Meus pais levaram a mim e a meus irmãos para uma loja de brinquedos que, em minha memória era enorme, nunca mais encontrei nada igual! Já dentro da loja, meu pai disse para escolhermos um presente

de natal, qualquer um, mas, apenas um. Depois de procurar o que me agradasse, fiquei entre três brinquedos. Um era uma boneca que falava e comia bolachas, e era bem cara. Os outros dois não me lembro, mas tentei negociar, comparando os preços, argumentei que aqueles dois juntos sairiam mais baratos que a boneca. Mas a resposta que tive foi de que teria que ser apenas um. Escolhi a boneca, claro! Que, aliás, está na casa de meus pais ainda hoje.

Provavelmente eles não fazem ideia do efeito que essa cena teve em minha constituição subjetiva. Mas por ser algo tão vivo em minha memória, depois de tantos anos passados, sei que foi fundamental para a constituição do que sou hoje.

Retomando minha peleja com a educação, simultaneamente a essa experiência como docente, chegou o momento de escrever a monografia do curso de pós-graduação. Minha questão era: de que forma a psicanálise poderia me auxiliar naquela prática? Mas, também, de que forma poderia auxiliar aqueles futuros professores, os estudantes de pedagogia?

Comecei a estudar e encontrei textos e livros muito interessantes, que me eram desconhecidos até então. Eram pesquisadores com questões iguais à minha. Destaco o encontro, naquele momento, com Ana Lydia Santiago e Maria Cristina Kupfer, que me fez ampliar minhas perspectivas teóricas e práticas. Lacan e Platão (O banquete) também possibilitaram muitas reflexões. Hoje, utilizo em minha prática o que descobri e o que consegui elaborar a partir dessa pesquisa.

Nesse estudo, tentei identificar as contribuições do saber clínico para o fazer do professor na sala de aula. Algo que logo percebi foi que, em ambos os contextos, tratavam-se de saberes distintos. Na análise, o saber que se pretende construir é puramente subjetivo, enquanto na educação escolar o saber é objetivo, mas não apenas, entendi depois. Kupfer (2009) fala disso por meio da metáfora da herança. Quando se recebe um conhecimento é preciso se apropriar dele, envolvê-lo com sua singularidade, com seu sentido, só depois disso ele é efetivamente aprendido. Então, no processo de aprendizagem o saber é objetivo e, ao mesmo tempo, subjetivo. Foi uma constatação muito interessante naquele momento e que influenciou fortemente minha prática e as formas de avaliação que passei a adotar.

Aos poucos, fui sentindo-me mais segura e confortável no ofício de professor, podendo experimentar muitas alegrias e satisfações. Contudo, as dores não deixam de existir, em algum momento ou em outro, elas reaparecem. Essa experiência subjetiva tão intensa e ambivalente me aproximou muito dos professores, possibilitando o surgimento de convites para ministrar cursos de formação de professores da rede pública de ensino de minha cidade de origem e destinados a professores que fizeram magistério, como eu, alguns inclusive foram meus colegas.

O desafio foi aceito. E outros convites surgiram também em Brasília. Eles talvez não acreditem, mas essas formações servem muito mais para mim que para eles, pois nesses encontros minhas questões como docente são reelaboradas. Depois desses cursos, onde atuo como “formadora”, volto sempre para a sala de aula, como “professora”, já que novas ideias surgem, bem como novas formas de olhar para os estudantes.

Por fim, mais um decisivo encontro se deu, agora no Mestrado, com a professora Sandra Francesca Almeida, que se tornou minha orientadora. Destaco-a, embora também reconhecendo que muitos outros transmitiram para mim algo que vai além do conhecimento teórico, objetivo, algo do que são como professores e como pessoas. Esses encontros são sempre inspiradores, funcionando como alimento para o meu fazer na educação. Mas Sandra Francesca me ensinou muito pelo respeito que teve e tem pelo meu percurso, pelas escolhas feitas na elaboração de minha dissertação.

E como me mantenho nessa peleja amparada pelo desejo de saber, minha última questão orientou minha pesquisa de mestrado. Essa questão refere-se ao sujeito contemporâneo, que chega, hoje, no ensino superior numa posição diferente dos de outrora. Os professores se queixam de desautorização, afrontamento, desrespeito, pouco comprometimento desses estudantes na própria formação. Minha questão de pesquisa busca compreender o que houve, a partir de uma perspectiva social e subjetiva, para que essa mudança ocorresse, quais as causas e possíveis consequências. Fiz uma pesquisa de campo com os professores para conhecer o que para eles são problemas, dificuldades em suas práticas, bem como para conhecer as possibilidades de soluções propostas, tudo isso à luz da teoria psicanalítica.

Com essa pesquisa tive a compreensão de que, para além das respostas às questões que conduziram meu estudo, o mais importante foi a estratégia utilizada para a construção dessas respostas. Descobri que muitos estudiosos que trabalham com formação de professores têm percebido que essa formação não pode se limitar ao aspecto técnico-instrumental da profissão, mas deve englobar o aspecto subjetivo do docente, compreender sua pessoa. Já que o que o professor é como pessoa, marca sua prática, como observado por Nóvoa:

A maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino [...]. É impossível separar o eu profissional do eu pessoal (NÓVOA, 2003/2007, p. 17).

A formação de professores que foca a subjetividade, a pessoa do professor, é aquela que proporciona um espaço de fala para o docente. A proposta da psicanálise, nesse contexto, e que vem sendo utilizada em minha prática na formação de professores, é a que o concebe como sujeito, isto é, como aquele que tem uma história de vida, que tem seus desejos e suas angústias, alegrias e dificuldades. Não é um espaço de terapia em grupo. O professor não vai falar de sua vida pessoal, apesar de que algo disso também possa surgir. O foco é sua prática docente.

Almeida (2009) fala da importância de uma formação pautada em princípios éticos, o que leva o sujeito a se engajar em sua prática, responsabilizando-se por ela e questionando o sentido e a finalidade de sua ação. Nesse tipo de formação, a fala deve ser dada aos professores e praticada uma escuta sensível. Uma formação que ofereça um espaço de fala e de escuta sobre aquilo que não deu certo, onde os professores possam falar de suas práticas e, ao falarem, serem escutados, para repensarem e se responsabilizarem pelo seu fazer.

Almeida (2009; 2010) ainda defende que os dispositivos de formação de professores capazes de atender a essa proposta, são os dispositivos clínicos, que não são sinônimos de terapêutico, em sua definição clássica. A proposta aqui não é a de tratar/curar o professor do sofrimento advindo das frustrações com sua prática. Não são dispositivos terapêuticos, explica Almeida (2012), embora produzam efeitos terapêuticos.

Os dispositivos clínicos possibilitam a oferta de uma escuta clínica, que se apoia na *“compreensão de que o professor-sujeito se constitui, dinâmica e dialeticamente, como efeito de uma configuração subjetiva e de relações interpessoais e sociais tecidas ao longo de sua história de vida e de sua trajetória profissional”* (ALMEIDA, 2009, s/p). Assim, entendo que profissão docente exige formação contínua, nunca está acabada, já que de certa forma envolve a subjetividade do praticante.

Observei em minha prática, como mediadora desses dispositivos de formação, bem como no relato de outros pesquisadores que adotam o mesmo dispositivo, que o principal resultado acontece ao se provocar questionamentos e dúvidas onde antes havia certezas, levando o docente a repensar seus conceitos e crenças e, conseqüentemente, a sua prática. Dessa forma, essa formação deve ser contínua, já que ela não estará nunca acabada. O professor nunca está pronto, já que o seu fazer lida sempre com o imprevisível, o inesperado, o novo, inerente à condição humana.

Agora acredito que, para que a educação possa acontecer, ela necessita de professores verdadeiramente comprometidos com sua profissão, que se responsabilizem pelo seu ofício, pelo seu fazer, repensando sempre suas estratégias e intervenções. Entendo que essa profissão não é para aqueles que a tomam como uma maneira de aumentar os rendimentos financeiros, como um “bico” qualquer e muito menos para aqueles que por “falta de opção”, por não conseguirem outro trabalho, optam pela docência. Lamentavelmente, penso que temos muitos desses professores ainda presentes na educação brasileira.

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, Sandra F. C. Desafios na formação clínica de professores: entre o cuidado, o ensino e a transmissão. **Anuais do VII Colóquio LEPSI**. São Paulo: IP/USP. Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032008000100006&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032008000100006&script=sci_arttext). Acesso em: 10 de junho de 2013.

\_\_\_\_\_. A ética do sujeito no campo educativo. In: ALMEIDA, Sandra F. C. (Org). **Psicologia escolar: ética e competências na formação e atuação profissional** (pp. 179-194). 3 ed. Campinas: Alínea. 2010.

\_\_\_\_\_. Formação continuada de professores: conhecimento e saber na análise clínica das práticas profissionais. **Estilos da clínica**, 17 (1), pp. 76-87. 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FREUD, Sigmund. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar (1914). **Obras psicológicas completas vol. XIII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KUPFER, Maria Cristina. Amor e saber: A psicanálise da relação entre professor e aluno. In: COHEN, Ruth H. p. (Org). **Psicanalistas e Educadores: tecendo laços**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.

NÓVOA, Antônio (2003). Os professores: um “novo” objeto da investigação educacional?. In: NÓVOA, Antônio (Org.). **Vidas de professores**. 2 ed. Porto: Porto Editora, pp. 11-17, 2007.

PELEJA. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.



## Capítulo IV

# EDUCAÇÃO EM VALORES

*“A verdadeira educação consiste em pôr a descoberto ou fazer atualizar o melhor de uma pessoa. Que livro melhor que o livro da humanidade?”*

– Mahatma Gandhi

Daniel Barbosa Santos

### Iniciando a reflexão

A ciência está exigindo uma nova visão de mundo, diferente e não fragmentada. A atual abordagem que analisa o mundo em partes independentes já não funciona. Por outro lado acreditamos na necessidade de construção e reconstrução do homem e do mundo, tendo como um dos eixos fundamentais, a educação, reconhecendo a importância de diálogos que precisam ser restabelecidos, com base em um enfoque mais holístico e em um modo menos fragmentado de ver o mundo e nos posicionarmos diante dele. Já não podemos prescindir de uma visão mais ampla, global para que a mente humana funcione de modo mais harmonioso no sentido de colaborar para a construção de uma sociedade mais ordenada, justa, humana, fraterna e estável. (MORAES 1997, p. 20).

Lembre-mo-nos das dificuldades de educar com base em valores, em dias de tão controversas questões econômicas, sociais, pedagógicas. Se já nos



parece um consenso que formar pessoas não se constitui uma tarefa das mais simples, adicione-se à incumbência de educar um filho em uma sociedade do conhecimento e da informação onde tudo é rápido, abundante e nem sempre sadio. Contextualizemos essas prerrogativas em um mundo onde a preocupação com questões ecológicas e sociais emergentes ainda não se mostram a altura da crescente fome ou a iminente falta de água, premissas para a sobrevivência de todo e qualquer ser vivente. Um consumismo e uma voracidade capitalista que, mesmo trazendo consigo as conhecidas mazelas sociais, econômicas e culturais, parecem não ter concorrentes à altura. Consideremos, ainda, nossa atual rede pedagógica e educacional, pautada em paradigmas industriais e mercantis que, mesmo decadentes, ainda se constituem como dominantes. Enfim, nesse contexto, preparar o cidadão do futuro, realmente, não é tarefa óbvia.

Nesse panorama, é inevitável que nos remetamos aos valores sob os quais fomos criados. Que nossas referências, no intuito de ações mais pró-ativas com relação à educação, sejam as mesmas que nos possibilitaram chegar a um patamar mais reflexivo. Assim, permito-me pincelar rapidamente minha história de vida. A partir deste breve relato, contextualizando minha formação pessoal, profissional, laboral, escolar, acadêmica, social, política, cultural e espiritual, intenciono apresentar as diferentes dimensões que serviram como fonte dessas minhas construções. O resgate dessas experiências poderá ser capaz de nortear a natureza das ações educacionais às quais me proponho, sejam elas laborais ou familiares, servindo de subsídio para que possam melhorar as minhas práticas formais e informais. A partir desse conjunto de valores, que impactou a minha história pessoal e familiar de forma significativa, configurar-se-ão valores essenciais, com os quais desejo educar meu filho.

## Atrevimentos de um sujeito pesquisador

Por influência de mãe mineira e pai piauiense, cresci ouvindo resquícios da Tropicália e do Clube da Esquina que, em alternância com os chorinhos de Jacó do Bandolim e Pixinguinha, modas de viola caipira, orquestras

de pífaros, músicas clássicas de variadas tendências, configuravam os sons que me faziam pular da cama nos finais de semana que permearam minha infância. Sobre a família, boa parte dela constituída de músicos. O avô materno, antes de se mudar para a capital federal, passara a maior parte da vida entre o dedilhar um violão caipira e o tocar sua vendinha de pães e guloseimas feitas pela minha avó, numa cidadela do Vale do Parnaíba – nas Minas Gerais – de nome Arapuá. Apesar do sorriso fácil, dizem que tocava só para ele. Quietinho, cabeça baixa, alimentando a própria alma com ternura musical. Hoje, reconheço o privilégio que foi ter meu primeiro violão afinado por ele. Não só pela minha idolatria e pelo seu carinho singular, mas porque não deve ter sido fácil afinar um violão surrado, já além da conta, cujas tarraxas só giravam com auxílio de chave de fenda.

Família paterna, nordestinamente festeira. Agitada! Fala alto! Quente como os sertões do agreste! Quase todos criados em casa de pau-a-pique. Conta-se que havia uma lâmpada só para toda a casa e que o alimento, apesar de pouco, muito pouco, era rateado entre quase vinte irmãos e ajuntados. Até que o irmão mais velho, meu pai, retirante, decidiu tentar a sorte em Brasília. Emprego arrumado, terreno comprado! Trouxe mãe, pai e outros onze irmãos restantes. Formado e concursado: casado! Por esse lado, sou igualmente neto de músico. Este, baterista, falecido com pouco mais de quarenta. Tios e primos, firmes e fortes, mais da metade músicos, que se dividem até hoje entre a boemia e o carnaval.

Não podia dar em outra coisa, senão em um refém da música. Atento às delícias de uma peça bem orquestrada e de uma fanfarra bem tocada. Um pseudo-instrumentista, dotado de técnicas precárias para a extração de sons com mínima harmonia. Desprovido de compreensão a respeito das elaboradas ciências constitutivas das notas, dos acordes e das partituras. Mas, como que num resquício de dom, possuidor de audição sensível o suficiente para fazer surgir música de uma guitarra. Instrumento que comecei a dominar na efervescência da adolescência, mas, *desplugado*, baixinho, fechado no quarto, na madrugada, só para mim e meu avô, que sorria do céu. Enquanto isso, meu irmão, pouco mais novo, rabiscava sentimentos no quarto ao lado. Desenhos de paredes inteiras, dignos de anos dedicados ao conhecimento das técnicas, perspectivas e sobreamentos, mesmo sem nunca

tê-los estudado. Quanto a ele, apagara seus desenhos ao se mudar para o Rio e, hoje, ainda afeito, trabalha na área de desenvolvimento cultural. Quanto a mim, ainda toco, me valendo dos singulares momentos de entusiasmo entre primos e amigos, fazendo jus à formação musical quase osmótica que perpassou minha existência.

No contraponto a essa ludicidade musical, como consequência de certa facilidade para com as exatas, me formei na área das Ciências da Computação. Essa mesma! Da lógica binária, dos algoritmos e do reducionismo. Do software, do hardware e do pensamento cartesiano. De início, por condução do destino, tornei-me professor. Atualmente, por paixão, sou educador. Constituído em trajetória natural: jovem professor de Matemática para ensino fundamental; de Física no Ensino Médio; de disciplinas de computação para o nível superior. Mestrado concluído, tornei-me coordenador de cursos superiores na modalidade denominada controversamente de “a distância”. Hoje, atuo nas áreas da gestão, voltadas para a eficiência dos processos de EAD em Instituições de Ensino Superior. O que acirraria ainda mais o raciocínio retilíneo, objetivo e determinista, exigido pelas planilhas, relatórios e resultados diuturnamente cobrados, não fosse a inquietude interior que se afforava, independente da minha vontade e até da consciência, ainda durante as pesquisas do *stricto sensu* em Educação.

Nesse contexto, minha dissertação de Mestrado, ao mesmo tempo em que transparecia a vivência reducionista das exatas, também já evidenciava a busca por algo além dessa lógica. O próprio título: “Indicadores de qualidade nos processos de ensino-aprendizagem virtual: a necessidade da mudança de paradigmas educacionais”; já poderia ser considerado como um reflexo da inquietude interior. Nele, emergia uma certa dualidade. Por um lado, evidenciava-se uma necessidade de autoafirmação, contextualizada pelas regras e normas da computação, representada pela adoção de termos como “indicadores”, “qualidade”, “processos”. Todas, palavras comuns à realidade da gestão, consonantes com um paradigma mais lógico e objetivo. Por outro, já se percebia a emergência de uma nova maneira de pensar e a busca, quase inconsciente, pela “necessidade da mudança de paradigmas”. Era o despertar para transcendência rumo a um patamar de realidade além do vigente, que já não supria mais as necessidades nem do ser e nem do

fazer. Nesse ponto, era evidente o conflito provocado pela curiosidade a respeito do complexo. Nesse ponto, representado como dual, dicotômico, porém, não excludente. Complementar!

Mesmo ainda preso ao pensamento racional e aos paradigmas reducionistas, uma maior apropriação com a episteme da transdisciplinaridade se deu mais recentemente, não só como decorrência natural dos estudos, mas, principalmente, através do grupo de pesquisa *Ecotransd* do qual, audaciosamente, solicitei fazer parte. Aceito de braços abertos e confortado por um carinho, uma compreensão e uma paciência que transcendiam qualquer nível de realidade por mim até então conhecido, os termos “complex” e “trans” me fascinavam. A filosofia e a ciência por trás dos ensinamentos a respeito dessas emergências me despertaram, me desafiaram e me conduziram definitivamente para o tipo de pesquisa à qual me propus abraçar. Porém, ainda arraigado pela formação e pela vivência nos paradigmas lineares, para mim, compreender a epistemologia da transdisciplinaridade ainda não era fácil. A elucidação mais precisa do tema, assim como a paixão definitiva, se deram após uma reunião do grupo de estudos, voltando para casa, escutando música e relaxando. O despertar da consciência transdisciplinar veio em rompante, paradoxalmente, através de um exercício de reflexão. Percebendo e vivenciando o quão bela é a música, não somente pelo conjunto de sentimentos despertados, pelas histórias revividas, mas também pelas várias dimensões e áreas de conhecimento às quais somos remetidos quando percebemos sonoridade de um simples acorde, deduzi que, naquele momento, a música era e não era (um conceito). E ainda, estava bem, além disso!

Apesar das propriedades eminentemente científicas, um acorde musical nos remete a questões que vão muito além de qualquer um desses campos das ciências. A música, ao mesmo tempo em que não pode ser conceituada com singularidade, pode ter várias definições, vários significados. A música presente nos remete ao passado e nos prospecta o futuro. Desperta sentimentos, faz lembrar. Na alma, é capaz de pincelar múltiplos matizes em diferentes níveis de realidade. É sabido que a música envolve as questões da métrica, próprias da Matemática, da ondulatória estudada pela Física, da própria teoria musical, que envolve diferentes áreas do conhecimento

e das ciências. Porém, ela é muito mais que isso. Além de não precisar ser nada disso, para ser, simplesmente: música!

Essa multidimensionalidade, inicialmente percebida na música, acabou se expandindo em várias outras reflexões. Comecei a ensaiar atitudes de abertura para com processos que envolvem uma lógica diferente, uma maneira de pensar mais elaborada, com percepções mais refinadas sobre uma realidade complexa, multifacetada e permeada por indivíduos, cada um com sua própria experiência de vida. Nesse ponto, ressalto a magnitude e a importância de uma luz em meu caminho. Um ser indubitavelmente pertencente a um outro nível de realidade que, com carinho, atenção e responsabilidade para com as emergências e particularidades inerentes à minha história, conduziu o meu processo de consciência a respeito dessas multidimensionalidades: a professora Maria Cândida Moraes, meu arado.

Aos poucos, fui compreendendo o que significava dizer que o sufixo *trans* indica o que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das disciplinas e mais além de qualquer disciplina (NICOLESCU, 1999) e também que o todo pode ser maior ou menor do que a soma das partes (MORIN, 2000). Passei a assumir que a teoria da transdisciplinaridade poderia me oferecer a base filosófica e epistemológica para dar continuidade às minhas pesquisas e que o olhar complexo seria fundamental para a realização destas, assim como para a minha própria compreensão de mundo. Decidi que precisaria romper meus paradigmas e minha lógica em prol de algo maior. Enfrentei as dúvidas, as inseguranças e assumi o risco de me lançar. Desenhei o caminho a ser trilhado mesmo sabendo que, antes, precisaria ser, a duras penas, desbravado. A partir de então, o espírito complexo e transdisciplinar se instalou definitivamente neste pesquisador.

Portanto, o olhar complexo e a metodologia transdisciplinar se apresentam como alicerces fundamentais deste trabalho, funcionando como uma amarração entre esses meus dois mundos, o mais arraigado, onde os paradigmas mecanicistas, que de certa forma ainda continuam a atuar sobre mim – até por fazerem parte do meu cotidiano laboral – e o emergente. A subjetividade, aos poucos, se afirma e me possibilita acessar outras dimensões, privilegiadas, de pensamento, fazendo-me chegar a um interior mais profundo de reflexão e de, por que não dizer, autodescoberta.

Depois, veio o Doutorado em Educação, onde decidi aprofundar os conhecimentos na minha área de trabalho, Educação a Distância, além de também pesquisar um pouco mais a respeito do paradigma emergente da complexidade e da metodologia transdisciplinar. Minha proposta de trabalho no Programa de Pós-Graduação em Educação intitula-se: “Emergências de uma Educação a Distância transdisciplinar sob a perspectiva teórico-epistemológica da complexidade”.

Obviamente, como um reflexo da minha história de vida – onde o pragmatismo e a busca por uma nova dimensão de raciocínio se misturam – na minha proposta de doutoramento, tanto a complexidade como a transdisciplinaridade precisariam estar alicerçadas na Filosofia da Ciência, ou seja, nas teorias tradicionais conhecidas como Ciência “linha dura”. Até mesmo para o conforto metodológico deste pesquisador! Pois bem, o arcabouço teórico que inicia a fundamentação do meu estudo vai, desde a Lógica Aristotélica e a nova visão de Kepler a respeito da Metafísica de Aristóteles, passando pelas descobertas astronômicas de Galileu Galilei, a oposição à unidade universal e a ideia dicotômica de Pascal, a iluminação hegeliana, a Teoria da Relatividade de Albert Einstein e a Mecânica Quântica de Planck, o Princípio da Complementaridade dos Opostos de Bohr, o Princípio da Incerteza de Heisenberg, a Teoria da Informação de Warren e Shannon, a Cibernética, fundamentada nos trabalhos do matemático Wiener, a Teoria Geral dos Sistemas formulada pelo biólogo austríaco Ludwig von Bertalanffy, a Teoria dos Autômatos Auto-Organizadores de von Neumann, os trabalhos sobre estruturas dissipativas de Prigogine, a Teoria do Caos proposta por Lorentz, além dos conceitos de Autopoiesis de Maturana e Varela e da metodologia inovadora a respeito dos diferentes níveis de realidade, proposta por Basarab Nicolescu.

Dessa forma, respaldado pela Filosofia da Ciência, teria liberdade para aprofundar as questões próprias de pesquisa, fazendo-me valer de perspectivas teórico-epistemológicas emergentes, fomentadas pelo pensamento autoeco-organizado e pelo olhar complexo de Edgar Morin, pelo neologismo *Sentipensar* de Saturnino de la Torre e Maria Cândida Moraes, além do Pensamento Ecosistêmico, também de Moraes. Além das premissas sociológicas e filosóficas de Piaget, Demo, D’Ambrósio,

Valente, Damásio, Capra, Boff entre vários outros cientistas, pensadores e educadores que nos ajudarão a compreender melhor a realidade dos processos educacionais emergentes. Assim, tanto a complexidade como a transdisciplinaridade alicerçarão, não somente o aporte teórico do meu processo de doutoramento, mas também a própria metodologia a ser adotada durante a pesquisa, que será realizada sob o viés transdisciplinar, capaz de considerar um olhar complexo a respeito dos objetos e sujeitos, interconectados em uma realidade multifacetada e multidimensional.

## Éticas intenções a respeito dos valores a serem transmitidos

Nesse ínterim, entre o Mestrado e o Doutorado, nasceu meu filho, Bernardo. Com esse divisor de águas, chegamos ao mote da proposta deste relato, onde a reflexão a respeito da minha própria história de vida, considerando o impacto das diferentes dimensões que influenciaram na construção da minha personalidade e no meu amadurecimento acadêmico, nos conduzirá a um conceito de ética que considero fundamental na formação de um filho. Este, preparado para um contexto de constantes transformações e dotado de uma formação ética que deverá estar pautada em uma nova maneira de ser e de se relacionar. Uma nova filosofia de vida, conseqüentemente de uma reforma do pensamento, capaz de considerar o que está “entre, através e além”, culminando com um olhar complexo sobre as inter-relações humanas, sobre o planeta e suas demandas éticas.

Para Morin, o tema “ética” se apresenta de forma marcante e transversal, perpassando por toda a sua obra e compondo a origem, o desenvolvimento e as conclusões a respeito do pensamento complexo. Como as mesmas leis e princípios que regem o pensamento complexo também se estendem para o campo da ética, podendo inclusive ser, desta, oriundos, intuimos que o paradigma complexo fundamenta uma ética igualmente complexa. A compreensão desta ética complexa decorre da própria compreensão a respeito da complexidade. As exigências para compreender a complexidade da realidade, assim como dessa “nova ética”, comportam alguns princípios que foram sendo elaborados ao longo da trajetória da complexidade de

Morin. O princípio – ou operador cognitivo – relacionado à questão ética, de forma abrangente, é responsável por pautar nossa maneira de ser e de pensar neste mundo, atravessando disciplinas, práticas e saberes.

Morin, durante toda a sua obra, é enfático em reconhecer o vínculo entre o desenvolvimento do conhecimento e a ética, sustentando a necessidade de se preservar e se desenvolver a compreensão, pois somente ela faz dos humanos seres lúcidos e éticos. A questão da ética está estreitamente ligada às formas e processos cognitivos, pois o modelo de conhecimento que se adota conduz, necessariamente, a uma ação, a uma intencionalidade ética. São as ideias, os conhecimentos gerados pelo nosso modo de conhecer, ou seja, pela compreensão que temos da realidade que condicionam nosso agir sobre o mundo. Acreditamos que o imperativo ético é um dos fundamentos mais importantes do Pensamento Complexo.

Assim, concordamos com Batalloso (2010), ao expressar que não se pode pensar em educação, seja em casa ou na escola, que não esteja fundada em pressupostos e objetivos éticos, ou seja, em princípios éticos e morais. Desta forma, a ética aqui preconizada torna-se uma ética da religação com o outro, com a comunidade envolvida, com a humanidade de cada ser aprendente. É a ética da compreensão que fraterniza relações, que reumaniza o conhecimento (MORIN, 2005).

Morin, quando nos propõe um debate sobre a ética, destaca que, para enfrentar os problemas da complexidade e os desafios éticos que se apresentam na contemporaneidade, é necessário pensar bem, pensar de forma complexa, para um agir bem. Reitero, aqui, a ideia da religação lembrada por Batalloso e expressada por Morin (2005, p. 104, 142):

*A religação é um imperativo ético primordial que comanda os demais imperativos em relação ao outro, à comunidade, à sociedade, à humanidade; 'O pensamento complexo estabelece a religação cognitiva; abre uma via indo e vindo da religação cognitiva à religação ética'.*

O pensamento complexo, ao promover a religação cognitiva dos saberes, abre uma via de mão dupla, indo e vindo, para a religação ética. Cabe à educação promover o pensar complexo, o pensar bem que é, segundo Morin (2005), pressuposto para a realização de uma ética complexa, esta que é



produto de um pensamento que compreende a complexidade cósmica e humana. A ética da religação, portanto, além de contextualizar, integra e globaliza o conhecimento, fundando-se no princípio da religação dos saberes fragmentados. Se o pensamento complexo é o pensamento que religa, podemos concluir que a ética complexa é também uma ética da religação.

Morin (2005) argumenta que as discussões sobre a ética fazem-se extremamente necessárias na atualidade, dada a carência ética do nosso tempo, onde as éticas tradicionais que não mais contemplam os anseios e necessidades da sociedade atual, cada vez mais complexa e planetária. Nesse ponto, além desse olhar complexo sobre essa realidade multifacetada, caberiam também considerações a respeito de uma metodologia educativa transdisciplinar, capaz de resgatar a noção de sujeito multidimensional, considerado a partir de suas vivências mais íntimas e significativas. Compreendo que a educação transdisciplinar, voltada para a formação de um ser dotado de atitudes de abertura com relação ao conjunto e os processos que envolvem uma lógica diferente, seria uma maneira de pensar mais elaborada, com percepções mais refinadas sobre essa realidade complexa, multifacetada e permeada por fenômenos, processos e indivíduos que interagem entre si, cada um com sua própria experiência de vida.

Considerando esta perspectiva transdisciplinar, busca-se a formação de um ser que esteja voltado para buscar o sentido da vida, através de uma nova maneira de ser, de um novo modo de conhecer, de fazer e de conviver, por meio das relações entre os diversos saberes e culturas da humanidade. Esse modo de encarar a vida representa inúmeras possibilidades, como as de articulação entre objetividade e subjetividade, ordem e desordem, sujeito e objeto, razão e emoção. Ultrapassa o campo das ciências reducionistas como as conhecemos e, por meio do diálogo, permite uma reconciliação com a arte, a literatura, a poesia. Com base nesses preceitos, busco a formação de um garoto dotado de atitude ética, que recusa etiquetas, preconceitos, enfim, tudo que negue o diálogo e a discussão. Destaco ainda a dimensão dialógica como essencial nessa atitude transdisciplinar, capaz ainda de manter a dualidade na unidade, a inter-relação entre as partes e o todo, a recursividade nos processos de aprendizagem e na vida.

Sendo a transdisciplinaridade uma abordagem que possibilita abertura

da ciência para o sentido, para o ser, enquanto portadora de uma identidade individual, social e cósmica, o conhecimento transdisciplinar corresponde a um conhecimento *in vivo*, ou melhor, um conhecimento que tem por finalidade compreender o mundo presente por meio “*da relação entre o mundo exterior do objeto e o mundo interior do sujeito*” (NICOLESCU, 2000, p. 161). Esse conhecimento transdisciplinar é capaz de propor o diálogo entre passado e presente, entre ciência e tradição, entre as diferentes possibilidades de conhecimento, visando a uma nova cultura a partir de atitudes pautadas no rigor sim, porém considerando a abertura e a tolerância.

Nesta direção, Morin e Le Moigne (2000) afirmam que a abordagem transdisciplinar não busca respostas para todas as perguntas, mas nos convida a pensar sobre a complexidade das coisas da vida. Contribui para eliminação das tensões econômicas, culturais ou espirituais que ameaçam o planeta, através de uma proposição de educação que considere diversas dimensões do ser humano. Essa metodologia é fundamental para a nova sociedade, onde o conhecimento transdisciplinar é decorrência de uma dinâmica complexa, não linear e que requer uma religação de fenômenos, eventos, processos e coisas (MORAES, 2008).

Nesse contexto atual, precisamos refletir sobre a imprescindibilidade de aliar educação, inovação metodológica e tecnológica, de forma a contribuir com a formação de pessoas capazes a aprender a aprender, com prazer, sentimentos e emoções, que são partes inerentes à dimensão humana. Trata-se de pensar em um percurso da ciência com consciência (MORIN, 2008), com sentido, onde o sujeito deve ser integrado na totalidade do universo, que não só se conhece enquanto ser histórico cultural, mas se reconhece enquanto ser existencial.

## Reflexões sobre minha experiência docente rumo a um novo paradigma educacional

Desde o início do trabalho, observamos que a maioria das propostas de uso da tecnologia informacional na educação se apoiava numa visão tradicionalista, que reforça a fragmentação do conhecimento e, conseqüentemente, a fragmentação da prática pedagógica... Programas

visualmente agradáveis, bonitos e até criativos podem continuar representando o paradigma instrucionista ao colocar no recurso tecnológico uma série de informações a ser repassada ao aluno. Dessa forma, continuamos preservando e expandindo a velha forma como fomos educados, sem refletir sobre o significado de uma nova prática pedagógica que utilize esses novos instrumentos. (MORAES, 1997, p. 16).

Minha busca, hoje, é por uma nova maneira de educar, um fazer pedagógico que vá de encontro a uma série de necessidades da sociedade da informação e do conhecimento, onde as práticas educacionais possam ressignificar paradigmas. Nesse contexto, a Educação a Distância (EAD) vem rapidamente ganhando espaço na sociedade, envolvendo um número cada vez maior de sujeitos sociais no meio acadêmico. Esse fato gera a necessidade de que as ações pedagógicas para EAD acompanhem minha intensa reflexão a respeito do fazer educacional. Vejo que a Educação a Distância, como mais uma modalidade pedagógica, pode contribuir para a ressignificação dos paradigmas educacionais vigentes, vindo a contribuir para maior dinamização dos projetos educacionais das Instituições de Educação Superior (IES), bem como para a introdução de inovações pedagógicas e metodológicas que, aos poucos, possam ir sendo incorporadas pelas IES. (FORGRAD, 2002).

Acredito, como Moran (2003), que ensinar com novas mídias será uma revolução, se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino que mantêm distantes professores e alunos. Entretanto, um novo paradigma educacional, emergente, requer a inserção de, também, novas práticas curriculares e metodologias inovadoras, capazes de fazer frente às necessidades de uma sociedade globalizada. Devemos ter a consciência de que não é mais possível ignorarmos as implicações do arcabouço científico que envolve os conceitos de complexidade, caos, indeterminismo, dinâmica não linear, auto-organização e emergência (MORAES, 2010).

Se o pensamento científico atual sinaliza uma reconfiguração do cenário epistemológico, uma estrutura paradigmática mais complexa a respeito da realidade, sobretudo no olhar para com a educação, será capaz de nos apresentar um novo referencial epistemológico para a compreensão da realidade educacional, permitindo-nos uma melhor análise dos processos

interpretativos, construtivos, interativos, reflexivos, dialógicos, cooperativos e criativos, surgidos nos ambientes e aprendizagem, em especial, nos virtuais.

Ao longo da minha história profissional, percebi que a Educação a Distância é uma forma de fazer pedagógico que vai ao encontro de uma série de necessidades da sociedade da informação e do conhecimento. Uma nova maneira de educar, nem melhor e nem pior, mas diferente; mais adequada à sociedade contemporânea, cuja característica geral está centrada na informação digitalizada. Em função disso, é crescente o número de instituições que se lançam na EAD como forma de ampliar seu ambiente educacional de forma escalar, proporcionando aos alunos o acesso à aprendizagem, a qualquer tempo e em qualquer hora e independente dos limites impostos pelos espaços geográficos.

O *boom* deste processo de ensino e aprendizagem virtual vem acompanhado da necessidade de construção de um novo paradigma educacional, baseado na construção de novos ambientes de aprendizagem e de uma adequada formação docente. Nós, professores, estamos rodeados por escolas, universidades e centros de formação que oferecem cursos a distância, e que usam recursos tecnológicos para disponibilizar a informação ao aluno. Assim, somos participantes fundamentais de um processo de ressignificação educacional.

A adoção desta modalidade de educação nas Instituições de Ensino Superior, além de proporcionar maior flexibilidade para os alunos quanto ao horário de estudo, favorece a autonomia, a busca pelo conhecimento, a capacidade de escrita e de leitura, ao mesmo tempo em que diminuindo a obrigatoriedade de presença dos alunos em sala de aula e proporciona, também, custos operacionais mais baixos para a IES. Tornou-se comum nos cursos de graduação e pós-graduação, a formação de turmas com alunos, ou professores, distribuídos geograficamente, viabilizando mais rapidamente a existência do curso e diminuindo ainda mais os custos. Determinante na decisão das IES por implementar EAD é o fato de que, quanto maior o número de alunos potenciais para o curso, maior será a vantagem logística de estruturá-lo através de ambientes virtuais. Essa agilidade é uma questão estratégica importante para as instituições e pode ser um fator crítico no mercado competitivo atual.

Porém, se por um lado percebo condições incentivadoras do processo de ensino-aprendizagem através da EAD, existem também limitações e obstáculos que parecem minar e deformar essa modalidade de ensino. Isso pode ser percebido nos encontros presenciais, entre tutores e alunos virtuais, previstos nas próprias normas do MEC/INEP. Esses momentos, em função da dinâmica dos trabalhos desenvolvidos e da linearidade com que são conduzido, tornam-se, grande parte das vezes, um embate enfadonho e sem propósito, onde professores são encurralados por questionamentos das mais diversas ordens, que fogem ao objetivo definido para o encontro. O momento privilegiado de contato entre facilitador e aprendiz, os principais atores deste sistema educacional, é fortemente desvirtuado.

A partir das minhas experiências docentes e de gestão, percebo que a possibilidade de interagir presencialmente, esclarecer dúvidas, instigar os alunos à pesquisa ou à investigação, proporcionar a análise de situações práticas ou realizar avaliações formativas, vem sendo confundida com um aglomerado de reclamações. São constantes as interpelações sobre questões técnicas do *software*, a lentidão da plataforma, o conteúdo não ser atualizado com frequência, solicitações de aulas em forma de vídeo, arquivos ou referências de pesquisa que não foram localizadas, *downloads* que não foram efetuados, e e-mails não respondidos.

Também nós, professores, quando começamos a utilizar recursos tecnológicos na educação, enfrentamos um conjunto de questões de ordem física, emocional e psicológica. A EAD nos apresenta uma nova realidade, que exige maior flexibilidade pedagógica, o desenvolvimento de novas formas de abordagens de ensino, habilidades inovadoras no trato com os alunos e, principalmente, familiaridade com o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Esse conjunto de fatores acarreta um novo fazer pedagógico, e requer uma ressignificação dos paradigmas educacionais. Resta saber se estamos preparados para tais mudanças.

De toda sorte, precisamos ter ciência de que a rede de interações estabelecida com a EAD é diferente da sala de aula, pois, nela, todos os participantes são potencialmente emissores, receptores e produtores de uma informação que requer habilidades de leitura e escrita para ser registrada. Cada pessoa tem a oportunidade de buscar uma representação

de si mesma, escolher caminhos, deixar marcas e participar da criação de uma densa trama de inter-relações pessoais, de práticas, valores, hábitos, crenças e tecnologias. A tecnologia, aliada a uma instrução de qualidade e à flexibilidade, possibilita soluções de aprendizado que vão além dos modelos tradicionais de estímulo-resposta, treinamento ou transmissão de conteúdo. Não vejo razão para que a educação virtual seja uma equivalência do que é realizado em uma sala de aula tradicional. A consequência disto será um novo paradigma educacional, pautado em uma metodologia sistêmica e cooperativa.

## Minhas convicções a partir das experiências significativas com EAD

Na minha prática educativa atrelada à Educação a Distância, identifico os sujeitos e os objetos de conhecimento como organismos vivos, ativos, abertos, em constante troca como meio ambiente através de processos interativos. Os sujeitos, através de suas relações, modificam-se entre si, acarretando no conhecimento como um processo permanentemente em construção. Nesse sentido, compreendo o ambiente educacional como sendo um sistema auto eco-organizado, conforme descrito por Morin (1990), acreditando que o ambiente *on-line* de aprendizagem deva ser entendido como um sistema complexo e reconstrutivo, que não se repete, mas se reconstrói mediante processos auto eco-organizadores. Um sistema que deve proporcionar uma interdependência contínua entre o ser, o fazer e o conhecer, envolvendo não só a reforma do pensamento, mas também a abertura do coração.

Os processos educacionais estão intimamente relacionados aos sentimentos, às emoções, às paixões e aos processos reflexivos resultantes das interações. Lembremos que nos ambientes educacionais *on-line* os agentes não tem acesso às fisionomias. Não se percebem expressões faciais, gestos, entonação de voz e todo o conjunto de linguagens corporais que dão significado de piedade, desculpas, intolerância, raiva, solicitude, felicidade, etc. Daí a necessidade de um olhar complexo sobre esta realidade.

É necessário cuidado com as palavras e com a escrita. É necessário cuidado, inclusive, com o silêncio, por vezes necessário. Deve existir a preocupação em considerar, mesmo através das interações *on-line*, todo o conjunto de sentimentos e o caráter afetivo das interações pedagógicas, essenciais ao processo de aprendizagem.

Nesse ponto, saltam-me aos olhos a relação existente entre a música e o conjunto de processos de ensino e aprendizagem em ambiente virtual. A música transforma em vivência a interatividade teórica dos diversos ramos do saber, evidencia um lado sublime da realidade, nos remetendo a seus diversos níveis e dimensões. A música nos ensina a conhecer, a construir pontes entre o conhecimento e o ser e, por isso, é capaz de nos conduzir também ao autoconhecimento. A música ensina a fazer, treina a psicomotricidade, as habilidades manuais e corporais, a performance pessoal diante dos desafios do mundo exterior. Nela aprendemos ritmo, adaptabilidade e afinação com a vida e com o mundo. A música é capaz de nos ensinar a conviver, desenvolver a tolerância e a aceitação do outro, harmonizando situações de instabilidade emocional. Reflete a sonoridade de cada um no grupo, pois ouvimos nossa voz na voz do outro, enquanto construímos momentos de superação pessoal e coletiva. A música ensina a ser, através das suas reflexões no corpo, na razão e na emoção. É uma expressão da arte que surge entre a ciência e a educação criando um portal para o conhecimento, dentro de uma compreensão mais viva, ampla, criativa, harmônica, inclusiva, intuitiva e holográfica do Universo, onde emergências e os sentimentos surgem de processos vivos.

Portanto, a complexidade, compreendida como fator constitutivo do pensamento transdisciplinar, pode ser um ponto de partida para a construção de conhecimentos de forma menos fragmentada, mais criativa e viva. A transdisciplinaridade pode ser vista como uma atitude de abertura a um conjunto e processos que envolve uma lógica diferente, uma maneira de pensar mais elaborada, com percepções mais refinadas sobre uma realidade complexa, multifacetada e permeada por indivíduos, cada um com sua própria experiência de vida. O conhecimento transdisciplinar é decorrência de uma dinâmica complexa, não linear e que requer uma religação de fenômenos, eventos, processos e coisas (MORAES, 2008).

## Conclusões inconclusas

Filósofos, cientistas, ecologistas, enfim, estudiosos de todas as áreas, concordam que a humanidade vem enfrentando dilemas cruciais que nos remetem a questões de envolvimento ético e moral, onde decisões importantes que se deveriam considerar as questões éticas são ignoradas, mal resolvidas ou atropeladas pelos interesses e avanços no campo da ciência e da tecnologia. Por consequência, protagonizamos um mundo de dicotomias e antagonismos, onde coexistem situações de inclusão e exclusão, bem-estar e extrema pobreza. O surgimento de uma nova consciência ética, individual e planetária, depende de como nós humanos nos posicionarmos em relação à dignidade da vida, bem como à continuidade do planeta.

É bem verdade que, se existem princípios éticos universais, a emergência da ética pode ter particularidades entre as diferentes sociedades. Ainda assim, esses conceitos estão sempre relacionados aos princípios de justiça, solidariedade e paz, perpassando pelo jeito de ser de uma população, um modo de viver e conviver, uma maneira de se relacionar (BOFF, 2003). Com base nessas premissas, percebemos que as questões relacionadas ao cuidado com o outro, com as relações humanas e as relações amorosas daí decorrentes, além da própria responsabilidade com o planeta, são essenciais como princípios norteadores da ética. Entendo que uma das várias compreensões sobre a abrangência da ética, esteja relacionada à procura pelo equilíbrio nas relações do ser humano com o outro, com a natureza e consigo mesmo, elevando o sujeito a uma dimensão que o permite ter autonomia para resolver questões, revelando uma sabedoria de sobrevivência.

Morin (2005) nos expõe sua compreensão a respeito da ética sob o ponto de vista da complexidade. Para o autor, a humanidade enfrenta uma crise ética e não sabe solucionar os problemas éticos de acordo com a extensão, a radicalidade e a complexidade que os caracterizam. Segundo o autor, a sensação de crise ética da atualidade tem muito a ver com a perda do fundamento das certezas e das verdades que as éticas superiores ou transcendentais asseguravam. O autor faz referência aos princípios do conhecimento complexo para esboçar um pensamento regenerador que permita retomar a ética em perspectiva complexa. O autor concebe a ética



complexa como um metaponto de vista que permite e possibilita a reflexão sobre os princípios da moral, ele distingue a ética da moral.

Busca-se, com frequência, distinguir ética e moral. Usemos “ética” para designar um ponto de vista supra ou meta-individual; “moral” para situar-nos no nível da decisão e da ação dos indivíduos. Mas a moral individual depende implícita ou explicitamente de uma ética. Esta se resseca e esvazia sem as morais individuais (MORIN, 2005, p. 15). A sugestão de Morin (2005, p. 142) é que o pensamento complexo irá conseguir estabelecer a religação cognitiva necessária ao pensar bem e, por extensão, à religação ética da compreensão e da solidariedade. Isso porque o pensar bem desenvolve e amplia a compreensão cognitiva, desdobrando-se numa compreensão complexa, objetiva e subjetiva, que, por sua vez, de forma recursiva, estende-se na ética da compreensão e da solidariedade. Assim sendo, compreensão cognitiva promove uma ética da compreensão.

Como complemento das conclusões, ainda em formação, a respeito desse tema, temos que o macroconceito da transdisciplinaridade também nos oferece extraordinárias possibilidades de abertura, conhecimento e desenvolvimento pessoal, proporcionando-nos uma nova forma de construção do conhecimento, a partir de uma lógica inclusiva e de uma racionalidade mais aberta, capaz de transcender os campos disciplinares, mais superficiais. A transdisciplinaridade, como modo distinto de ver o mundo, pressupõe uma realidade multifacetada, dotada de vários níveis, mais sistêmica e mais holística. O viés transdisciplinar maximiza a aprendizagem ao trabalhar com imagens e conceitos que mobilizam, conjuntamente, as dimensões mentais, emocionais e corporais, tecendo relações tanto horizontais como verticais do conhecimento (SANTOS, 2008). Essas características de formação podem ser capazes de proporcionar uma forma diferente de abordar a construção do conhecimento, a existência humana e, sobretudo, a educação, seja a escolar ou a que proporcionamos aos nossos filhos. Uma criança formada para reconhecer as possibilidades de ir e vir, o diálogo entre opostos, as mudanças de rotas ao longo do percurso, seja nas pesquisas formais e informais ou na solução de problemas do cotidiano individual e social.

Assim, nessa reflexão, através da valorização da minha experiência de vida, intento ser possível o surgimento de um recurso educacional importante, capaz de desencadear a ética como um saber educativo transcendental e transversal para este século. Conhecendo, compreendendo e analisando os novos desafios éticos de nosso tempo, podemos dar à ética sua devida importância na construção de um novo paradigma civilizatório, pautado na perspectiva da complexidade e da transdisciplinaridade.

## Referências bibliográficas

BATALLOSO NAVAS, Juan Miguel. **Didáctica deconstructiva y complejidad**: Algunos principios. In: M. C. Moraes & J. M. Batalloso Navas (org.). Complexidade e Transdisciplinaridade em Educação: Teoria e prática docente. Rio de Janeiro: WAK, 2010.

BOFF, Leonardo. **Ethos mundial. Um consenso mínimo entre os humanos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FORGRAD – Fórum Nacional de Pró-Reitores de Graduação das Universidades brasileiras. **Educação à distância**: as políticas e as práticas. 2002. Disponível em: <<http://www.forgrad.org.br/pages/publicacoes.htm>> Acesso em: 10 ago. 2013.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma emergente**. Campinas: Papirus, 1997.

\_\_\_\_\_. **Ecologia dos saberes**: complexidade, transdisciplinaridade e educação: novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais. São Paulo: Antakarana/WHH-Willis Harman House, 2008.

\_\_\_\_\_. **Complexidade e currículo**: por uma nova relação. Polis [En línea], n. 25, 2010, Puesto en línea el 23 abril 2012.

MORAN, José Manuel. **Contribuições para uma pedagogia da educação online**. In: SILVA, Marco (org.). Educação on-line. São Paulo: Loyola, 2003.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: UNESCO. 2000.

\_\_\_\_\_. **O Método 6: Ética**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

\_\_\_\_\_. **Ciência com consciência**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis. **A inteligência da complexidade**. São Paulo, SP: Petrópolis, 2000. 263 p.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.

\_\_\_\_\_. **A prática da transdisciplinaridade**. In: NICOLESCU, Basarab (org.). **Educação e transdisciplinaridade**. Brasília: UNESCO, 2000.

SANTOS, Akiko. **Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido**. Revista Brasileira de Educação. vol. 13 no. 37. Rio de Janeiro Jan./Apr. 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782008000100007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782008000100007&script=sci_arttext). Acesso em 05 ago. 2013.

*“A religião é um imperativo ético primordial que comanda os demais imperativos em relação ao outro, à comunidade, à sociedade, à humanidade”;  
“O pensamento complexo estabelece a religião cognitiva; abre uma via indo e vindo da religião cognitiva à religião ética.”*

– Edgar Morin

## Capítulo V

### UMA BICICLETA CHAMADA MAGALY

*“A leitura do mundo precede a leitura da palavra.”*

– Paulo Freire

Demerval Bruzzi

São 21 horas e 48 minutos do dia três de outubro de 2013, uma noite agradável, depois de um dia abafado. Em Brasília, é comum nesta época do ano termos dias quentes com chuva ao final da tarde.

Entretanto, este dia não foi comum. Não consigo parar de pensar no desafio que me foi dado na aula de Ética, Educação e Complexidade ministrada pela professora Maria Cândida Moraes e pelo Professor Juan Miguel Batalloso, quando me perguntaram que experiência educativa, formal ou informal, escolar ou social, que marcou e impactou minha vida e meu desenvolvimento profissional? Seria possível transcrever uma experiência educacional cotidiana e pessoal? Seria possível refletir e aprender com ela?

Falamos sobre a teoria da complexidade, sobre as emergências pessoais, sobre o aprendizado pelo exemplo e, neste ponto, me recordei de Comenius, ao observar em sua obra ‘Didática Magna’ uma passagem interessante que ousei, aqui, replicar:

*Pode o etíope mudar sua pele ou o leopardo as suas manchas? Nesse caso também vós podereis fazer o bem, sendo ensinados a fazer o mal?* (Jr XIII, 23).

Sentado à mesa da cozinha, com um leve tic tac do relógio sobre minha cabeça, e um copo de água já não tão gelada, denunciando que o tempo passou e, entretanto, a dúvida continuava.

Mas, ao ler atentamente a citação acima, veio imediatamente à memória a lembrança da bicicleta MAGALY e novamente me lembrei de Comenius quando falou que todos aqueles que têm a tarefa de formar homens, devem educá-los de tal forma que vivam lembrados de sua dignidade e de sua excelência: que procurem, pois, orientar seus esforços para esse supremo fim (Comenius, 1997).

Era isto, elas foram capazes de se lembrar de que eram educadoras e, por meio dos exemplos, buscaram despertar em um jovem de 14 anos o gosto pelo estudo.

E tudo isso aconteceu há mais de 34 anos.

Seria possível reviver este passado no momento presente em resposta ao desafio? Ou ficaria eu, paralisado frente aos meus limites limitantes?

Afinal, 34 anos se passaram entre a ocorrência do fato e a atualidade. No entanto, relembando as mais diversas falas de Juan Miguel e Maria Candida, parecia que tudo acontecera ontem.

E mesmo ciente de que, hoje, nossos professores ainda são levados a trabalhar com certezas e verdades, previsibilidade e estabilidade, penso que há espaço para rever esta experiência mágica que vivi na escola classe do Lago Norte, em Brasília, em 1979.

O tempo é cruel ao me fazer esquecer detalhes como datas. No entanto, como nosso calendário escolar não se diferenciou muito nos últimos 50 anos, acredito que tudo começou em meados de fevereiro ou março, para ser mais preciso, após o carnaval.

Era o primeiro dia de aula na recém-inaugurada escola classe do Lago Norte. Fui um dos primeiros alunos a inaugurar a escola.

Como morador do Lago Norte, um bairro na época de classe média de Brasília, uma vez que os mais abastados residiam no Lago Sul, minha mãe me matriculara nesta escola pública devido à praticidade de transporte e à proximidade com nossa casa, cerca de 4 a 5 quilômetros, no máximo.

Já que estamos falando da educação pelo exemplo, bem, esta não é toda a verdade em relação aos motivos que levaram minha mãe a me matricular

nesta escola. Em realidade, como filho de funcionários públicos dedicados, tive a oportunidade de estudar em um dos colégios mais tradicionais da época – o colégio das freiras – SANTA DOROTEIA.

Meus pais, a exemplo de outros, tinham o pensamento de que se me proporcionassem uma boa educação, mesmo que isso levasse a um esforço descomunal para pagamento das contas, eu teria mais oportunidades na vida e, com certeza, um futuro profissional brilhante.

Mesmo sem sequer ter a ideia do que eu queria ser quando crescer, a não ser uma pessoa grande, procurava seguir as orientações de meus pais.

Mas sejamos honestos, é preciso reconhecer que um adolescente de 13/14 anos, em sua maioria, não tem grandes aspirações, a não ser seguir a carreira de jogador de futebol. E lógico, eu não era diferente!

Na intenção de aperfeiçoar ainda mais minha carreira acadêmica, minha mãe optou pelo SEMI-INTERNATO, como modalidade de educação. Até hoje, me pergunto de onde ela tirou esta ideia. Afinal, tirando o fato de que vivia me cortando e machucando a ponto de, pelo menos, ter que ir duas vezes por mês ao Hospital Distrital para alguma sutura ou curativo mais elaborado, eu era um jovem tranquilo.

O ano de 1977, já no Semi-Internato do Colégio das Freiras de Santa Dorotéia, correu tudo bem, de forma tranquila, seguindo as normas e procedimentos, ao mesmo tempo em que aprendia as falhas do sistema.

Não sei se você, leitor, concorda, mas para se ter uma boa educação, carecemos de certa rebeldia, ou melhor, da quebra de algumas regras e normas, mas, logicamente, sem ferir a moral e os bons costumes. Afinal, tratava-se de um colégio de freiras.

Já em 1978, despertava-me o desejo pelo esporte. Como eu era baixo para o vôlei, optei pelo futebol e o handebol. Modalidades, aliás, em que me saí muito bem. Tão bem, que minha mãe fora chamada ao colégio para receber a notícia de minha reprovação!

Mas, não era uma reprovação qualquer. Era uma reprovação que marcou para sempre a história do colégio Santa Doroteia, pois um aluno SEMI-INTERNO havia sido reprovado por faltas, sem nunca ter faltado um dia sequer à escola.

Ora, eu já ia para a escola, naturalmente. Não pensei ser necessário assistir todas as aulas, principalmente por serem chatas e desinteressantes, além de ter alcançado a nota média em todas as disciplinas. Entenda melhor, caro leitor: eu não era um mau aluno, mas como sabemos, a orientação de uma criança, quando é feita por meio de exemplos, é mais útil do que por regras. Normalmente, se algo é apenas ensinado, pouco fica gravado, mas se for mostrado o como e o porquê de ter que fazê-lo, ela logo imitará quem a ensinou, sem a necessidade de receber ordens (Comenius, 1997).

Enfim, reprovado e com a ira de minha mãe pelo investimento desperdiçado, fui obrigado a recomeçar a antiga 6ª série primária, hoje, equivalente ao 7º ano da educação básica. Confesso a quem, por ventura, possa ler este ensaio, que acreditei ter sido prejudicado pela “razão” dos atores da educação.

Estes, por sua vez, não acreditam terem errado, mas já dizia Paulo Freire que o erro, na verdade, não é ter um certo ponto de vista, mas absolutizá-lo e desconhecer que, mesmo do ponto de vista do acerto, é impossível que a razão ética nem sempre esteja com ele.

Era isto! Eles foram antiéticos ao me reprovarem. Afinal, não seria o objetivo da educação o conhecimento? E dentro dos padrões estabelecidos, eu havia conseguido a “média” exigida pelo sistema. Mesmo, assim, lá estava eu, em meados de Fevereiro ou Março, na porta da Escola Classe do Lago Norte, em Brasília, tendo que reiniciar aquela mesma 6ª série.

Era um dia de sol, manhã agradável em suas primeiras horas úteis, por volta das 07:00 ou 07:20h. Uma multidão de meninos estava à porta da escola esperando a abertura dos portões, e com eles, alguns pais aproveitavam para dar seus últimos conselhos antes do início de um novo ano letivo que, para mim, já começava velho.

Mal sabia eu, que o ano de 1979, onde reviveria a nova velha 6ª série, seria um ano de um aprendizado eterno, onde reconheceria que somos seres condicionados, mas não determinados. Reconheceria que a história é tempo de possibilidades e não de determinismo, que o futuro é problemático e não inexorável (Freire, 1996).

Certamente, não poderia imaginar que o mestre Freire estaria tão presente naquele ano, a ponto de me fazer entender que, finalmente, ensinar

não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção e sua construção (Freire, 1996).

Hoje, passados mais de 34 anos e depois da aula desta quinta feira passada, dia 02 de outubro de 2013, entendo claramente que em significado restrito, a pedagogia clássica, convencional, e sistematizada, refere-se à uma educação ultrapassada, utilizada em muitas escolas públicas até hoje como base de formação das fases infantil e juvenil da vida do ser humano e a minha, em particular, no ano de 1978.

Mas, não se deve, no entanto, reduzir a educação a esses limites. Continuar com isso seria um erro lógico, filosófico e sociológico, Alvaro Vieira Pinto (2010), como bem perceberam na época, duas queridas professoras, Suely de matemática e Magali de português.

Para elas, a educação tinha sentido mais amplo e autêntico. A educação dizia respeito à existência humana em toda sua duração e em todos os seus aspectos, derivando assim, a verdadeira definição de educação:

*A educação é o processo pelo qual a sociedade forma seus membros à sua imagem, em função de seus interesses.*

(Álvaro Vieira Pinto – 2010).

Elas sabiam, já naquela época, que a educação implica formação, devendo atuar constantemente no desenvolvimento do ser humano, de modo a conduzi-lo a aceitar e a buscar os fins coletivos.

Humilhado pela reprovação no colégio Santa Doroteia, via na Escola Classe do Lago Norte um recomeço, principalmente por não conhecer ninguém, assim, não seria necessário que outros soubessem de meu passado marginal, pelo menos era assim que me sentia, um ser à margem dos demais.

O ano foi transcorrendo normalmente. Mas, ao contrário do que se esperava do aluno que, pela segunda vez, via os mesmos conteúdos, as notas não correspondiam aos fatos, ou pelo menos nem todas, já que em educação física eu tirava 10 em todos os bimestres.

Já naquele ano, existia uma clara diferença entre escola pública e privada – enquanto no colégio de freiras minha mãe era chamada a cada mês para reunião de pais e mestres, na escola classe do Lago Norte, este hábito não



era comum, principalmente por falta de tempo e de pessoal local. Lembrome, também, que nunca comprei o uniforme da escola por achá-lo feio.

Mas, pior que não usá-lo, era ter que pegar carona com a Diretora da Escola, professora Berenice, em seu fusca branco, com um sol de 30 graus à sombra e permanecer de casaco para que ela não percebesse ou, pelo menos, eu queria acreditar nisso, em decorrência de minha penitência com a sauna gerada pelo calor em meu corpo dentro daquele casaco.

Neste momento, alguns dos amigos leitores podem pensar que a escola era descuidada ou mesmo ignorava o andamento e o comportamento de seus alunos. Mas, ao contrário! Por ser uma escola pequena, a Diretora conhecia cada um de nós, tanto que nas horas cívicas onde o uniforme era obrigatório, ela sempre tinha uma camisa extra para contrabalancear meus eternos esquecimentos ou as eternas lavagens da “famosa camisa do uniforme”.

O conhecimento era tanto que mesmo já vivendo em um mundo complexo e imprevisível, sujeito às emergências, ao acaso e ao inesperado (Moraes, 2008), as professoras e os professores da Escola Classe do Lago Norte, por sua vez, sabiam antecipadamente que toda esta complexidade que é a educação e o mundo, requer um pensamento relacionado, articulado e questionador, que ajudasse a nós, alunos, a compreender a dinâmica relacional existente nos processos interdependentes caracterizadores da vida (Moraes, 2008).

Mas, não foi fácil perceber tudo isso, não foi simples entender o processo pelo qual ainda haveria de passar para poder, finalmente, entender que a verdadeira pedagogia pressupõe doação, reconhecimento de si no outro, voluntariado do querer compartilhar para o crescimento mutuo, onde educando e educador constituem uma totalidade.

Meio ano se passou, e indagado por minha mãe sobre o andamento dos estudos, nem pestanejava em dizer: *Mãe, já vi tudo isso antes, é claro que estou acima da média...*

Sempre acreditei que os números são subornáveis, e podem ter o sentido que melhor nos for conveniente. Por exemplo, algumas vezes, aleguei estar sempre entre os 10% da turma, claro que eram os 10% que tinha as piores notas em português e matemática. Mas, nunca me foi questionado quais eram estes 10%!

Mais um semestre terminava e outro começava. O ano se aproximava de seu fim, ao mesmo tempo, em que imaginava o meu, caso fosse reprovado mais uma vez.

Por falar em reprovação, acredito que além de minhas professoras, minha mãe foi grande contribuinte de meu esforço por galgar os degraus do sucesso passando pela educação primária com pequeno tropeço, mas alcançando a glória ao vencer o Ensino Médio com sua celebre frase ao chegar em casa e me contar da reprovação:

*Filho veja bem, PAPAI e MAMÃE já estudaram e mesmo assim você acompanha de perto nossa luta por um conforto que muitos não têm. Assim, a decisão de estudar é sua e nada podemos fazer a este respeito, mas a decisão de sustentar um vagabundo em nossa casa é nossa, minha e de seu pai, por isso pense a este respeito no próximo ano.* (Solange Guillarducci, 1978)

No terceiro semestre de 1979, a vida não andava muito boa para meu lado. Eu estava com péssimas notas em português e caminhando não muito bem em matemática... Apesar de tudo isto, ainda haviam roubado minha bicicleta, meu único meio de transporte para escola e, para piorar a situação, a professora Magali, de português, chamou minha mãe à escola.

Lembro-me como se fosse hoje! Era uma quarta feira. Sai de casa as seis e trinta da manhã, como sempre fazia, corri até o ponto de ônibus na esperança de conseguir uma carona para escola, o que era comum naquela época no Lago Norte. Assisti às aulas como se fossem julgamentos de meu futuro.

A cada palavra dita pela professora, imaginava um juiz dando minha sentença de morte. Era impossível manter a atenção, principalmente depois de ver o Passat bege estacionando na porta da escola.

Sabia que era minha mãe. Olhei para os lados em busca de abrigo, ação esta que seria inútil, afinal em algum momento teria que voltar para casa.

Foram 30 minutos de conversa que mais pareciam anos.

O Colégio era um grande quadrado de um único andar, com canteiros centrais separando em dois lados as salas de aula. À direita da entrada principal que levava ao estacionamento havia uma escada que desembocava na sala dos professores e na direção. Era um prédio anexo bem menor do que o prédio das salas de aula, mas com a exata disposição.

Estava na entrada do prédio em frete aos canteiros que separavam as salas de aula, na esperança de ver minha mãe sair da sala dos professores e descer as escadas. Dependendo de sua cara poderia chorar ou fugir em exílio para Cuba.

Engraçado, pois em situações de tensão como esta nunca se pensa no melhor. Mesmo porque, o melhor era impensável naquele momento.

Finalmente minha mãe desceu as escadas com seu salto alto, saia preta e camisa branca social. Parou no ultimo degrau, procurou rapidamente meu rosto em meio aos alunos que estavam ao meu lado como sinal de solidariedade pelo momento, e disse em bom tom:

*VEMOS-NOS EM CASA, SAINDO DAQUI, VÁ DIRETO PARA CASA.  
ESPERO-TE PARA O ALMOÇO, ÀS 13 h, EM PONTO.*

Era isto! O fim estava próximo! Como poderia imaginar que o que eu pensava ser um limite limitante, era na verdade uma constatação da minha verdadeira natureza? Chegando à casa, em meio ao pânico e à apreensão, me deparei com um verdadeiro MILAGRE...

Na sala do almoço, no lugar da mesa, com os pratos, estava uma nova bicicleta. Linda, dourada, com selim e guidom pretos, uma SPRINT 10, da CALOI.

Como poderia ser? Eu tinha certeza de que estava semi reprovado, o que estava acontecendo com meus pais que me abraçavam e beijavam dando parabéns pelo esforço e conquista? Não estava entendendo nada, o mundo estava de cabeça para baixo!

Passada a euforia, sentamos para o almoço e meu pai, um alemão normalmente ríspido em suas palavras, me elogiava pela postura frente ao recomeço e por já estar aprovado em quase todas as matérias, inclusive português e que, na verdade, sempre fora o meu ponto fraco.

Dizia, ainda, que eu não deveria me preocupar com a possível recuperação em matemática, pois ele entendia perfeitamente que a matéria era nova (desconhecida) e que estava pronto a me ajudar caso eu precisasse.

Pedi licença aos dois, levantei-me, fui à porta da frente e conferi duas vezes o endereço. Realmente estava na casa certa, mas seriam estes os meus

verdadeiros pais? O que poderia ter acontecido no trajeto da escola para casa, naquela manhã? Enfim, nada fiz a não ser aproveitar, ao máximo, a situação que, convenhamos, foi extremamente prazerosa e inesperada.

Na manhã seguinte, uma quinta feira de muito sol, e já com meu novo meio de transporte, me dirigi à escola ainda sem entender o que estava acontecendo.

Chegando lá, ainda no portão de entrada, esperava-me a professora MAGALI, de português. Ela olhou a bicicleta, perguntou-me se era nova, e se era o presente que ganhei por estar indo bem em português.

Totalmente sem chão e sem ter onde esconder minha cara, eu disse que sim, que fora presente de meus pais pelo meu bom desempenho. Ela então me olhou profundamente, e disse:

*E agora o que você vai fazer a este respeito? Já não acha que está na hora de juntos melhorarmos o seu desempenho?*

E foi neste instante que entendi que faz parte da condição o aprender, que faz parte da verdadeira educação a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiências de produção de conhecimento e de certos saberes, e que esses saberes não podem ser simplesmente transferidos aos educandos. Pelo contrário, nas condições da verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador; igualmente sujeito do processo (Freire, 2011).

E foi ao lado de MAGALI, minha professora de português, que mesmo sabendo de minhas dificuldades, me incentivou quando, eu mesmo, já não acreditava mais em mim. Aprendi que só assim, mediante exemplo como este, é que podemos falar do saber ensinado tão falado por Paulo Freire, onde o objeto ensinado é aprendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelo educando.

E com esta sabedoria pedagógica, Magali foi me ensinando o português no final do terceiro e quarto semestre inteiro. O português tinha como exemplo o acontecimento, não só do presente, mas do fato de eu estar mais presente e interessado, com comportamento diferente de um memorizador

que se domestica ao texto apresentado, sem entender a relação com o conteúdo ensinado, e a realidade ou necessidade de aprender.

E agora, lembrando estes fatos, ficaram mais claras as palavras de M. C. Moraes (2010), ao observar que, ontologicamente falando, não podemos separar o ser de sua realidade, pois ambos emergem juntos. E segundo Maturana e Varela (1995; 1997) e Varela e seus colaboradores (1997), ambos estão codeterminados em seus processos, estruturalmente acoplados e implicados, pois não existe uma realidade independente da experiência subjetiva.

Como foram éticas as minhas professoras. Sim, digo professoras, pois não me esqueci da SUELY, professora de matemática, que, no ultimo semestre, me deixou de recuperação por apenas alguns décimos, como já havia predito meu pai.

Indignado com a recuperação em sistemas, estudei como nunca antes, ao ponto de realizar mais de 500 exercícios, tanto que levei exatos 15 minutos para fazer uma prova de matemática com 10 questões sobre sistemas.

Hora, ela já sabia que está na lógica organizadora de qualquer sistema de ideias resistir à informação que não lhe convém ou que se acredita não poder assimilar (Morin, 2010). Ela já sabia que eu conseguiria assimilar o processo, pois era conhecedor do conteúdo, entretanto, me faltava confiança em saber que poderia aprender.

Ao entregar a prova, a Suely voltou-se para mim, mesmo antes de corrigir a prova, e mandou que eu fosse à secretaria para pegar o boletim, dando-me os parabéns pelo ano vencido.

Como um vencedor, sai correndo em direção à secretaria, até que me dei conta. Como poderia estar pronto meu boletim, se ela ainda não havia corrigido nem lançado minha nota? Voltei à sala de aula, questionando a professora sobre o assunto, que me foi prontamente respondido:

*“Você estava aprovado desde o início de novembro, mas eu precisava te mostrar como você era capaz de estudar, entender o conteúdo e passar sem problemas”.*

Que exemplos, que coragem! Como é importante ao verdadeiro educador o risco planejado de suas ações. Fica claro que educar é algo

muitíssimo mais complexo e transcendente do que o ato de conhecer, instruir, utilizar ou aplicar determinados automatismos, competências, hábitos ou procedimentos para a aquisição de informação e formação. Educar é, então, um fenômeno ontológico, epistemológico e metodológico de caráter ético (Batolloso, 2013).

Assim, o ano de 1979 nunca mais foi como começou. O mundo mudou para o aluno de 14 anos que, por falta de presença, reprovava em sua existência a 6ª série.

E se não fosse o aprendizado por meio da ação, do exemplo de doação e humildade de minhas professoras Magali e Suely, provavelmente hoje, a educação não faria parte de meu ser. Provavelmente, eu seria mais um em meio ao mundo com imaturidade emocional e intelectual e com isso, talvez, eu não estivesse concluído minha graduação em economia, meu MBA em gestão empresarial, minhas especializações em Marketing e Tecnologia da Informação e Comunicação na PUC-RJ, meu mestrado em gestão e criação de ambientes virtuais de aprendizado na Espanha, meu mestrado de educação na UCB/DF, e nem estaria aqui neste exato momento escrevendo este ensaio para o trabalho de Doutorado que, na verdade, começou a ser trilhado no final de 1979.

Não teria eu adentrado, diversas vezes, em diversas salas de aula como docente, procurando como profissional da educação criar um ambiente onde o educando em suas relações, sejam uns com os outros, seja ele com os professores, assumam-se como social, histórico e principalmente ser pensante Paulo Freire (2011).

Pois Magali e Suely são a prova viva de que na formação discente, não é a repetição mecânica do gesto, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, dos desejos e, principalmente, da superação que leva o aprendizado do coração, o verdadeiro sentido do verbo educar.

Não teria aprendido nesta semana com Juan e M. Cândida que me integrar com a natureza e com o outro de forma a conscientizá-lo da beleza do conhecimento de forma pertinente com sua própria vida é um dos maiores desafios na formação de um professor.

E como o desafio que me foi passado nesta quinta feira, 02 de outubro de 2013, o desafio da formação do ser, exige uma educação que ultrapasse,

dialogue e integre diferentes disciplinas e, ao mesmo tempo, valorize a presença do sujeito, sua adaptação, integração e, no meu caso, a reintegração ao meio, em vista de um desenvolvimento pertinente e digno de uma vida que desperta para o mundo (Batalloso e Moraes, 2010), como bem fizeram as professoras Suely e Magali em minha velha nova 6ª série na Escola Classe do Lago Norte, em Brasília.

Finalizando, como bem colocou Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia da Autonomia* (2011, p. 25):

*“Quem ensina aprende ao ensinar,  
e quem aprende, ensina ao aprender”*

E, assim, surgiu UMA BICICLETA CHAMADA MAGALY, metade MAGA, de MAGALI e metade LY, de Suely, duas professoras que mudaram minha história de vida e me ensinaram que ética e educação são parceiras inseparáveis.

## Referências bibliográficas

BATALLOSO, Juan Miguel. **Dimensões da psicopedagogia hoje: uma visão transdisciplinar**. Brasília: Editora Liber Livro, 2011.

BRUZZI, Demerval. **Ação institucional de avaliação sobre a disseminação de tecnologia educacional no projeto UCA – Um computador por aluno**. Brasil: UFC, 2012.

COMENIUS. **Didática magna**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

MORAES, Maria Cândida. **Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação**. São Paulo: WHH/AntaKarana/ ProLibera, 2008.

MORAES, Maria Cândida; BATALLOSO NAVAS, Juan Miguel. **Complexidade, transdisciplinaridade em educação**. Rio de Janeiro: Editora WAK, 2010.

MORIN, Edgar. **Saberes globais e saberes locais**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2010.

PINTO, Alvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.





## Capítulo VI

### UMA HISTÓRIA EM VÁRIAS HISTÓRIAS: FIIM

*Ensinar pelo exemplo, com amor, é a melhor forma de ensinar. O tempo não apaga e o aprendizado é simplesmente inesquecível.*

– Fernanda Pereira

Fernanda Pereira

Falar sobre nós mesmos não se constitui tarefa fácil, pois nos remete a contar nossa própria história e a retomar as lembranças de toda uma vida. Esse desafio proposto pelos professores Maria Cândida Moraes e Juan Miguel Batalloso, no último dia de aula da disciplina de Ética, Educação e Complexidade, nos emocionou profundamente. Fomos tomados naquela sala de aula por uma vibração inexplicável e contagiante que nos trouxe a esse significativo projeto literário, onde cada um de nós, presentes naquele momento sublime, passaria a contar ou a descrever algo importante e significativo que tenha deixado marcas importantes em sua trajetória de vida.

Lembro-me de naquele último dia de aula ter dito uma frase que ecoa, hoje, nos meus pensamentos enquanto escrevo essas linhas: não poderíamos contar nossa história de vida sem lembrarmos-nos dos nossos queridos pais. Nossa história não está separada da história deles. Desta forma, escolhi contar um pouco de mim, pois não me vejo de outra forma. Sou indissociável dos meus pais.

Meu nome é Fernanda Pereira da Silva, nasci na cidade de Imperatriz, localizada ao sul do Maranhão, no dia 28 de outubro de 1981. Sou filha de Francisco Fiim de Assis Pereira da Silva e Eliene Maria Silva e tenho quatro irmãos: Fabiano, Daniel, Diego e Filipe.

Bom, somente poderei começar a contar a minha história de vida, relembrando dele que, até hoje, é tão essencial pra mim: meu pai!!!

FRANCISCO FIIM PEREIRA DA SILVA, o filho mais novo de uma família de tradição na minha cidade, a família São Vicente. Era mais conhecido por todos como Fiim e, com certeza, foi um homem inesquecível. Sempre tive a honra de poder dizer que ele foi meu pai, e não escolheria outro, mesmo se soubesse que sua presença ao meu lado duraria apenas quase 13 anos. Confesso, sinceramente, que homens como ele são raros nos dias atuais.

Quando lembro a infância que tive, sinto a convicção de que a presença de um pai que eduque, conforte, estabeleça limites e ame profundamente seus filhos, é algo essencial para o pleno desenvolvimento de uma criança. Tive a sorte de ter um pai assim. Lembro-me dos finais de semana em que passeávamos, das brincadeiras na piscina, de como ele fazia papel de criança só para nos ver gargalhar. Lembro-me das férias na praia, das brincadeiras no mar. Lembro-me do abraço, do cheiro, da voz e do sorriso cativante e nesse exato momento, nessa madrugada silenciosa, enquanto lembro, as lágrimas aparecem quase como algo inevitável. E tudo se converte em uma imensa saudade...

Conto tudo isso sobre meu querido pai, pois apesar de infelizmente ter falecido muito jovem, aos 34 anos apenas, digo, com convicção, que ele não poderia ter sido mais presente pra mim até hoje. Ele me contagiou com seu amor e exemplo de vida e, antes de partir, deixou sua maior herança para os filhos: os valores.

Sobre valores humanos, Martinelli (1999) explica que são os princípios que fundamentam a consciência humana, pois estão presentes em todas as religiões e filosofias, independentemente de raça, sexo ou cultura, tornando-se inerentes à condição humana. Os valores humanos nos dignificam e ampliam a nossa capacidade de nos perceber como seres possuidores de uma consciência luminosa. Eles unificam e libertam as pessoas do individualismo,

que diminui o valor do ser humano, e enaltecem a condição humana, promovendo a dissolução de preconceitos e diferenças.

Meu pai dedicou-se, profissionalmente, à política e trabalhou muitos anos como secretário de educação. Não tenho a intenção de ficar aqui explanando e discutindo sobre política, mas preciso ressaltar uma de suas frases marcantes:

*A Educação é a base do desenvolvimento de um povo!!!*

Concordo plenamente com essa frase do meu pai. Pessoas com acesso a uma educação de qualidade são emancipadoras de si mesmas, não se conformam com o que é imposto, criticam e buscam mudanças para as situações adversas à sua vontade e acima de tudo, buscam a melhoria e o desenvolvimento da sua comunidade e conseqüentemente, do seu povo. Ao contrário disso, pessoas sem acesso a educação, tornam-se prisioneiras de situações contrárias a sua vontade, conformam-se com o que é imposto, não criticam a realidade e vivem no eterno conformismo.

Freire (2001) afirma que a educação e a formação permanente do ser humano se fundam no fato de, ao longo da história, este ter incorporado à sua natureza não apenas o fato de saber que existia, mas de ter a consciência do saber e, desta forma, saber que podia aprender mais.

O que isso tem a ver com a minha história? Demorei algum tempo pra entender, mas vou explicar um pouco mais adiante.

Como disse no início deste capítulo, não me percebo de outra forma, se não como uma extensão dos meus pais e, neste momento, eu sinto que preciso abrir espaço para falar um pouco dela que, apesar de ficar viúva tão jovem, aos 31 anos apenas e com cinco filhos para criar, mostrou-se, na minha visão, a mulher mais forte e guerreira do que qualquer outra que eu viria a conhecer na vida, minha amada mãe: ELIENE MARIA SILVA.

A história da minha mãe com certeza não é fácil de contar. Eu tinha apenas quase treze anos completo quando ela passou pela maior dificuldade de sua vida: a perda de meu pai em um trágico acidente de carro, na estrada de São Luís para Imperatriz, no fim de sua campanha eleitoral, em 1994. Meu pai era o alicerce da vida de minha mãe e creio que vice-versa. Posso

dizer com certeza que perdê-lo foi o momento de maior sofrimento de sua vida e também para, nós, seus filhos. Na verdade, nossa vida se divide em antes e depois desse trágico acontecimento.

Contando esta história, hoje, não consigo me imaginar passando pelo que minha mãe passou, pois mesmo em meio a tanta dor, ela precisou ser o alicerce dos seus cinco filhos. E ela foi o nosso esteio! Passamos por momentos inacreditáveis de dificuldades que não cabe mencionar aqui, mas o que realmente desejo passar nesse momento é que, se não fosse o exemplo de força e persistência deixado por meu pai, talvez minha mãe não aguentasse passar por tantas provas em sua vida. E assim foi para todos nós.

Hoje, devido ao esforço da minha mãe, eu e meus irmãos estamos formados e acredito sermos boas pessoas. Tenho dois irmãos médicos, um farmacêutico que, atualmente, está cursando mestrado e outro advogado. Nossa vitória não seria possível sem o exemplo deixado por meu pai e sem a determinação da minha mãe, que buscou, com muita garra, vencer as dificuldades impostas pela vida. Acredito que as pessoas tendem a descobrir a real força que possuem quando são obrigadas a encarar algum momento de dificuldade e dor. Nessas horas, nos deparamos com uma firmeza interior inimaginável e nos redescobrimos como seres capazes de enfrentar, superar e recomeçar trajetórias ao longo da jornada da vida. Passamos por tudo isso e recomeçamos.

A verdade é que os valores ensinados por meu pai foram seguidos por nós por toda a vida. Meus quatro irmãos, com certeza, diriam o mesmo. Não importaria meu pai partir apenas dizendo o que era certo ou errado, mas era preciso com certeza deixar exemplos concretos de um homem bom, comprometido com a família, com o próximo e com a educação. Até hoje, encontramos pessoas que nos abraçam, dizendo que deveríamos nos sentir orgulhosos do pai que tivemos. Isto, simplesmente, não tem preço.

Pensando nesse exemplo, torna-se importante fazer a conexão de como aprender a comprometer-se com as necessidades do próximo é fundamental. Meu pai lutou por uma educação de qualidade e partiu defendendo essa causa, ao reconhecer que somente através da educação seria possível iniciar uma mudança nas desigualdades sociais que imperavam e imperam, até hoje, no Estado do Maranhão.

Como seria magnífico se todos aqueles responsáveis por uma educação de qualidade e igualitária tivessem se comprometidos com essa causa.

*Utopia ou realidade? Prefiro acreditar na segunda opção!!!*

O que quero dizer brevemente é que o exemplo, na minha concepção, é a maior herança que se pode deixar para alguém. Neste sentido, o exemplo deixado por meu pai foi o que nos uniu ainda mais após a sua partida, foi o que nos deu força para continuar nossa caminhada e seguirmos em frente. Seu exemplo mudou nossa história de vida. Esta nada mais é, do que tentar continuar seguindo os exemplos deixados por nosso pai e perpetuados por nossa mãe.

*As dificuldades geram possibilidades que se convertem em esperança.*

O mundo, hoje, anda muito conturbado, parece até que estou vivendo num lugar totalmente diferente daquele onde vivi minha infância. Na atualidade, existe um universo de notícias inacreditáveis. São tantas as mudanças que me remeto a fazer algumas indagações como: onde anda a ética e a moral no convívio entre as pessoas? E o respeito mútuo? Por muitas vezes, percebo-me fazendo esses questionamentos.

Acredito fortemente que a visão sobre a complexidade humana só será possível se também houver a noção de valores. Como diz Batalloso (2010), o modelo de educação do nosso tempo está se esgotando, sendo moldado por uma economia sem rosto humano e por um paradigma civilizacional que nega a vida. Portanto, é mais do que necessário que exista, na atualidade, uma educação voltada não apenas para o futuro profissional, mas que leve em consideração, também, o respeito mútuo entre as pessoas, a dissolução do egocentrismo e a aceitação do próximo.

Seguindo esse prisma, é quase impossível não pensar nas palavras de Morin (2007), quando afirma que a grande inimiga da compreensão é a falta de preocupação em ensiná-la. Na sua visão, esta é uma situação que vem se agravando, já que o individualismo ganha um espaço cada vez maior entre as pessoas, pois estamos vivendo numa sociedade individualista, que favorece

o sentido de responsabilidade individual, que desenvolve o egocentrismo, o egoísmo e que, conseqüentemente, alimenta a autojustificação e a rejeição ao próximo. Estamos vivendo no tempo da redução do outro, onde a visão unilateral e a falta de percepção sobre a complexidade humana são os grandes empecilhos da compreensão.

Pensando sob esse prisma, Bruckner (1997) afirma que não há nada mais difícil do que ser dono e criador do seu próprio destino. Essa é uma enorme responsabilidade, que nos liga às conseqüências de nossas ações. Como aproveitar a independência e evitar os nossos deveres? São duas as lacunas do indivíduo contemporâneo: infantilismo e vitimização. Portanto, nos dias atuais, torna-se cada vez mais imprescindível pensar na complexidade humana, na responsabilidade coletiva e na aceitação ao próximo.

## Voltando a falar um pouco de mim...

Quando resolvi optar por minha formação profissional, escolhi a área da saúde. Na época, não entendi muito bem o porquê, mas sempre admirei os profissionais que trabalham cuidando da saúde das pessoas. Nesse tempo, estava morando em São Luís, com minha mãe e irmãos e tinha uma Faculdade recém-inaugurada, chamada Centro Educacional Santa Terezinha (CEST) que estava iniciando suas atividades e comprometida com a realização de três cursos: Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional. Confesso que fiquei curiosa por conhecer melhor esse curso de Fonoaudiologia que, até aquele momento, era, por mim, desconhecido. Pouco tempo depois, prestei vestibular.

Fui aprovada e nesse mesmo ano entrei para a Faculdade. De cara, fiquei apaixonada por aquele curso que tinha, como missão principal, formar profissionais que pudessem, dentre inúmeras atuações, trazer melhores condições de vida para pessoas com deficiências físicas, como, por exemplo, deficiências auditivas, na fala, na deglutição, dentre outras. Depois de dois semestres na faculdade, minha mãe tentou me convencer a mudar para o curso de farmácia. Até fiz uma semana do curso em outra instituição, mas logo vi que nada tinha a ver comigo. Retornei ao curso de Fonoaudiologia.

Após quatro anos, concluí a faculdade, me formei e logo decidi iniciar um curso de especialização. Ingressei no curso de Audiologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Durante a graduação, percebi que trabalhar com deficiência auditiva era a área que eu mais me identificava. Poder ajudar pessoas que vivem num mundo silencioso a conseguirem escutar um som é algo extremamente gratificante. Vislumbrar um sorriso sincero de quem está ouvindo o primeiro som da vida é algo inexplicável, emocionante e comovente.

Esta foi a profissão que escolhi inicialmente e que me trouxe uma profunda satisfação. Aprendi muito. Aprendi que surdez não é sinônimo de incapacidade, pelo contrário, pessoas com dificuldades auditivas são inteligentes, capazes, determinadas e tem muito a ensinar, pois muitas vezes percebem o mundo ao seu redor melhor do que muitos ouvintes. Conforme afirmam Skliar e Quadros (2000, p. 48):

Os estereótipos das pessoas surdas enquanto deficientes, mutilados, inferiores, incapazes, sem linguagem, estão nas falas das pessoas, nos seus comentários, nos seus comportamentos, enfim, nas suas mentes.

Logo após o término desse curso, voltei a morar em Imperatriz, mas ali não fiquei por muito tempo. Aproximadamente três meses depois, decidi fazer um mestrado. Mais uma vez, confesso que não sabia exatamente o motivo real que me conduziu a essa escolha, mas, na época, pensei que poderia ser uma oportunidade a mais para melhorar o meu currículo e abrir novas oportunidades. Mal sabia eu que, nesse momento, fiz a escolha que futuramente revelaria minha real vocação profissional.

Após uma longa conversa com a minha mãe, que não queria de jeito nenhum que eu fosse embora mais vez, consegui convencê-la de que retornar e me qualificar melhor, seria algo importante para o meu futuro. Fiz o processo de seleção novamente na PUC-SP, no mestrado em audiolgia e fui aprovada. Sim, audiolgia, pois queria me aprimorar mais nessa área.

Confesso que nessa época era muito imatura e, hoje, tenho plena consciência disto. Não tinha ideia da responsabilidade que estava assumindo até então. No fim do curso, acabei perdendo o prazo de entrega de algumas atividades e ao invés de concluir o mestrado no tempo normal, atrasei



seis meses a defesa da minha dissertação, como dito anteriormente, por imaturidade mesmo, confesso!!!

Lembro que minha orientadora foi uma pessoa essencial para o meu processo de crescimento. Não poderia deixar de mencionar a querida professora Teresa Momensohn e seus ensinamentos. Foi através de alguns choques de realidade, durante nossas orientações, que aprendi a ser mais responsável e ver aquela situação de forma madura.

Essa época foi difícil, mas de um grande aprendizado. Aprendi que só quando corremos atrás e nos esforçamos de verdade por alguma coisa, alcançamos um resultado positivo de nossas ações. Aprendi tardiamente, mas sei que aprendi. Confesso que não é fácil perceber que erramos. Por outro lado, o erro nos conduz ao amadurecimento.

*Aprendemos quando erramos e erramos para aprender.*

Minha vida passou por dois momentos de extrema mudança. O primeiro, já mencionado, com a perda dolorosa do meu pai e o segundo durante o curso do mestrado, pois, foi nesse segundo momento que pude me perceber encarando a vida de forma mais madura.

## Retomando o que deixei pendente anteriormente...

No início desse texto, mencionei que o trabalho do meu pai como secretário de educação e seu empenho na busca da melhoria na qualidade educacional teriam sido algo que mudaria minha escolha profissional e apenas há pouco tempo é que tive consciência disso.

Quando retornei de São Paulo para morar na minha cidade natal, tive a sorte de logo conseguir dois empregos. Um na minha área de graduação, onde pude exercer com muito amor minha profissão de Fonoaudióloga e outro, como professora, em uma faculdade, chamada Faculdade de Educação Santa Teresinha (FEST).

Como na minha cidade não existe o curso de Fonoaudiologia, apenas na capital São Luís, leciono nessa faculdade aulas de metodologia da pesquisa e técnicas de pesquisa em educação, nos cursos de Pedagogia e Direito.

Tenho o sonho de um dia lecionar no curso de Fonoaudiologia também, quem sabe um dia.

O curioso na minha história é que inicialmente, ao regressar após um longo tempo de estudo, acreditei que atuaria mais no campo da clínica fonoaudiológica, do que na docência. Após algum tempo de trabalho em ambas as áreas, foi possível perceber que minha verdadeira vocação sempre havia sido a docência.

É incrível como nossa vida nos guarda algumas gratas surpresas. Eu, sempre certa de que minha área profissional era o consultório, eram as terapias fonoaudiológicas, hoje tenho clareza de que minha verdadeira vocação é ser professora. Amo a profissão que escolhi inicialmente e tenho muito orgulho dela, mas atualmente me realizo, de verdade, é na sala de aula, trocando experiências com meus alunos, ensinando e aprendendo no ambiente da academia.

Nesse sentido, é de extrema relevância falar da formação docente como construção do sujeito através da docência transdisciplinar. Para Arnt (2010), a docência transdisciplinar tem como princípios uma postura do ser perante o conhecimento que ultrapassa os conteúdos disciplinares, proporcionando a articulação entre outros fatores como ciências, artes, filosofia, tradições e experiência espiritual, reconhecendo a multidimensionalidade humana e as diferentes realidades, possibilitando a interconexão do ser com a natureza, com o outro, consigo mesmo e alicerçando a ética, conspirando pela comunhão a favor da vida.

A busca pela docência transdisciplinar é de grande relevância, pois tem como missão representar caminhos significativos que possam auxiliar na mudança através da educação. Busca também compreender que a atuação profissional leva em sua essência a valorização da vida e da dignidade do ser humano.

Nesse sentido, é essencial que o professor tenha a sensibilidade de perceber que os ensinamentos não se reduzem apenas ao conteúdo disciplinar ou a sala de aula, mas sim está inserido em um grande contexto, que passa pela vida de cada estudante e se perpetua a uma visão de mundo. É preciso trazer a realidade para a educação, pois somente quando a enxergamos, realmente aprendemos. Para mim, essa é a grande riqueza do ato de ensinar.

Toda a paixão por essa minha nova vocação me encorajou a iniciar um Doutorado como aluna especial, na Universidade Católica de Brasília (UCB), em agosto de 2012.

*E qual área escolhi? A área da Educação, claro!*

Sei que ainda tenho um longo caminho a percorrer até conseguir me tornar aluna regular e finalmente concluir o Doutorado. Tenho plena consciência de que será uma longa jornada, que me exigirá muito estudo, esforço e dedicação. Confesso inicialmente pensar que seria mais fácil, mas morar no Estado do Maranhão e estudar em Brasília exige uma determinação e força de vontade que há pouco tempo percebi que tinha. O que me motiva e me dá forças para continuar, mesmo atravessando inúmeras dificuldades é essa minha nova paixão: A EDUCAÇÃO.

Trabalhar na docência me traz uma profunda satisfação e aprendizado. Como mencionei anteriormente, somente através da educação, podemos nos transformar em sujeitos da nossa própria história e buscar melhorias para o futuro, tanto individual como coletivo. Poder discutir isso em sala de aula com futuros formadores de opinião e sentir que estou colaborando para que esse pensamento possa se propagar, é extremamente recompensador. Sinto que estou perpetuando os ensinamentos do meu pai. É gratificante esse sentimento.

E está sendo através do aprendizado adquirido na UCB que, a cada dia, tenho mais certeza de que mudar para o aprendizado da educação foi uma escolha acertada. Conheci até agora mestres maravilhosos como Ranilce Guimarães-Iosif, Ali Abdi, Lynette Shultz, Vanessa Terezinha Ales Tentes e na minha última disciplina cursada os queridos mestres Maria Cândida Moraes e Juan Miguel Batallosa Navas.

Essa nova descoberta em minha vida está me conduzindo a novos e desconhecidos caminhos, que pretendo desbravar e trilhar a cada dia com foco, força e fé.

Atualmente, trabalho, também, em cursos de capacitação na área da educação em locais do meu Estado, onde os professores não têm muito acesso, ou em alguns casos, acesso nenhum para o aprimoramento profissional.

Viajar até locais carentes, em estradas precárias, onde realmente se necessita da Educação e da melhoria das condições de formação inicial e continuada dos professores, está sendo mais do que ensinar. Para mim, é um processo de aprendizado inigualável. Mais do que ensinar, estou sempre aprendendo.

Aprendi a cada experiência nesses locais como os professores sentem necessidade de se qualificar e são carentes de uma educação formadora, que possibilite melhorias em seu trabalho. Quando essa educação é ofertada, eles se encorajam e buscam melhorar sua formação profissional. Não é fácil para esses professores lecionar em escolas sem infraestrutura nenhuma, com salários muito baixos e tantos problemas que prefiro nem enumerar aqui. Mesmo assim nos lugares onde passo, eu percebo que a maioria deles está sempre buscando oferecer o melhor possível, apesar de todas as adversidades.

O Estado do Maranhão é um Estado muito rico em belezas naturais, mas infelizmente, como já citado anteriormente, muito pobre em relação a inúmeros fatores, dentre eles, a Educação. Ainda falta muito para que esse quadro melhore. Digo isso, pois vivo aqui e percebo ter me interessado pela docência também por perceber essa situação tão precária da Educação no Estado que nasci e que amo. Diante disto, é impossível não pensar: como um povo oprimido pode conseguir se libertar sem acesso à educação?

Cabe aqui mencionar a relevância do pensamento de Freire (1997) ao ressaltar que como processo de conhecimento, formação política, manifestação ética, capacitação científica e técnica, a educação é prática indispensável aos seres humanos e deles específica na história como movimento, como luta. Assim, acredito que somente através de uma Educação de qualidade e igualitária, a situação de um Estado, com tantas desigualdades como o meu, poderia melhorar.

Um método de cultura popular além de conscientizar, pode politizar. A educação é uma prática da liberdade nos diria FREIRE (1987). Nesse momento, relembro mais uma vez das palavras que compunham o slogan da campanha do meu pai: *A educação é a base do desenvolvimento de um povo.*

Guimarães-Iosif (2007, p. 87) afirma que

*é a sociedade civil que deve controlar o Estado e não o contrário, mas para isso, torna-se extremamente importante a constituição de novos sujeitos políticos, de sujeitos globais emancipados, que sabem aprender, pensar, compreender, se organizar e mudar”.*

Para que tal situação se transforme em realidade, a educação deveria passar por uma mudança brusca, acontecendo de forma séria e comprometida, respeitando o povo e tornando os cidadãos mais críticos e comprometidos com sua realidade social.

Eu acredito que possa existir melhoria na vida de um povo oprimido, pois meu pai, durante sua trajetória de vida, me mostrou que isso é possível, mesmo atravessando inúmeras barreiras. Aprendi que o importante é não desistir e trabalhar para que o acesso à educação seja um direito de todo cidadão, permitindo que este possa ter um caminho para uma vida com dignidade e que futuramente faça a diferença na vida de outras pessoas. É preciso que a população tenha acesso ao conhecimento para criticar a realidade adversa em que vive e busque melhorias na sua condição de vida.

*É preciso que haja mudança e eu acredito nisso.*

Diante do exposto, não poderia encerrar a minha breve história sem frisar que hoje, percebo, com clareza, como o trabalho incansável do meu pai na busca da melhoria da qualidade da Educação, me motivou e me encorajou a seguir esse caminho e disto sinto muito orgulho.

Reafirmo, ao escrever as últimas linhas, que o exemplo deixado por ele foi simplesmente inesquecível e será eternizado em nossos corações. Percebo que meus irmãos buscam sempre sabedoria no homem e no pai que ele foi para viver e criar seus filhos, João Pedro e Heitor, meus amados sobrinhos. Esses, sim, são os verdadeiros valores que alguém pode deixar durante sua vida, pois são valores a serem perpetuados entre gerações, através do EXEMPLO.

Meu querido pai, carinhosamente chamado de FIIM, fez diferença não apenas na minha história, mas com certeza também na história de vida da minha mãe, dos meus quatro irmãos e de todas as pessoas que de alguma forma cruzaram seu caminho. Para mim, fica a lembrança doce do homem bom e generoso que ele foi e de seu amor ao próximo.

Encerro essa breve obra com a imagem no meu pensamento do sorriso sincero que emanava alegria e bondade daquele que fez toda a diferença em minha vida, meu pai.

Obrigada Fiim!!!

## Referências bibliográficas

ARNT, Rosamaria de Medeiros. **Pensando em princípios para uma docência transdisciplinar**. São Paulo: Science in Health. 2010 jan-abr 1(1): 55-64

BATALHOSO NAVAS, Juan Miguel. **Didáctica deconstructiva y complejidad: algunos principios**. In: Maria Cândida Moraes e Juan M. Batalloso Navas. **Complexidade e transdisciplinaridade em educação: Teoria e prática docente**. Rio de Janeiro: Editora WAK. 2010.

BRUCKNER, Pascal. **A tentação da inocência**. Rio de Janeiro: Rocco. 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GUIMARÃES-IOSIF, Ranilce Mascarenhas. **A qualidade da educação da escola pública e o comprometimento da cidadania global emancipada: implicações para a situação de pobreza e desigualdade no Brasil**. 2007. 310 f. Tese (Doutorado) – Curso de Política Social, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2007.

MARTINELLI, Marilu. **Conversando sobre educação em valores humanos**. São Paulo: Peirópolis, 1999.

MORIN, Edgar. **O método 6: ética**. Porto Alegre. Editora Sulina, 2007.

SKLIAR, Carlos e QUADROS, Ronice. **Invertendo epistemologicamente o problema da inclusão: os ouvintes no mundo dos surdos**. Estilos clin. 2000. v.5, n.9, pp. 32-51. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-71282000000200003&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-71282000000200003&script=sci_arttext). Acessado em 1/02/2014.



## Capítulo VII

### A CONSTITUIÇÃO DE UMA PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA: Amor, ética e complexidade

*“Não se pode falar de educação sem amor.”*

– Paulo Freire

Gabriela Menezes de Souza

#### A ética e o amor – ser professora

Sinto uma profunda satisfação em ser professora. Só me entendo por gente nessa atuação profissional. Até me arrisco em ora exercer alguma outra atividade profissional...mas ser professora é a minha verdade. É o que cresci aprendendo e hoje, já com quase 20 anos de profissão, continuo aprendendo a ser... a ser mais verdadeira e a exercer meu ofício pautando-me em valores como a ética e em sentimentos, como o amor.

Derivado do grego *ethos*, o termo ética significa caráter, modo de ser de uma pessoa. Entende-se também como sendo um conjunto de valores e princípios que regem a conduta humana na sociedade. Nesse sentido, a ética é capaz de determinar um equilíbrio e um bom funcionamento social, possibilitando que todos estejam satisfeitos e que haja, então, uma sensação de justiça social. Mas a ética é a racionalidade de *ethos* que está relacionado ao bem comum de determinada comunidade, hoje, bem comum do planeta.



Esse termo nos liga não somente ao outro mas também ao espaço, ao tempo e à energia que compartilhamos. E não somente fisicamente, mas também espiritualmente. O *ethos* chama-nos ao cuidado com tudo o que nos cerca, material ou imaterial, objetivo ou subjetivo.

É comum notar que algumas pessoas entendem ética como sendo o ato de cumprir leis, mas vai além disso, pois baseia-se nos valores históricos e culturais de determinadas sociedades. Essa complexidade que gira em torno da concepção do que esteja, ou não, “dentro” da ética é que pode nos levar hoje, no século XXI, a uma convivência mais sã e mais libertadora.

Sinceramente, eu não creio que alguém possa se construir, fazer-se, a partir de um paradigma considerado ético se não for por meio do amor. Para sermos honestos, dignos, seguirmos preceitos culturais considerados ideais à coexistência social e à edificação de um “eu” feliz e autêntico, essencial é o amor. Por meio do amor é que se educa e se constrói uma estima plena e equilibrada, capaz de enfrentar as agonias da vida com coragem e receber as vitórias com o sentimento humilde do merecimento.

Nesse sentido, a minha percepção de ética, ainda que essa ação me possa implicar consequências negativas, é seguir um andamento que ofereça justiça também àqueles me rodeiam. Assim tenho tentado viver a vida e assim meus pais me fizeram enxergá-la, com amor. Mas o faço não por imposição, mas por acreditar que esse caminho me trará felicidade.

## Ética também é amor – como me constitui

*“Minha maior herança é a educação.”*

Profº Rinaldo Alves de Souza

– meu melhor professor, meu pai!

Nascida em 1970, na capital federal, filha de professores e, especialmente para mim, educadores, hoje, olho pra trás e vejo o quanto meus pais tentaram ser coerentes ao nos transmitir os valores derivados de uma postura ética em relação à vida.

Eles, jovens ainda, construíram aqui em Brasília sua trajetória de vida familiar e profissional. Conheceram-se em Rio Branco, Acre, onde minha

mãe nascera e onde o jovem militar fora “servir” a fim de ganhar um pouco mais e ajudar a sua mãe na compra de uma casa própria. Ouvir as histórias que meu pai contava sobre sua infância curta e difícil no Rio de Janeiro é das primeiras lições sobre amor e ética de que me recordo.

Histórias de coragem e luta de um jovem, arrimo de família, cujo desejo maior era tirar a mãe e os irmãos mais novos das mãos dos senhorios. Um sonho que, nas conjunturas atuais do meu Brasil, está tão próximo de se realizar pelas classes menos favorecidas. Vejo como o país mudou, evoluiu... lentamente, mas sim, cresceu e não podemos mais dizer que é um país subdesenvolvido.

O amor à família, ao irmão mais velho, a quem escrevia cartas atenciosas para fazer-lhe passar o tempo – o irmão mais velho fora acometido de doença grave que o impedira de andar. À época, fora diagnosticado de grave reumatismo. Como a ciência também evoluiu tanto, talvez fosse algo menos grave, que hoje se curasse com cuidados domésticos e medicação. Os cuidados que hoje, com tanta tecnologia, esquecemos de ter com o próximo... não seria o individualismo falta de amor e de ética?

Sinto forte em meu coração a importância de se criar vínculos e, principalmente, de fortalecê-los. O cuidar deve ser diário, como se o outro fosse uma planta que precisa de terra e água, caso contrário, morrerá à míngua. Meu pai sempre nos encontrava pela manhã, para a primeira refeição, e, mesmo que vivesse os grandes dramas que a vida nos oferece na maturidade – hoje, eu já conheço muitos deles – recebia-nos com enorme sorriso e um ‘bom dia!’ que me transmitia amor e segurança. Ah, o amor!

O amor foi o sentimento mais presente na minha vida, no meu lar, principalmente, enquanto meu pai esteve nesta existência. Mas o amor não se refere apenas ao outro, ao amor entre as pessoas...o amor no seu sentido mais amplo foi o que aprendi com meus pais. Primeiramente, o amor a Deus...compreendê-Lo, em tudo que nos rodeia e em mim mesma. Respeitando, evidentemente, as concepções de cada sujeito sobre Ele e sobre a espiritualidade. Inclusive, se não fosse esta postura de crença em algo maior, eu não conseguiria aceitar a partida do maior amigo e melhor professor que conheci, meu pai.

Aprendi sobre o amor próprio, o meu valor dentro da família, da comunidade, da sociedade. Eu, como ser único...eu, Gabriela, diferente de meus irmãos, mas ser igualmente amado e amável, inteligente, capaz de construir, também, uma bela trajetória de vida, se assim fosse meu desejo.

Depois, o amor ao outro...aprendi que ter ética é aceitar cada sujeito diferente de mim como igual. Nem melhor, nem pior ou mesmo inferior, mas passivo de amar e também de receber meu amor. E daí vem a vontade de dividir, de ajudar, de conhecer e exercitar o prazer ético de amar.

O amor à pátria, às cores fortes da bandeira que traduzem tão bem a riqueza e a força deste meu país. Sem falar da mistura étnica da qual somos filhos...do negro, do índio, do branco. Bela mistura que fez nascer este povo, de rica cultura, de ricos saberes. Meus pais me fizeram pensar que ético é amar e respeitar nossas origens, ainda que, em alguns momentos, pareça difícil acreditar que no futuro tudo será diferente.

Era provável que, tendo surgido num ninho de educadores, eu também voasse pelos mesmos céus paterno e materno. As conversas durante as refeições em família, o amor e o comprometimento com o trabalho que ambos revelavam foram me contagiando e, assim como minha irmã mais velha, segui os passos dos meus primeiros e mais amados professores na vocação de educar. Costumo dizer que está no sangue, é de família.

Meu pai morreu no ano de 2003, aos 67 anos. Era manhã do dia 16 de outubro. Na noite do dia 15 de outubro, como era de costume numa família de professores, havíamos comemorado o “Dia dos Professores”. Sofreu um AVC que lhe foi fatal. Esta é uma dor forte que sinto no coração. A falta dele, que foi um grande amigo, com quem eu sempre conversei muito sobre vários assuntos, inclusive sobre o amor, lateja no peito ainda depois de mais de dez anos.

Sua partida foi suave, leve, mas marcante, assim como foi sua passagem na minha vida...Ele sempre dizia que sua maior herança seria a educação. Eu gostava muito das suas expectativas sobre a educação, pois ele acreditava que a educação seria a profissão do futuro. Hoje, vivendo esse futuro, ou melhor, o presente, vejo como estava certo...Sou grata ao meu pai, amigo e professor, pela melhor lição que tive...o amor!

Foi preciso seguir a vida e, assim, cada um de nós o fez, dando sempre muito apoio à nossa mãe, porém a presença desse pai amoroso, esposo carinhoso e presente, profissional e professor dedicado e estudioso está sempre muito viva entre nós. Para mim, um modelo constante a seguir em minha prática docente e, principalmente, em minha existência.

## Disciplina – Amor: com Língua Portuguesa, com Gabriela

Enquanto professora, apaixonada pela sala de aula, pelo meu aluno e pelo desafio que a escola nos oferece a cada instante – impressionante como não existe rotina na escola! Não houve, na minha experiência docente, um dia sequer que fosse igual ao outro, que me trouxesse a sensação de mesmice, de estar repetindo as mesmas práticas – até porque sempre carreguei o eterno ‘fardo’ de ser professora de Língua Portuguesa, fardo que a sociedade impôs ao professor da língua materna, infelizmente.

Eu adoro a língua portuguesa! Como é linda, rica e apaixonante! Por diversos motivos eu adoro a língua portuguesa, mas, especialmente, porque é a língua materna, a minha língua nativa! Mas confesso que sempre gostei de línguas...inglês, espanhol, um pouco de francês e tenho como planos futuros estudar um pouco mais as línguas estrangeiras, aperfeiçoar a fluência... A minha escolha profissional foi bem acertada, pois tenho profunda satisfação pelo o que faço em todos os aspectos.

No entanto, existe um certo “pré-conceito” cultural – aceitem meu neologismo, é para dar força ao fato – que leva as pessoas a acreditarem, desde tenra idade, que a língua portuguesa é difícil. Para o brasileiro, é difícil escrever, falar e aceitar a própria língua, o que, para mim, é uma das tantas incoerências que nos afastam do desenvolvimento sociocultural a que tanto almejamos. Nesse sentido, como professora da disciplina, sinto-me desafiada a buscar métodos que despertem em meu aluno um interesse diferente pela matéria.

Eu sempre gostei muito de escrever... desde adolescente, eu escrevia... o que me deixava feliz, o que me deixava triste. O que aprendia, o que

questionava... escrevia. Dava-me prazer e eu sempre fui orientada a buscar a felicidade, sendo assim, escrevia. Lia bastante, também. Depois de adulta, já profissional, e sem muito tempo para escrever, notei que aquela prática da juventude havia me imprimido um estilo próprio, com certa organização, a qual facilitou a minha trajetória acadêmica.

Notava, nos meus jovens “aprendentes” – outro neologismo; este já utilizei em outras escrituras... gosto do termo – uma certa dificuldade em escrever e uma preocupação excessiva com a gramaticalidade. Meu Deus!!! Para que lhes serviria a gramática se não fosse para aplicar ao texto? Quando, há alguns anos, consegui fazê-los perceber, então, que o texto era uma grande expressão do que havia dentro de cada um de nós, uma arte, fosse bom, ruim, triste, alegre... mas que precisava ser feito com carinho, atenção, verdade e amor. Tive surpresas surpreendentes no que se refere ao aprendizado da disciplina, ao valor da disciplina para os jovens alunos e à minha própria postura de professora.

Percebi que para ser professora é preciso, sim, de uma postura pautada na ética que cerceia nossa sociedade, afinal de contas, somos modelos, exemplos, principalmente quando estamos trabalhando com jovens, mas também percebi que o amor pelo que se faz é a verdadeira essência de tudo! Notei que o amor que tenho pelo meu trabalho, pelo meu aluno e pela minha escola é o que faz meu aluno acreditar naquilo que eu digo sobre a importância de escrever, de ler ou de estudar!

Essa minha percepção foi ficando mais clara, com o passar dos anos, à medida em que eu mesma fui amadurecendo na prática docente, descobrindo-me, conhecendo-me e aperfeiçoando-me enquanto gestora do conhecimento em minhas classes, em cada turma, a cada ano, com cada aluno, com seus pais e responsáveis e também com meus colegas.

Contar histórias... rir, chorar ou me arrepiar com essas histórias... Declamar poemas e decifrar, junto com meu jovem, as belezas e mistérios que a língua portuguesa esconde e as incontáveis oportunidades que nos oferece quando a aceitamos como nossa de coração aberto... ah, língua portuguesa!!! Sim, eu descobri que poderia fazer meu aluno vê-la de outro jeito e também se apaixonar por ela, assim como eu me apaixonei

um dia...enfim...bastava ser “eu” mesma, transparente, verdadeira, ética e amorosa!

A minha paixão, o meu amor por educar, em algumas situações, levou meus alunos a escreverem mais, a lerem mais, a aprenderem mais, a melhorarem suas notas na minha e em outras disciplinas...isso sem contar com tantos alunos que buscaram a Educação como profissão ou que relataram o quanto a minha prática foi capaz de lhes tocar de alguma maneira.

Em virtude de tudo que expus até então, não há como negar que sou uma pessoa de sorte como poucos, pois sou filha de uma pedagogia do amor. Fui criada e educada em ambientes saudáveis e amorosos, privilegiados de cultura e de valores positivos, entretanto, sabe-se que nem todos os professores da escola brasileira tiveram a mesma sorte, aliás, grande parte da nossa sociedade carece de modelos de ética e de amor, por isso, a necessidade de uma gestão escolar que valorize também a afetividade. Esta é uma questão nobre e urgente a se discutir na comunidade escolar.

## A complexidade do amor na educação – meu ‘eu’ complexo

Compreendo, agora na maturidade, o quanto a minha formação, desde os ensinamentos que recebi de meus progenitores, quanto aqueles que recebi na vida, junto aos amigos, na escola, enfim, no dia a dia, foi transitando por todas as nuances da existência humana e tem, portanto, profunda relação com os conceitos de complexidade, de ética e de transdisciplinaridade.

Claro! Tudo vai fazendo mais sentido quando me deparo com a necessidade de aceitar que sou um ser em constante aprendizado! E que esse conhecimento, que se renova a cada instante, a cada experiência, faz de mim um ser único, sim, mas que, inserido no grupo, precisa aprender também a partilhar. Além disso, partilhar é uma atitude emergente e necessária no mundo de hoje, é ética e também é amor.

Acrescento, ainda, que todo conhecimento adquirido não pode ser fragmentado, simplesmente porque eu sou um sujeito único e inteiro, não fragmentado. Aprendi a “ser” e isso implica numa postura singular

de me enxergar na minha complexidade, na minha maneira única e diversa de ser quem sou, Gabriela. As minhas relações com o mundo são singulares e encontram fundamento na minha cultura, na minha história de vida, na minha compreensão de mundo. Da mesma forma ocorre com meu aluno.

É interessante fazer uma auto análise e perceber o quanto talvez meus pais estivessem muito além de seu tempo, visto que nos transmitiam os valores éticos de forma complexa e transdisciplinar, pois sempre foram capazes de nos fazer sentir a importância de exercer determinadas práticas em distintas situações, tanto no convívio familiar, quanto na sociedade.

No entanto, mesmo percebendo terem sido essenciais os valores transmitidos por meus amados, a angústia muitas vezes está em mim quando me deparo com a “professora Gabriela” no espelho profissional. Enfatizei excessivamente o entusiasmo por me sentir única, por me sentir eu. Mas uma incoerência muito forte me abala quando, no exercício do auxílio da construção do conhecimento, junto aos meus alunos, insisto numa formação conteudista, voltada para o cumprimento de regras impostas pela instituição de ensino, a qual não contribui para formação do eu de cada jovem. Não que dentro de mim existam vários ‘eus’, mas que ainda guardo dentro de mim resquícios de um modelo fragmentado de ensinar. O “sistema” parece bater à porta de minha sala de aula!

Ah! Como me dói perder a oportunidade de um debate instigador quando existe a necessidade de se cumprir um protocolo, o currículo! Em momentos desses, sinto fortes os ensinamentos de meus pais sobre o amor e o cuidado com o outro, o momento da pausa, de saber ouvir! Afinal, certamente, o conteúdo se faz importante, sim, mas apenas quando o sujeito compreende a necessidade de sua utilização, quando o contexto lhe permitir; portanto, não aproveitar um momento é negar ao meu jovem aprendiz a oportunidade de construir o conhecimento. Da minha parte, essa não seria uma postura nada ética.

Sei da importância da compreensão do ser humano como um sistema complexo, inteiro, não fragmentado. Partindo dessa premissa, noto que a educação vem seguindo um caminho cada vez mais atento a este ser complexo, não repartido. Abarcando tais reflexões, torna-se inviável tratar as

áreas do conhecimento por meio de disciplinas estanques, uma independente da outra, se bem se sabe que a própria vida assim não o é.

Eu sinto, na minha prática pedagógica, o clamor do aluno do século XXI por uma mudança de postura de seus mestres, pais e educadores, já que, na vida real, fora das quatro paredes que o cercam no ambiente escolar, ele vê e experimenta toda essa complexidade inerente aos saberes. Ao considerar tais ideias, eu questiono o modelo curricular que ainda se costuma organizar ou se deseja apresentar. Logo, considero uma postura ética se, ao menos, eu tentar apresentar um modelo de ensino da língua portuguesa que seja coerente com o aluno que hoje frequenta a minha classe.

Busco, então, uma postura mais inovadora e dinâmica, um novo modo de pensar e de agir o saber/conhecimento, a fim de propor ao educando, uma dinâmica de interação transformadora com os conteúdos inerentes a cada área do conhecimento, consciente de que o aprendizado não será finalizado, simplesmente, ao se transmitirem os conceitos.

Intuo que a transdisciplinaridade significa viver o grupo. Pressupõe ressignificar os conteúdos de forma que aquilo que seria tratado individualmente, agora, passa a ser tratado na coletividade, o que exige, portanto, o trabalho em conjunto e, no caso do grupo docente, a dedicação, de cada professor às pesquisas, junto à cada área do conhecimento, bem como em parceria constante com os outros saberes.

A esse processo de trabalho somam-se, concomitantemente, todas as atividades realizadas em sala de aula, com os alunos, que estarão em intensa busca do saber e, logicamente, necessitando de orientação. Sendo assim, para que a transdisciplinaridade se efetive, as pessoas envolvidas nos processos de ensino e de aprendizagem precisam ter, ou devem construir vontade para isso.

Do ponto de vista cognitivo e social, é importante que cada sujeito perceba que o sucesso ou insucesso de uma decisão, ação ou atividade não depende apenas do sujeito, mas sim exige, também, dedicação e entrega do educador, seja ele um professor ou qualquer outro sujeito na função de educar.

Nesse sentido, percebo a minha mudança de paradigmas sobre o ato de educar. Como tenho uma formação fragmentada, descobrir-me única



e diversa demanda o aceite de que o outro também assim o é; leva-me à conclusão de que não há como exercer valores éticos e educar com amor, sem modificar os paradigmas que se referem a valorizar o excesso de conteúdo imposto pelo currículo e pelo sistema em detrimento do que, de fato, consiste em conhecimento significativo.

Enfim, enfrento um momento de questionamentos sobre a minha relação com o ato de educar e também sobre minha relação com o aluno que tenho. As discussões com colegas, a própria formação contínua me leva a perceber a necessidade de propor um currículo que exija do jovem aprendiz uma interligação entre os conhecimentos das distintas áreas a fim de que ele possa estabelecer relações significativas entre os saberes que constrói.

## O autoconhecimento educa e liberta

Elucubrar sobre os valores éticos que constituíram minha formação, inclusive profissional, conduziram-me a mais um encontro com o autoconhecimento e à realização de uma auto avaliação pertinente a quem pretende realizar uma pesquisa em nível de doutoramento.

Primeiramente, preciso aceitar que urgem mudanças em minha atitude docente. Já não posso mais reproduzir um modelo falho de prática pedagógica a qual ignora as necessidades e o ponto de vista do outro. A educação a que me proponho precisa ser intercultural e valorizar todo o ser, independentemente de sua classe social, de sua raça ou de sua crença.

Um dos valores éticos que acredito ter sido capaz de construir por influência de meus pais, o comprometimento com a minha profissão, fazem-me acreditar que o modelo atual de educação que vem sendo produzido reforça a fragmentação do sujeito e, por isso, é incapaz orientar na edificação de um ser completo e preparado para a complexidade da atualidade.

Se, enquanto professora/educadora, eu desejar auxiliar na implementação de uma sociedade preparada para os desafios que o novo século nos acarreta, o meu posicionamento deve ser de agregar e de movimentar meus jovens aprendizes para as relações com os outros e com a natureza, além disso,

devo, especialmente, orientá-los ao encontro amoroso de si mesmos, assim como eu mesma tenho feito, resgatando e conhecendo o meu ‘eu’, complexo, inteiro.

## Referências bibliográficas

BATALLOSO, Juan M. **Educación y transdisciplinariedad**: aproximación a la práctica, disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/123636147/Educacion-y-transdisciplinariedad>. Acesso em: 19 nov. 2013.

BOFF, Leonardo. **Ética da vida**. Brasília: Letra Viva, 2000.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela Terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

LEANDER, Kahney. **A cabeça de Steve Jobs**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

MORAES, Maria Cândida. **Ecologia dos saberes** – complexidade, transdisciplinaridade e educação. São Paulo: AntaKarana / WHH – Willis Harman House, 2008.

*“Para se ter sucesso, é necessário amar de verdade o que se faz. Caso contrário, levando em conta apenas o lado racional, você simplesmente desiste. É o que acontece com a maioria das pessoas.”*

– Steve Jobs

*“Aprender a olhar e ouvir o outro só pode acontecer quando o indivíduo cultiva o hábito de aprender a olhar e ouvir a si mesmo.”*

– Jean Vaysse

*“Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso, eu amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo, que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade.”*

– Paulo Freire



## Capítulo VIII

# TRAJETÓRIA DE UMA PROFESSORA MULTIDISCIPLINAR: História de vida e formação profissional

*“A educação é para a alma o que é a escultura  
para o bloco de mármore”*

– Joseph Addison

Ivoneide Pereira de Alencar

### Recordações de minha infância querida

Tudo começou no dia 04 de Novembro do ano de 1979, quando nasceu uma menina chamada Ivoneide Alencar, filha de um casal de agricultores, Raimundo Nonato e Francisca Alencar, nascida pelas mãos de uma parteira, em um interior chamado Deserto, que fica localizado em São Pedro do Piauí, no Estado do Piauí.

Terceira filha de uma família de quatro irmãs, eu fui criada com muito amor e bons exemplos, apesar das inúmeras dificuldades financeiras e do afastamento dos meus pais quando tinha apenas sete anos de idade, pois morávamos no interior do Estado do Piauí, onde não havia escolas. Minha mãe, juntamente com meu pai, resolveu levar-me, assim como minhas duas irmãs mais velhas, para estudar na cidade de Teresina, o que foi muito doloroso para mim, ter que me afastar da minha mãe. Certamente, sabia

que era por uma causa nobre. Assim, o que eu mais gostava de fazer fora me tirado abruptamente: a liberdade de poder andar com pés descalços, as brincadeiras das quais ainda me lembro tão bem, em especial, das brincadeiras de roda, do banho no riacho, do pega-pega, da construção de cabanas na mata, tudo era muito divertido.

De repente, percebi que só teria essas coisas no período de férias. No entanto, minha mãe nos chamou para uma conversa, eu e minhas irmãs, e nos explicou que iria nos levar para estudar na cidade e que todo o sacrifício que estavam fazendo seria em prol de uma vida melhor e mais digna, já que no interior não teríamos muitas oportunidades de lograr êxito profissional. Tivemos uma longa conversa. Eu, nessa época, tinha apenas sete anos de idade e já questionava muito. Então, perguntei-lhe, porque eu tinha que ir embora para estudar em um lugar tão longe como Teresina e ela me respondeu: Vamos onde estão as quebradeiras de coco. E lá fomos nós. Ao chegar, ela me perguntou: *“Tá vendo, filha, porque eu e seu pai estamos fazendo o maior sacrifício em colocar você para estudar? Essas quebradeiras de coco não tiveram oportunidades de serem gente e eu não quero isto para vocês: ser quebradeira de coco e ter uma penca de meninos para criar. Quero que vocês tenham mais oportunidades do que eu e seu pai, pois nós não terminamos nem o ensino fundamental e você já está bem grandinha para entender as nossas dificuldades para criar vocês. Então, você precisa ir estudar fora daqui”*.

Não me restou alternativa a não ser me desgarrar da minha mãe e ir morar com minhas irmãs em Teresina.

Como não havia estado antes em nenhuma escola, tive dificuldades para iniciar o ano letivo, pois não tinha base nenhuma. Comecei a estudar em uma escola pública chamada de Unidade Escolar Agripino, próximo da minha casa, lá ficando por uns três anos. Logo depois, fui para outra escola que se chamava Centro de Educação Comunitária, do Parque Piauí – “Escolão”. Essa escola era em regime de semi-internato. Ali, entrávamos na escola às 07h00min e por lá lanchávamos, almoçávamos e só retornávamos às 17h30min. Estudávamos no período da manhã e tínhamos outras atividades intercaladas durante todo o dia, dentre elas, corte e costura, marcenaria, bordados, cultivo de hortas, educação física. Este, sem dúvida, era o melhor horário, pois íamos para a quadra jogar vôlei, minha paixão. Inclusive, por

algum tempo, acreditei que seria uma futura jogadora de vôlei, até chegar à conclusão de que minha estatura física não me ajudaria. Ainda bem que desisti a tempo. Realmente, eu estava certa, não cresci muito mesmo.

## Lembranças da minha adolescência

Fiquei estudando nessa escola pública, denominada “escolão”, até a oitava série, quando, então, resolvi que precisava trabalhar para poder pagar uma escolar particular, já que meus pais não tinham condições financeiras para tanto. Como meus pais nos mandavam muitas frutas e terminavam perecendo, então pensei: vou vender algumas delas na escola e para os meus vizinhos, assim posso conseguir dinheiro para pagar a escola particular. Entretanto, mal sabia eu que as minhas vendas ainda não seriam suficientes para pagar meus estudos no centro da cidade, pois além da mensalidade, tinha o ônibus, os livros, dentre outras tantas despesas.

Mais tarde, ainda era menor de idade, apareceu uma possibilidade de seleção na Rede McDonalds da minha cidade, pois nela havia sido inaugurado um Shopping. Fui para a entrevista sem ser selecionada. Lá chegando, fui logo dizendo que tinha recebido um comunicado. Então, os responsáveis pelo processo seletivo, procuraram meu nome na lista dos escolhidos e certamente não o encontraram. Naquele preciso momento, resolvi dizer a eles que precisava muito daquele emprego e para que eu pudesse pagar a minha escola. A pessoa que estava selecionando pediu, então, que eu aguardasse alguns instantes, que ela iria falar comigo mais tarde. E, assim, esperei e o aguardei. Após algum tempo, ele veio com a boa notícia de que eu poderia iniciar o curso de formação no dia seguinte.

Voltei para casa com a sensação de que ali estava a condição que eu precisava para pagar a minha escola, um sonho antigo de estudar no centro da cidade e em uma escola particular.

Assim, foi como obtive meu primeiro emprego, onde aprendi muito, principalmente, a ser disciplinada, haja vista que por ser uma empresa multinacional, eles cobravam muito do funcionário. Bem verdade, era que pagavam pouco, mas, naquele momento, era exatamente o que eu precisava

para estudar em um colégio melhor. Desta forma, comecei a trabalhar aos 16 anos de idade, acalentando o velho sonho de passar no vestibular, o que, de fato, aconteceu. O esforço realmente era grande, pois eu trabalhava até duas horas da manhã, pegava um ônibus corujão para chegar até a minha casa, de madrugada.

## Em busca de minha formação profissional

A motivação inicial para a realização de uma carreira multidisciplinar partiu das oportunidades que me foram sendo dadas. Primeiramente, cursei o Bacharelado em Fonoaudiologia, concomitante ao curso de Fonoaudiologia. Cursei, também, o Bacharelado em Direito e logo que terminei a primeira faculdade, comecei a trabalhar em uma faculdade particular como professora de saúde pública. Após findar a segunda graduação, ainda tinha uma lacuna a ser preenchida: faltava-me o curso que mudaria a minha vida: a Licenciatura em Pedagogia, pois já trabalhava nas duas áreas, tanto em Fonoaudiologia, quanto em Direito. Mas, foi com a Pedagogia que realmente vislumbrei a educadora que eu sou. Neste sentido, sou muito feliz pelas escolhas que fiz, embora, a bem da verdade, sei que foram as oportunidades que eu tive em um primeiro momento. As escolhas realmente vieram depois das três graduações realizadas e, certamente, não poderia ter sido diferente, pois escolhi a docência como trabalho.

Meu melhor exemplo foi uma professora primária, da qual me lembro, até hoje, o seu nome completo: Jardelina Oliveira da Silva. Esta professora conseguia despertar o interesse dos alunos para tudo, dava-nos segurança, influenciando-nos em relação à postura de professor. As lembranças que emergem são de uma professora que sempre foi muito carinhosa, respeitadora e atenta às necessidades de seus alunos, o que muito eu prezo.

*“Eu acho que consigo tudo com os alunos por causa do respeito que eu tenho com eles; se você respeita, você quer ser respeitada. Eu nunca gostei de gritar, de perder a calma. Eu prefiro ficar quieta, depois eu volto e converso. Esta era a postura dela, ela foi um modelo para mim. Ela era exigente e fazia você se descobrir”. (DIAS, 1992)*

Seu exemplo certamente influenciou significativamente a minha atuação pedagógica, confirmando, assim, os estudos de GOODSON (1992) para quem a figura de um exemplo a ser seguido é extremamente importante na formação profissional.

Ao analisar minha formação, comparando-a a de 10 anos atrás, acredito que ficou um pouco mais a quem ao trabalho que vem sendo realizado nas Universidades de hoje. Comparando com a minha primeira formação em Fonoaudiologia, muita coisa já foi modificada na grade curricular. Este reconhecimento parte do princípio de que o processo de construção de conhecimento melhorou muito, as informações estão muito mais disponíveis e as faculdades, atualmente, apresentam um currículo mais adequado. Além disso, como acontece com toda primeira turma, sofri as consequências da falta de instalações e de materiais inadequados. Quanto aos professores, nada tenho a reclamar. Muitos eram também professores de universidades estaduais e federais e conseguiram oferecer a mesma qualidade de ensino (conteúdo) de uma universidade pública, apesar das inadequações citadas acima. Entretanto, muitos conteúdos foram estudados em livros e apostilas, o que dificultou um pouco a relação com a prática.

Segundo PÉREZ-GÓMEZ (1992), o currículo baseado na estrutura técnico-científica permite ao aluno um contato tardio com a prática, com normas e técnicas advindas do conhecimento científico, nem sempre possíveis de serem aplicadas no contexto real da sala de aula.

Entretanto, reconheço que minha formação foi suficientemente boa para me oferecer condições de exercer a minha docência, mas compreendi, desde cedo, que a troca de informações com os colegas e a formação continuada através de cursos seriam absolutamente necessárias para estabelecer uma melhor a relação entre teoria e prática, possibilitando-me um saber em constante reconstrução.

## **Trajetória Docente: a experiência dialogando com a inexperiência**

Não foi muito difícil conseguir dar aula na área de saúde. Mesmo antes de formada, eu já tinha conseguido ministrar aulas como professora voluntária em uma fundação, em Teresina. No começo, recorria aos livros para



me sentir mais segura, pois tinha receio de não possuir conteúdo suficiente para alcançar os objetivos pretendidos. Mesmo depois de formada e até os dias atuais, adoto o sistema de preparar a aula. Para mim, isto sempre foi uma questão de responsabilidade e compromisso para com o meu alunado.

Em meu modo de entender, no desenrolar dos anos, o docente vai encontrando seu jeito próprio de ministrar suas aulas. No começo, você acaba imitando alguém, sente-se mais inseguro, mas, com o tempo, a gente vai adquirindo experiência e reconstruindo nossa prática.

No início da carreira, minhas aulas eram dadas sem um objetivo definido, sem saber exatamente aonde pretendia chegar. Apesar das dificuldades, minha postura continuamente era a de alguém que procura fazer o melhor possível, buscando o aprimoramento de tudo aquilo que faz. Nunca me sentia acomodada. Entendo que para se preparar uma aula, você tem que buscar sempre. Alguns livros me ajudaram muito, bem como as tecnologias que estão, hoje, ao nosso alcance, o que nos facilita, e muito, as relações de ensino-aprendizagem.

HUBERMAN (1992), estudando o ciclo de vida dos professores, observou que o início da carreira representa o momento de entusiasmo, da descoberta e do encantamento, embora marcado por dificuldades e insegurança.

Recordo-me que a parte pedagógica foi sendo adquirida aos poucos durante os cursos de formação e complementada na faculdade que me “ensinou a ensinar”. No entanto, no início da carreira, sabemos que o professor segue um “modelinho pronto”. Com a experiência, o professor aprende a enxergar melhor as coisas, aprende a observar melhor os seus alunos. Cada um vai criando sua forma de ensinar, de cobrar...

A importância da formação continuada esteve refletida nos cursos que fiz e faço durante minha vida acadêmica. O exemplo disto foi o Mestrado que terminei no ano de 2010, na Universidade Federal do Ceará (UFC), mesmo com tantas dificuldades sejam pessoais ou financeiras, pois tinha que viajar toda semana para assistir aulas e tinha que voltar para trabalhar, uma correria grande, mas que me enche de orgulho, dando-me a sensação de dever cumprido em relação a esta etapa do mestrado.

Como se não bastasse, resolvi fazer também o doutorado em educação, razão pela qual iniciei esta disciplina, e participei do processo seletivo para o doutorado em educação da Universidade Católica de Brasília (UCB). Felizmente, logrei êxito e agora já posso colocá-lo como parte das minhas conquistas pessoais e acadêmicas, resolvendo, assim, talvez, o que eu ainda considerasse uma lacuna em minha formação. Tenho a convicção de que fiz a escolha correta, não só pelo curso, mas pela minha formação pessoal também.

Analisando minha carreira profissional, percebo as diferenças existentes entre o início da carreira e um certo tempo depois, não explicitamente definido. Uma das diferenças é o fato do professor iniciante não possuir segurança para ministrar aulas. Outra diferença se refere ao objetivo que, para o professor iniciante, parece não estar claro.

As experiências significam, para mim, a maneira de encontrar meu próprio jeito de ministrar aulas, de acumular habilidades durante o exercício da docência, de ser capaz de sugerir algo, caso seja indagada. Isto representa uma confiança e uma competência pedagógica encontrada na fase de estabilização descrita por HUBERMAN (1992). Nesta etapa de vida profissional, a pessoa encontra seu estilo próprio de ensino. Ainda, segundo PERRENOUD (1993), a razão prática encontrada apenas através da experiência é parte integrante da profissão professor.

Com o tempo, o professor vai compreendendo que a prática de sala de aula não é uma concretização de receitas. Existe sempre algo a mais que se transforma em um “habitus” que, a grosso modo, é formado por “rotinas” e “esquemas” operatórios de alto nível. (PERRENOUD, 1993, p. 108).

Apesar de considerar que a educação está deixando a desejar, que a escola, atualmente não vem cumprindo seus objetivos, que os alunos estão mudados, enfim, que a sociedade está modificada, com valores alterados, não conseguimos desvincular a imagem do bom aluno da imagem do bom professor. Para mim, talvez não existam maus alunos, mas, sim, professores que não conseguem motivá-los.

Não obstante, sabemos que a sociedade atual tem também sua parcela de responsabilidade na agressividade demonstrada pelo aluno, entretanto,

não sabemos dizer se tal aluno verdadeiramente existe, ou se existe um aluno desinteressado ou se o professor não foi capaz de motivá-lo.

*“Um bom aluno é aquele que se interessa pela aula, mas não sei se existe um mal aluno ou um professor que não consegue despertar o aluno. Acredito que um dos papéis do professor é motivar o aluno. A formação profissional deveria conter algum aspecto que ensinasse o professor a motivar para a aprendizagem”.* (GOODSON, 1992).

A motivação e a perseverança são dois fatores mais importantes da minha vida profissional. Como sempre estive motivada para dar aulas, para estudar durante e após minha formação. Minha motivação para criar situações de ensino e aprendizagem sempre foi elevada, então, é normal que considere a motivação e a perseverança como um dos principais fatores educacionais. Algumas dessas considerações devem ser estendidas à formação profissional, como por exemplo, a observação de que “para cada aluno existe um tipo de motivação, que o professor tem que descobrir”.

## Considerações finais

Por fim, analisando a história de vida de um profissional, entendemos que, apesar dela ser única e singular, pode ser visualizada também como uma trajetória com alguns pontos fortes, principalmente quando esses são encontrados em outras histórias de vida profissional. Tais pontos podem servir como exemplos para as futuras gerações de professores. Cabe-nos, entretanto, evidenciar que existe uma

*“interpenetração de vida pessoal, profissional (...) e que os relatos não são lineares e nem simétricos nos diferentes momentos das trajetórias, mas permitem uma visão, senão global, pelo menos a mais aproximada possível da trajetória de vida”* (MIZUKAMI, 1996, p. 89).

## Referências bibliográficas

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **Play and intrinsic rewards**. Journal of humanistic psychology, v. 15, n. 3, p. 41-63, 1975

\_\_\_\_\_. **A psicologia da felicidade**. São Paulo: Saraiva. 1992.

DIAS DA SILVA, Maria Helena G.F. **O professor como sujeito do fazer docente: a prática pedagógica nas 5ª séries** (tese de doutorado). São Paulo, FEUSP, 1992.

FINGER, Mathias; NÓVOA, Antônio. **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde-Departamento de recursos humanos da saúde. Centro de formação e aperfeiçoamento profissional, 1988.

GARCIA, Carlos Marcelo. **A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor**. In: Antônio NÓVOA. Os professores e a sua formação Lisboa: Dom Quixote, 1992.

GONÇALVES, José Alberto M. **A carreira das professoras do ensino primário**. In: Antônio NÓVOA. (org.) Vidas de professores. Porto: Porto, 1992.

GOODSON, Ivor F. **Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional**. In: Antônio NÓVOA. (org.) Vidas de professores. Porto: Porto, 1992.

HUBERMAN, Michael H. **O ciclo de vida profissional dos professores**. In: Antônio NÓVOA. (org.) Vidas de professores. Porto: Porto, 1992.

MIZUKAMI, Maria da Graça N. **Docência, trajetórias pessoais e desenvolvimento profissional**. In: REALI, A. M. M. R.; MIZUKAMI, M. G. N.(org.) Formação de professores: tendências atuais. São Carlos: EDUFSCar, 1996.

MOITA Maria da Conceição. **Percurso de formação e de transformação** In: Antônio NÓVOA. (org.) **Vidas de professores**. Porto: Porto, 1992.

NÓVOA, Antônio. (org.) **Vidas de professores**. Porto: Porto, 1992.

PÉREZ-GÓMEZ, Antônio. O pensamento prático do professor – A formação do professor como profissional reflexivo. In: Antônio NÓVOA. **Os professores e a sua formação** (org.). Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PERRENOUD, Philippe. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação**. Perspectivas sociológicas. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

SCHÖN, Donald. **Formar professores como profissionais reflexivos**. In: Antônio NÓVOA. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. & LAHAYE, Louise. **Os professores face ao saber**. Esboço de uma problemática do saber docente. Teoria e Educação, v. 4, p. 215-233, 1991.

Novembro/2013

## Capítulo IX

### COM QUANTOS PAUS SE FAZ UMA CANOA

*“(...) então, eu estava com ele e era seu aluno; e era cada dia as suas delícias, folgando perante ele em todo o tempo”.*

– Pv. 8:30

João Antônio de Jesus

#### A salvação, de onde vem?

“Painho, como se faz uma canoa? Precisa de muito pau? Por que o senhor sempre fala disso?” Não se tratava de um dilema, de uma perturbação, nem era uma curiosidade insólita de que alguém se orgulhasse por ter sido achado inteligente. Pelo contrário, muita gente usava essa expressão, mas – hoje compreendo – era o questionamento tripartite de toda uma vida, que, buscando uma herança a transmitir, pois não foi recebida, reverberou tão insistente nos ouvidos de um pequenino que transbordou inocentemente sem o franzir de testa, a união de sobranceiras ou o encruzar de braços, dizendo: Como fazer? Que é necessário? Por que fazer?

Ele trazia no alforje da vida apenas seis primaveras sentidas às vezes sob o calor das areias escaldantes da vereda na caatinga, por vezes sob a feição daquele homem do riso sisudo, que brotou com os pingos do céu que impediram a morte do milho, do maxixe, do feijão e encharcaram a terra seca. Ou não, por saber que o outro dia era vizinho impassivo,

trazendo consigo o sol esturricante de rachar o chão e engolir a esperança dos dias vindouros. Seu álibi era o Rio Preto intenso e caudaloso de dar medo, há uma pernada de meia légua de distância da Tapera, reverenciado pelos buritizeiros e ingazeiros, seguindo prudente o seu curso, olhando de nariz empinado tudo em volta, com olhar baixo e contemplativo, como quem tudo conhecendo e sem encontrar qualquer adversário à sua altura. Mas Manezim só não era pescador, portanto não queria conversa com rio.

Quem era aquele homem de pequena estatura, analfabeto, maltratado pela vida de sol a sol, sem eira nem beira? Que não fumava, mesmo que um cigarro de palha de fumo lascado ou de rapé, como era o costume passado de pai pra filho? Também não bebia, o que, diga-se de passagem, era uma afronta aos amantes de uma boa talagada da pinguinha amiga nossa de todos os dias e lhe rendia o jargão de inimigo público número um: “Manezim acha que é diferente da gente, por isso é que fica com essas bestagens. Mas foi depois que esse menino nasceu.” Não fosse o cavaquinho salvador da pátria, que alegrava a roda dos demais peões na hora da janta ali na Tapera..., pois, olhe seu moço, ninguém tocava e cantava Trem das Onze como aquele matuto com cara de jagunço marido de uma só mulher – o que ele enfatizava com orgulho –, pois quando ele cantava “sou filho único, tenho minha casa pra olhar”, era um gigante indomável de peito aberto e alma lavada chamando o outro dia pra briga; era o intérprete perfeito para aquele clássico de Adoniram Barbosa, que todos conheciam sem saber o sentido: Ele perdera o pai ainda pequeno, aos dois aninhos, e era o único filho de D<sup>a</sup> Maria de Jesus, uma mulher que acreditava que só o trabalho é que endireitava o caboclo, razão pela qual ele foi empurrado ao serviço pesado desde cedo e sem maiores apresentações, pois foi praticamente dado para os conhecidos criarem em troca de trabalho. Foi assim que conheceu tudo que é sítio e fazenda das redondezas. Sem hora de dormir, longe do que era seu – o colo de sua tão ausente mãezinha –, às vezes caçoado por uns e enjeitado por outros, não soube o que era brincar, mas encontrou em Silvinha o seu calo pra toda vida, daqueles que parecem bicho de pé que tem uma coceira boa e que incomoda ao mesmo tempo até sair sangue; aceitou trabalhar no sítio daquele branquelo com cara de amigo, mas teve que dar o coro de sol a sol.

Nesse meio tempo, cresceu como um poço de sentimento contido, tendo o cavaco como melhor amigo, afogando as mágoas em noitadas inteiras de festanças no Formigueiro, no Mansidão, na Vereda, no Bouqueirão, em Santa Rita... Em qualquer lugar daquelas bandas, Manezim não podia faltar, pois era o pivô das Cheganças e das Marujadas, mas, sem tino na vida, era jogado de um lado pro outro, às vezes caído num canto, por ter abusado da cachaça, do aluá ou do milagreiro de alcatrão São João da Barra... Mas ele guardava um segredo a sete chaves, que era um sentimento esperante que alguns chamavam de amor – “Conjuro-vos (...), pelas gazelas e cervas do campo, que não acordeis nem desperteis o meu amor, até que queira”<sup>1</sup> – para dar a alguém especial que um dia veio a surgir lhe dando um presente maior, que pra ele se tornou seu grande bem, pois sua flor não mais podia gerar: era seu filho único, com quem ontem confidenciou: “Você salvou minha vida, garoto”.

## A sabedoria já edificou sua casa

Mas o maior dos mistérios é que ele não se importava em ter-me como sua principal companhia, sentado ao pé da enxada ou a uma certa distância da foice desbravante, mesmo sem poder ajudá-lo, pelo contrário, me esforçando para que não se desconcentrasse ou desviasse de mim, ainda que com tanto trabalho a ser feito. “Eu estava com ele e era seu aluno: e era cada dia as suas delícias, folgando perante ele em todo o tempo”<sup>2</sup>. Na pausa pro gole d’água, pro ajuste das calças e do chapéu de palha ou mesmo ao afugentar a mutuca insistente, ao passar a mão na minha cabeça ou simplesmente no contratempo entre um respiro e outro, chamava de quando em quando minha atenção para discernir o canto da seriema ao longe, que tantas vezes mostrou que as chuvas davam adeus, do canto do “sofreu” misturado ao do pássaro preto no cume dos pés de munguba,

---

1 Ct 2:7 – **Bíblia Sagrada**. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 4ª Edição, 2009. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1664 p.

2 Pv. 8:30 – **Bíblia Sagrada**. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida. 4ª Edição, 2009. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1664 p.



do canto do sabiá bico de osso, do lamento da pomba verdadeira, do rastro da cobra no “arião”, da persistência e vigilância do joão-de-barro na construção de sua obra prima no alto do jatobazeiro, sem risco nem traço, sem adobe nem compasso, sem prumo, sem prego e sem martelo, sem desperdício, com perfeição de arquiteto e arrojo seguro de engenheiro, tudo para o aconchego de seus pintainhos: “viu filho, não com força nem com violência, mas com jeito e paciência...”, dizia ele; e do bem-te-vi, fiscal perscrutador, que por vezes incomodava pra dizer que a qualidade do trabalho estava sendo observada e apurada – “Nunca se esqueça: tem sempre alguém de olho na gente, filho”; mas também o cheiro do artium maduro no meio do mato, que não podia se esconder por muito tempo – “O cheiro do que é bom a gente sente de longe, filho, e não dá pra quem quer”; a beleza do pequizeiro florido e o gosto do caju verdadeiro apertando na goela – “Não tem catarro que não peça arrego, filho”; o mel encontrado por acaso no oco do tronco daquele forte e imponente jacarandá era uma dádiva divina, pois adoçaria o amargor da vida difícil, além de render uns trocados extras na Vila de Ibipetuba (esse era o nome antigo da cidade de Santa Rita): “Que coisa há mais doce que o mel e mais forte do que o leão, filho?”; é bem certo que do forte saiu doçura, mas momento marcante não houve como quando ele mostrou, sem nada dizer, com introspecção e sentimento de perda por necessidade, a “fussura”<sup>3</sup> do boi amigo, que, a bem pouco tempo, ajudou a cavar a terra em intermináveis valas, que recebiam a semente, que esperava a terra, que esperava a chuva, tão desejada por todos, que fazia a semente brotar, crescer e produzir alimento para o que tem fome. Mais tarde, eu entendi que alguns se esforçam e passam como aquele boi, para que outros nasçam, se esforcem e também passem, sem que isto seja um simples ciclo vicioso, mas era a complexidade da vida sem ser complicada: o bezerrinho, seu filhote, era o estímulo para que todos os dias tivéssemos de 5 a 10 litros de leite: “Você é importante pra mim, meu filho, e também terá momentos difíceis na vida, mas eu vou lhe mostrar com quantos paus se faz uma canoa.”

---

3 Fussura: termo regionalizado que designa a **fressura** extraída do animal após seu abate, incluindo a cabeça despojada do couro.

## Pergunta de menino sacode alicerce e transcende

O que queria ele dizer com: vou te mostrar com quantos paus se faz uma canoa? Responder à intriga que saltava da mente do menino, como que abrindo três frentes de batalha, dentre as mil e uma indagações encalcadas pela inocente ignorância, era um grande desafio, completamente vencido ao som de uma intensa gargalhada nunca, jamais vista, que afugentou a medrosa perdez escondida em seu ninho, quando ele ouviu aquela coisinha lhe perguntar: “Painho, como se faz uma canoa? Precisa de muito pau? Por que o senhor sempre fala disso?” Aquela risada era como o som de muitas águas lavando a alma do pequenino, afugentando temores, como o nascer do sol que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito.

Seguiu-se o abraço suado, onde o rosto molhado pelo choro soluçante apertava a barba malfeita daquele sertanejo contra o rosto daquele menino, pois nunca alguém lhe fizera qualquer indagação com tal teor de profundidade e significância. Era a pergunta que jamais calou em seu coração, mas que foi respondida de sol a sol e muitas vezes noite adentro durante os anos que se seguiram. Ali, naquele momento, somente a melancia partida num golpe do facão, a garrafa d’água ociosa debaixo da moita, a enxada encostada no pé de mandioca e o saco de farinha misturada com rapadura testemunharam tamanha alegria.

Por que o som das palavras do menino provocou tamanha comoção, ainda hoje me pergunto mesmo pensando saber a resposta, mas sem a necessidade de perguntar àquele homem, por entender que seu ensino foi perfeito, suficiente, um apanágio de nobreza para toda a vida. Mas como, se ele não conhecia as letras? “Joana, esse menino vai pra escola. Nós não temos nada, mas ele vai ser melhor do que nós. Vocês ficam na Cidade: eu de cá, vocês de lá e vamos mostrar com quantos paus se faz uma canoa.” É verdade que ele não era letrado, mas era de um cuidado com aquela mulher...! Só de pensar, não dá pra segurar o rompante aguaceiro brotando dos olhos e o que me sobe ao coração é a lição tão bem ensinada: “Mulher virtuosa, quem a achará? Ela é mais preciosa do que finas jóias; sessenta são as rainhas, noventa as concubinas e as virgens sem número, mas uma é a minha pomba, a minha imaculada.” Nunca se viu o estender do dedo, o jugo

de opressão e a falsidade do falar, mas tantas vezes beneficiou os famintos e satisfaz o anseio dos aflitos, pelo que sua luz despontou nas trevas e a sua noite foi como o meio-dia. Isto é o que aprendi de painho. Não jogava, não bebia, vigilante nas palavras e nas ações, honrava seus compromissos na venda de Nôca e de Cipriano, não gastava a seu bel prazer e não gostava de comprar fiado, fosse o litro de arroz, a ponta de carne seca, a banha de porco ou o taco de toucinho, de tal sorte que nunca presenciei um cobrador sobressaltado à nossa porta, pelo contrário, “Manezim é bom pagador” era o boato que corria pela redondeza.

Que significado tinham essas coisas para aquele guri? Em que seminário, congresso ou workshop aquele sertanejo aprendeu a educar em valores? Teria ele encontrado Quintana Cabanas e aprendido dele que a conduta moral constitui importante fator de um programa de educação, ao lado do conhecimento do bem e dos sentimentos e afetos?<sup>4</sup> Ou, quem sabe, teria esbarrado em Manoel Patrício naquelas quebradas e, num papo de xarás, ele resolveu abrir-lhe o jogo sobre a importância de se insistir no cultivo de valores, dizendo no pé do ouvido: Olha, xará, não há educação sem valores e o compromisso educativo não é possível fora do compromisso dos valores, pois “há em cada homem um potencial de ser que se quer atualizar o mais possível com a educação. As atualizações concretas são bens particulares ordenados para o bem geral e dele, afinal, constituintes. Esse bem geral é a síntese de um complexo axiológico: é, em certo sentido, a configuração em um único valor de uma multiplicidade estruturada de valores”<sup>5</sup>. É claro que Manezim entendeu tudo! De tal maneira que, se porventura fosse cumprimentado por Piaget na boquinha da noite, voltando da roça, seria capaz de argumentar-lhe que a deficiência existente na sua teoria do desenvolvimento cognitivo era o simples fato de ele não levar em consideração o uso da inteligência emocional. Nesse momento Manezim homenagearia Piaget abrindo um parêntese para referenciar os registros de LIMA (1980), ao dizer que “onde houver um professor ‘ensinando’... aí não está havendo uma escola piagetiana!” E acrescenta que se o professor seguir aos ensinamentos de Piaget ele agirá seguindo a ciência, isto

---

4 Quintana Cabanas (1995).

5 Manoel Patrício (1993).

é, a pedagogia tornar-se-ia uma arte apoiada, estritamente, nas ciências biológicas, psicológicas e sociológicas. Maria Cândida, então, se aproximaria e ajudaria Manezim a fechar o parêntese, convidando Piaget a olhar a Complexidade dando sinais de sua presença numa educação aberta, onde “o professor aceita a incerteza, acolhe o inesperado, replaneja suas ações e encoraja os diversos diálogos para que o sistema não se feche em si mesmo”.<sup>6</sup>

Ou se não Piaget, Quintana Cabanas ou Manoel Patrício, quem sabe, em 1971, Manezim teria antecipado o ensino de Sai Baba sobre o cultivo de valores morais, éticos e espirituais na educação, quando disse em discurso na Índia, em 26/07/1999, não ser possível para cidadãos e líderes cultivarem estes valores se não os praticarem desde a infância. E acrescentou: “A vida perde o sentido se não se praticam ações corretas desde a infância. Portanto, pais e professores devem ter um papel ativo em moldar a vida dos estudantes. Pais e professores são responsáveis pelo bem e pelo mal nos estudantes. Os alunos de hoje viajam mundo afora buscando educação material, sem perceber o fato de que o coração – fonte da verdadeira educação – está dentro deles. A verdadeira educação é a que constrói o homem ideal. Pais são os primeiros professores. Eles devem mostrar-lhes o caminho da bondade. O homem não consegue tornar-se bom meramente sendo bem educado. A educação material confere apenas *Artha* (riqueza) e *Swartha* (egoísmo). Tal educação é responsável pelo declínio do homem. A educação material (*Bhouthika Parijnana*) tem como objetivo a informação, enquanto a educação espiritual tem como objetivo a transformação. A educação voltada à informação faz do homem um computador, enquanto a educação voltada à transformação faz do homem um compositor. O homem deve tornar-se um compositor, não um computador.” (Primeiro Seminário Sri Sathya Sai Baba sobre Valores Paternos / Prasanthi Nilayam, 1999, Índia).

Concordo com o palestrante e, pelo visto, Manezim também: os pais devem oferecer exemplos de honestidade, controle dos sentidos e disciplina. O conhecimento pode ser ministrado pelo professor, mas a disciplina, o rigoroso controle dos sentidos e o comportamento da criança devem ser administrados pelos pais. As crianças aprendem muito através do exemplo.

---

6 MORAES, Maria Cândida. **Complexidade e educação**: em busca de um novo olhar teórico e metodológico. Brasil: UCB/DF, Agosto 2010, p. 13.

Os pais devem promover um comportamento respeitoso no lar. Eles devem de fato ter cuidado com o seu próprio comportamento em presença das crianças, pois os jovens aprendem muito por imitação. Os pais cujo comportamento e conduta são contrários ao que é falado e ensinado aos seus filhos, criam uma tempestade de dúvidas, uma dicotomia crescente nas mentes das crianças.<sup>7</sup>

## O eterno presente nos homens

Quando me ponho a pensar nos ensinamentos de meu pai, no amor que ele demonstrava pela natureza – mesmo quando, aos berros, tangia as jandaias que arrasavam o milharal numa algazarra frenética de estourar os tímpanos –, e a busca incessante por me transmitir o sentido de tudo o que via e sentia, era como se Deus lhe falasse a cada momento: “Mostra pra ele o que Eu estou te dizendo.” Hoje eu não me espanto ao saber que os argumentos de um índio transformaram o pensamento do Dr. Jung e o fizeram entender que os europeus, usando a mente, conquistaram o mundo, mas perderam a capacidade de sentir e de viver através da alma por não pensarem com o coração (JUNG, 1986 p. 233)<sup>8</sup>. E acrescenta: “há tantas coisas que me repletam: as plantas, os animais, as nuvens, o dia, a noite e o eterno presente nos homens. Quanto mais me sinto incerto sobre mim mesmo, mais cresce em mim o sentimento de meu parentesco com o todo” (Ibid. p. 361)<sup>9</sup>. Fica evidente, diante da insensibilidade prepotente no homem, a imensa dificuldade que têm as pessoas de entender-se ligadas com todas as coisas, por encontrar-se desconectadas da Terra e da alma que é a expressão da sensibilidade e da espiritualidade. Resta, portanto, replicar o trecho dos escritos de Leonardo Boff, que diz: “Se não resgatarmos hoje a razão sensível que é uma dimensão essencial da alma, dificilmente nos mobilizaremos para respeitar a alteridade dos seres, amar a Mãe Terra com

---

7 Programa de Educação em Valores Humanos. **O Papel dos Pais**. Disponível em: <<http://www.valoreshumanos.org/programa-de-educacao-em-valores-humanos>>, acesso em 01/10/2013.

8 Jung – Memórias, Sonhos, Reflexões, p. 233.

9 Jung – Memórias, Sonhos, Reflexões, p. 361.

todos os seus ecossistemas e vivermos a compaixão com os sofrendores da natureza e da humanidade”.<sup>10</sup>

Espero não ser taxado de louco ou idiota ao tentar jogar no papel as próximas elucubrações que fluem do coração, à semelhança de um vapor vivo que cutuca tudo em volta às apalpadelas em busca de reações (respostas) que não sejam muito violentas. É que eu preferi atender a sugestão de GOLDBERG (2008) e resolvi “escrever no céu” escolhendo com cuidado os instrumentos, mas não me deixando intimidar por eles nem gastando mais tempo em busca deles do que na escrivania. Na verdade, a fartura de alimento à mesa é tamanha que não posso me dar ao luxo de dizer que estou farto só de contemplar ou petiscar, pois o que sinto é um grande desejo de repartir a tantos famintos. Oxalá todos os professores tivessem seus olhos abertos para a complexidade das ações e interações que tecem a trama da vida! Oxalá soubessem que a complexidade na educação traz consigo uma ética diferente daquela que ainda predomina no paradigma tradicional, a qual é capaz de revelar a dialógica e a recursividade existentes entre educador e educando, em razão das múltiplas possibilidades na relação de aprendizagem, por se tratar de seres que, ao mesmo tempo, são físico-bio-psico-socioculturais e espirituais, sem privilegiar qualquer dessas dimensões em detrimento de qualquer outra, tudo isto para mostrar que tanto educador como educando são seres incompletos e quanto mais crescer o sentimento de incerteza sobre si mesmos, mais crescerá o sentimento de pertença com o todo sócio ecológico, conforme disse Jung. Oxalá, todos os professores se contemplassem hoje na vida de seus alunos no futuro, como diante de um espelho, como fez Manezim.

Voltemos aos sussurros interiores: Será que Manezim, quando primou por dar o exemplo de respeito, de verdade, de dignidade e de retidão, às vezes se abstendo de prazeres tão comuns e usufruídos por tantos com naturalidade, mas que feriam seus parâmetros de ética e moral, por causa de um menino que precisava, segundo disse, ser melhor do que ele, repito, será que ele não estava prospectando um dia ter um encontro com a Dr<sup>a</sup>. Maria Cândida, com a Dr<sup>a</sup>. Denise Najmanovich e com o Dr. Juan Batalloso assentado

---

10 Boff – O resgate necessário da sensibilidade ecológico-social (03/09/2013), Disponível em: <<http://leonardoboff.wordpress.com/2013/09/03/o-resgate-necessario-da-sensibilidade-ecologico-social/>>.

num banco de uma conceituada Universidade, junto com mestrandos e doutorandos, a discorrer sobre a ciência do seu dia-dia, pelo que isto valeria todo aquele esforço? É assim que entendo a Complexidade na Educação: Manezim no meio de doutores através de seu filho, “seu aluno”. É assim que entendo uma sociedade melhor: professores, por meio de seus alunos, agora pais, mães, profissionais das mais diversas áreas, entendendo, respeitando e aprendendo a respeitar a alteridade dos seres, amando e aprendendo a amar os ecossistemas e vivendo em compaixão.

Valeu a pena a lição do joão-de-barro não gastador e não desperdiçador, trabalhador perseverante e paciente, sempre seguro e produzindo segurança para seus filhotinhos; como também a do bem-te-vi, assaz fiscal denunciando que estava de olho em tudo: cada um de nós tem um fiscal interior que precisa ser ouvido sempre, sob pena de sermos eternos murmuradores infelizes e insaciáveis insatisfeitos na busca do inalcançável, sob os chamamentos do consumismo exacerbado; e, se porventura o alcançar, quando muito descobrirá, mais cedo ou mais tarde, a estampa do arrependimento, da frustração e do desvanecimento em algumas visitas a presídios, a casas de recuperação ou a asilos. A natureza não nos deu para ser loucos, indomáveis, descontrolados, depressivos, desatinados e precipitados. Para entender isto, não é necessário qualquer esforço acadêmico em prol do alcance desta verdade. Basta perguntarmos a nós mesmos se isto é o que queremos para nossos filhos, filhas e netos, tal a importância da ética na educação ou da educação em valores, sabendo que o eterno está presente em todos os homens.

## **Complexidade na Educação: um instrumento de afagar a Alma**

Já disse MORAES (2010) que o pensamento complexo não detém um método específico, porém o método que for usado precisa guardar coerência e abertura que permitam interferências e enxergue as múltiplas realidades existentes nas relações entre o educador e o educando, ambos evoluindo naturalmente por serem inseparáveis, conforme se transcreve:

*“O pensamento complexo exige um método que reconheça que a incerteza e o inesperado são elementos ontologicamente constitutivos da realidade e que as emergências também são bem-vindas e enriquecedoras dos processos. Assim, em um contexto de incerteza e instabilidade, tudo que é rígido e pré-programado tende ao fracasso.”*

Que coisa impressionante! Tudo que é rígido e pré-programado tende ao fracasso quando se trata da educação que considera as dimensões biológicas, físicas, psíquicas, sociais, culturais e espirituais do homem.

No momento em que me deparei com este “achado” de Maria Cândida Moraes, revivi e entendi as aulas de tabuada da D<sup>a</sup> Eni: Ah! Como eu chorei sem mais querer ir para a escola no 2º ano primário do Severino Vieira, em 1973, aos oito anos de idade. E, pra não dizerem que isto é próprio de criança, também lembro as aulas de Língua Portuguesa de D<sup>a</sup> Enilde, em 1988, quando já tinha 23 anos: Quantos colegas em desespero, certos de que não seriam aprovados naquele 2º ano de CFO<sup>11</sup>.

No primeiro caso, o sofrimento era patrocinado por uma palmatória que passava de mão em mão numa competição “salutar”, àquela época, aos olhos dos professores, como se as crianças não fossem seres que guardavam o eterno dentro de si, dotados de sentimento e psique. Aqueles que acertavam a tabuada batiam com a palmatória na mão dos que erravam. A via-crúcis era vivida em três etapas. O trauma maior não era em razão da dor física instantânea nem da vergonha na hora da merenda, quando os outros colegas, ao verem minhas mãos em brasa viva e o rosto pálido, como de quem buscava um buraco no chão para se enfiar, chacoteavam, achincalhavam e me humilhavam, mesmo sem ninguém saber o que era *bullying*. Para quê, se todo mundo sabia o que era bulir? Quantas e quantas vezes eu cheguei para mainha e lhe disse que os meninos estavam bulindo comigo, isto é, me provocando, “atentando”, mas ela não sabia muito bem o que fazer, a não ser falar com as mães deles, o que não surtia o efeito desejado, pelo contrário, o problema somente agravava. Contudo, o pior ainda estava por

---

11 CFO – Curso de Formação de Oficiais do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal; reconhecido pelo Ministério da Educação e Cultura com o título de Graduação de Nível Superior em Engenharia de Segurança.



vir, para não fugir ao antigo adágio herdado de Murphy<sup>12</sup>, que diz: “não há situação tão ruim que não possa ficar ainda pior”. E o pior era quando Tonha de Nôca e Veinha corriam na minha frente, depois que a porteira se abria ao som estridente daquela sineta a tintililar que nem chocalho de novilho desgarrado, qual semelhante só as batidas do meu coração, a ponto de sair pelos ouvidos, por saber da 3ª etapa: “Joaninha, João levou bolo de novo!” Ah! Como eu odiava aquelas meninas... Cheguei até a maquinar uma “vingança cruenta”, mas tal intento logo se dissipou, não por saber que Dª Joana seria implacável, mas por lembrar de que painho ficaria triste se soubesse disso. Que isto não se registre para escândalo dos adeptos da não violência, até porque, como disse MORIN (2011), eu “me coloco na linhagem de Beccaria: não tenho uma ética do castigo”. Permitam-me citar Mandela e dizer: “Perdoemos, mas não esqueçamos”. Se servir de consolo, uma delas veio a ser mais tarde, já com dezesseis anos, a minha primeira namorada – Ah! Como eu gostava de Veinha! Era a “cabrita” mais bonita da Cidade, cantava, dançava, tocava violão e era cobiçada por todos os gaviões de plantão, ao contrário de Tonha de Nôca. Não sei o que ela viu em mim. Talvez quisesse me recompensar ou mesmo se redimir das maldades que tinha aprontado comigo nos primeiros anos de escola. Mas até que aquele dia chegasse, minha salvação foi um anjo chamado Vivi, que tem muito haver com uma bicicleta chamada Magaly, mas tem que ficar pra mais adiante porque precisamos descobrir com quantos paus se faz uma canoa.

Naquelas horas de raiva, eu me lembrei do susto que uma falsa coral me deu lá na Tapera, quando procurava abrigo junto ao cepo onde eu estava sentado. Com apenas uma enxadada certaíra meu pai resolveu o problema e com tranquilidade disse, tentando me acalmar: “Você sabe por que todo mundo mata a cobra quando vê, filho?” E eu respondi chorando: “O veneno dela”. E ele continuou: “Mas tem muitas que não têm veneno,

---

12 Major Edward Alvar Murphy Jr. (11 de janeiro de 1918 – 17 de julho de 1990) foi um engenheiro aeroespacial panamenho que trabalhou em sistemas de segurança-crítica e é mais conhecido pela Lei de Murphy que diz que “qualquer coisa que pode correr mal, vai correr mal”, adaptação de uma expressão célebre proferida por ocasião do resultado de um teste de tolerância à gravidade por seres humanos a ser apresentado por ele, contudo, os sensores que deveriam registrá-lo falharam exatamente na hora, porque o técnico os havia instalado da forma errada, diante do que afirmou: “Se existe mais de uma maneira de uma tarefa ser executada e alguma dessas maneiras resultar num desastre, certamente será a maneira escolhida por alguém para executá-la”.

que nem essa aí, mas como ela parece com as outras, vai sempre levar enxadada na cabeça”. Mais tarde eu pude compreender que o desejo de vingança é que nem veneno de cobra dentro de nós e a amargura, o rancor e o ódio nos fazem agir como cobras, mesmo que não sejam venenosas. Se não exercitarmos o perdão, estaremos fadados a levar enxadada na cabeça.

No segundo caso, apesar de não mais haver a ameaça da palmatória, o mundo se tornara bem mais competitivo e agora, aos vinte e três anos, eu já era “macaco velho” ou, como dizia painho, gato escaldado. Muita água fria já tinha passado por baixo da ponte, mas era de dar dó ver o desespero dos acreanos Jardim, Ivo, Honorato, Nunes e Oliveira, bem como dos sergipanos Nilson e Nailson, diante da obscuridade do conteúdo ministrado misturada com o desestímulo carreado pela inaplicabilidade pragmática do ensino, aliados aos problemas familiares, à falta de base anterior para levantar as paredes do aprendizado, ao medo e à ameaça iminente de reprovação e desestruturação de suas vidas, pois a maioria deles eram casados e tinham filhos, diferentemente dos colegas de Brasília, tudo isto formando um furacão que levantava não só os cabelos da cabeça, mas colocava todos os neurônios em pé de guerra. Tão séria era a situação que um deles teve um colapso nervoso, chegando a desmaiar em uma formatura, por milagre não vindo a óbito, depois de ter sido socorrido e internado por várias semanas na neurologia do Hospital de Base, pelo que peço permissão para poupar o nobre leitor dos detalhes.

Em ambos os casos, onde estava a sensibilidade das professoras e dos demais educadores no comprometimento criativo com os alunos em busca de despertar o interesse e o amor pelo aprendizado? Há coisa mais maravilhosa do que a descoberta, o conhecimento do novo e o aperfeiçoamento do que já se sabe? Do que o aprender? Do que aprender a aprender? E mais: existiria algo difícil ou impossível de se aprender? Por que, então, nos deparamos com tanta frequência com pessoas recalçadas, frustradas, que tiveram seu processo de formação engembrado, quer aos oito anos, quer aos 23 e pelo resto de suas vidas? Por que causa? Por terem recebido uma educação que separa aprendizagem e vida, que ignora as emoções, sentimentos e afetos, que não resgata o prazer nas tarefas escolares, que reforça o medo e a intolerância, que não reconhece os processos

autoeco-organizadores, emergentes ocorrentes, isto é, despreza por completo a biopsicossociogênese do conhecimento humano, o que, segundo MORAES (2010), é uma educação esquizofrênica, sem sentido e significado para o aluno, que enfraquece sua auto-estima. Mas eu os perdoo, pois não tiveram a oportunidade de conhecer Maria Cândida para lhes ensinar a afagar a alma de seus alunos. Só não sei se Manezim lhes perdoaria. Acho que não, pois ele, apesar de também não tê-la conhecido, o fez de uma forma tão marcante! Ao ponto de se admirarem de eu lembrar, com tanta clareza de detalhes, ensinamentos da minha vida aprendidos aos seis, sete anos de idade.

## Onde fica o estopim do aprendizado e como acendê-lo?

Pois é, agora com sete anos, tive que trocar a imensidão do chão, da relva, do mato e do céu da Tapera, o cicio do vento no capinzal e o mugido do boi no curral por um bando de meninos gritando e uma mulher falando de coisas que, por mais que eu tentasse, não prendiam minha atenção. Era muito pior do que um bando de jandaia atacando o milharal e Manezim desesperado tentando afugentá-las. Aquela mulher parecia um soldado do 4º BEC<sup>13</sup>: é que eu tinha visto lá na praça do chafariz pertinho de casa um bando de soldados do Exército e, de repente, um deles dava uns gritos e todo mundo parecia robô, fazendo tudo ao mesmo tempo, tudo igual, eu nunca tinha visto aquilo. Ouvi alguém dizer que eram do 4º BEC de Barreiras<sup>14</sup> e estavam em treinamento. Nego de Morena me disse que eles

---

13 **Santa Rita de Cássia** (antiga Rio Preto e Ibipetuba): é um município brasileiro do estado da Bahia. Com uma população de 26.261 habitantes segundo o Censo 2010, o município é cortado no sentido oeste-leste pelo rio Preto, sub-afluente do rio São Francisco. Dista 181 km da cidade de Barreiras-BA. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Santa\\_Rita\\_de\\_C%C3%A1ssia\\_%28Bahia%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_Rita_de_C%C3%A1ssia_%28Bahia%29)>, acesso em 25/10/2013.

14 **Síntese Histórica do 4º BEC**: Criado no ano de 1955, na Cidade cearense de Crateús, o 4º Batalhão de Engenharia nasceu com vocação ferroviária e, logo, se responsabilizou pela construção das estradas de ferro que ligavam as cidades de Crateús a Solonópolis, no Ceará; e Oiticica a Castelos Altos, no Piauí. Em 30 de dezembro de 1957, recebeu sua denominação histórica atual, 4º Batalhão de Engenharia de Construção, mais condizente com a gama de missões a que foi chamado a cumprir. Em 03 de julho de 1972, foi transferido para o Município de Barreiras, na Bahia, contribuindo para o desenvolvimento da Região Oeste da Bahia, integrando-a às demais regiões do Brasil. Disponível em: <[http://www.4becnst.cb.mil.br/materias/41anos\\_4bec\\_2013.html](http://www.4becnst.cb.mil.br/materias/41anos_4bec_2013.html)>, acesso em 25/10/2013.

não tinham nada pra fazer, só ficavam marchando o dia todo e por isso dava tudo certinho: “Assim, até iaiá com o pé nas costa!”, disse ele. Até tentei imitar brincando com outros meninos. Depois daquela experiência, passei a gostar da hora cívica e aprendi de cor o Hino à Bandeira, o Nacional, o da Independência, o da Proclamação da República e a Canção do Marinheiro por causa do cisne branco que eu não sabia o que era, mas depois que mainha disse que parecia uma “galça”, eu passei a gostar do barquinho do marinheiro. Naquela hora, eu era o orgulho de mainha, que chamava Badia, Vermelha, Binhá, Maria de Nôca, Alcanja, Bebé, minha vó Don’Ana e todo mundo que ia lá em casa para mostrar “eu cantando”. Confesso que eu não gostava daquilo e, às vezes, me dava um branco de sumir tudo em volta e era o que eu fazia: saía correndo de vergonha pra debaixo da cama. Mas era o jeito que ela achou pra tentar espantar o “bicho do mato que tinha dentro de mim”, pois eu não me enturmava de jeito nenhum. Confesso que eu nunca sonhei em ser militar, mas vejam só hoje, tenho orgulho de pertencer às fileiras do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal e de ter galgado todos os postos do oficialato. Sinceramente, eu não saberia responder que grau de influência teve aquela primeira experiência com o militarismo ainda na minha tenra idade.

Nossa casa era de chão batido, pois os ladrilhos só vieram dois anos depois. Os oitões eram de adobe, tudo rebocado por dentro, com uma mesa de pau-ferro sempre forrada, três tamboretes e um banco de ripas de angico envernizado na sala, mais um “quartinheiro” (banco de pote) de imbuia, onde eram colocados os potes d’água com os canecos em uma bandeja, tudo muito simples; a cozinha, nos fundos, o fogão onde eu subia e ficava de cócoras esperando aprontar o café pra depois ir pra escola e mais dois quartos. Eu dormia no da frente, logo de junto da rua. Que saudade! Que tempos difíceis para mainha.

D<sup>a</sup> Joana era mulher fogosa e faladeira, tipo galinha choca, mas, caseira, não gostava de “bater pernas”. Sozinha construiu a leira, donde tirava o coentro, a couve, a cebola, o pimentão e o tomate pra vender. Erva cidreira, babosa, capim santo e folha de algodão, tudo ela tinha naquele quintal, sem esquecer o quarto da lenha: Todo mundo vinha e comprava: “– Joaninha, esse menino é muito quieto, leva ele em Dr. Rott! – Quando der ponto

ele fala. Quer mais alguma coisa?” Não era mulher de meias palavras, nem de muito falatório. Quando ficava com raiva, então... Eu a respeitava muito, mas era diferente de painho. Todos os dias, ela levantava antes do sol, aprontava o café, me preparava pra escola, que ficava praticamente na porta de casa, e rompia pra lenha mais Didi, Julieta, Binhá e Mariinha. Ali na cidade, ninguém tinha, naquela época, fogão a gás – pelo menos, não que eu tivesse conhecimento –, então todos dependiam da lenha que elas cortavam aos feixes para vender, ainda bem! O lado ruim é que a oferta era grande, talvez maior que a demanda, motivo pelo qual não se tinha freguesia certa: vendia-se um dia, outro dia não. O certo era garantir que a lenha seca nunca faltasse, principalmente no período chuvoso.

Eu não me lembro de algum dia ter passado fome ou ficado sem comer, mas me lembro de que peguei um dia minha mãe chorando. Ela, sem que eu nada lhe perguntasse, me disse: “João, pode faltar tudo, mas você não vai ficar sem livro, caderno e a roupa da escola”. Ela tinha sido chamada na escola e lhe disseram que sem o uniforme eu não poderia mais frequentar as aulas. Lembro-me, como se fosse hoje, da Dindinha Tuta tirando as medidas da camisa de tergal branco e do short também de tergal azul marinho. Naquele mesmo dia, mainha trouxe da loja de Fulô Dias o conguinha azul e branco com as meias novas. Eu não tinha ideia de quanto custara ou de como ia ser pago, mas sabia que aquela mulher não era de brincadeira. Por ver aquele esforço é que eu me sentia na obrigação de corresponder às expectativas dela, mas não sabia como, razão pela qual a terceira etapa da via-crúcis era a mais difícil: encará-la depois dos “bolos” me fazia sentir pior do que o cachorro de Nôca, que todo dia de manhã eu enxotava aos chutes da porta de casa, mas no outro dia voltava pra dormir no mesmo lugar. Ela nunca levantou a voz ou esbravejou, mas olhava as minhas mãos, me botava de castigo e chorava às escondidas por não entender por que eu não me adaptava à escola, não conseguia aprender e não gostava de estudar. Ninguém sabia como *startar* este processo em mim, mas ela não desistiu de mim em momento nenhum, sempre esperando com paciência uma reação.

## A sorte me sorriu, ou melhor, riu comigo

A sorte sorriu pra mim no dia mais difícil da minha vida escolar, quando todos os meus medos, fantasmas e receios se aliaram e me cercaram em volta: Depois de ter brigado com Danielzinho, por ter me batido com a palmatória, xinguei a professora e ela me botou de castigo do lado de fora da sala, como se fosse um caso perdido que ninguém queria perto, pois ninguém ficava de castigo do lado de fora. Todos estavam convictos de que eu não arredaria daquela posição, tal era a minha inércia diante das adversidades, um verdadeiro “peixe fora d’água”. Depois do que eu tinha feito, eu também passei a me considerar um caso perdido. Tão desolado fiquei que me encolhi de cócoras no corredor junto da porta da sala, de frente para os combogós da parede, através dos quais avistei a rua ao longe e “pernas pra que te quero!”<sup>15</sup>. Como eu ia explicar isto para D<sup>a</sup> Joanhinha?

Fui perambular na beira do rio até dar a hora de terminar a aula e ir para casa. Fui parar na ponta da rua de cima, depois de ter chorado muito no Porto da Cabana do Pinheiro. Ali eu vi uma barca saindo para Barra, uma cidade ribeirinha que ficava bem longe, e me deu vontade de ir junto; mas como eu ia viver sem painho? Deu a hora de ir para casa, mas a coragem estava arriada que nem jegue amuado debaixo das bruacas. Por volta de três horas da tarde, sol a pino, avistei mainha caminhando lentamente pela beira do rio, com um ar de fracasso extremo, parecendo estar mais perdida do que eu, num desalento profundo. Agachei atrás de uma moita, mas notei que ela estava chorando de soluçar, com um pano branco de algodão na mão e um torso estampado amarrado na cabeça. Não aguentei e corri para ela e a abracei sem nada lhe dizer, mas ela, quase sem forças para falar, balbuciou: “João, você é tudo que Deus me deu, não faça isto comigo de novo, aconteça o que acontecer”. Naquele momento minha

---

<sup>15</sup> Exclamação popular, gramaticalmente incorreta, que traduz a fuga rápida ante um perigo ou uma situação adversa. A expressão correta “Pernas, pra que vos quero!” não é comumente usada. Empregou-a, no entanto, alterando-a, o escritor português Miguel Torga, em *Contos da Montanha*, pág. 72. Faziam-lhe trinta judiares, crucificaram-no, davam-lhe sumiço, e ao fim, Ó pernas pra que vos quero! Disponível em: <<http://jornalcorreiodasemana.com/css/index.php/de-olho-na-lingua/620-pernas-pra-que-te-quer>>, acesso em 25/10/2013.

alma se uniu à daquela mulher num juramento eterno que nunca fiz com ninguém até hoje. Chegamos em casa, a rua em alvoroço, todo mundo na porta a fuxicar e a vizinhança curiosa sobre o que adviria: Nada mais. Somente a porta da rua se fechou, a costela foi esquentada com o rubacão, comemos, bebemos o ki-suco de morango, descansamos e rimos falando da escolinha de Vivi.

## Um anjo chamado VIVI

O sino da Igreja badalou compassadamente seis vezes anunciando a hora do ângelus. A sombra da noite caía devagar e sem detença. No alto-falante da Cabana do Pinheiro, a música de sempre naquela hora era “Como vai você”, de um cantor chamado Antônio Marcos. O jeito como ele cantava me dava saudade de painho, que só viria da Tapera no final do mês. Depois do saboroso caldo de galinha, fui com mainha na casa de Dedé, uma mulher muito doente, vizinha dos fundos lá de casa, que tinha extraído um dos seios lá na Barra por causa de uma doença que ninguém se atrevia a falar o nome porque atraía coisa ruim. Lá chegando, ouvimos o barulho do motor da usina entrando em funcionamento. Era sinal de que teríamos luz na rua naquela noite, mas mainha já estava prevenida com uma lanterna, pois o gerador a óleo, além de quase sempre dar problema, só funcionava de 7h00 as 22h00. Quando lá chegamos, encontrei Vivi, uma das filhas de Dedé. Ela dava aulas particulares para os meninos que tinham dificuldade para aprender e, com isso, ajudava com as despesas de casa. Mainha perguntou se ela podia me ensinar e ela ficou muito agradecida. Assim, eu estava de manhã no Severino Vieira e de tarde na casa de Vivi.

Ela descobriu que eu gostava da Tapera e me perguntava sobre todas as coisas que eu gostava de falar: dos animais, das frutas, dos pássaros, da rotina dos peões... E foi assim que eu aprendi a ler, a escrever e a contar, somar, multiplicar e tudo o mais. Na medida em que eu falava, ela me ensinava, me corrigia, me fazendo notar a diferença entre as coisas pelas cores, pelo peso, pela textura... No final das contas, eu estava mais participativo, mais curioso, respondendo mais e colaborando mais do que os outros meninos.

Rapidamente eu aprendi a ter gosto pela tabuada, mas nunca gostei de dar “bolo” em ninguém.

Nunca me esqueço da minha primeira aula de tabuada com Vivi: Ela me levou para debaixo do pé de goiaba no fundo do quintal, perto do jirau onde as louças eram lavadas e ali tinham diversas coisas: palitos de picolé, jatobás, palitos de fósforo, “galinha-gorda”<sup>16</sup>, buchas verdes e outras coisas. Ela disse que nós íamos aprender tabuada construindo um curral. Eu, Evanita e Neguinho (irmãos de Vivi), pegamos a vassoura, limpamos o lugar e fizemos o curral com os materiais disponíveis ali, o que não foi nada difícil porque nós brincávamos de fazendinha com aquelas coisas. Toda criança sabia fazer os bois, os bezerros, o cercado, o pasto, o tanque de dar água aos animais, indo até aonde a imaginação pudesse levar. As buchas eram os bois e as vacas. Bastava quebrar dois palitos de picolé no meio e enfiá-los na parte inferior, de modo a dar sustentação como se fossem os pés de uma mesa. Com um palito de fósforo quebrado ao meio fazíamos os chifres. O mesmo fazíamos com as “galinhas-gordas”, que se transformavam nos bezerros, cujas pernas eram os palitos de fósforo. Vivi nos disse que no nosso curral teríamos um marruá que precisava ser amansado, duas novilhas e quatro vacas de leite, cada uma com dois bezerrinhos. Imediatamente nós demos vida ao curral, enquanto ela foi dar atenção à sua mãe, que estava assentada num tamborete, apreciando tudo de longe. Ela apanhou um copo d’água, lhe entregou na mão, deu uma passeada lá pela casa e, quando voltou, já estava tudo pronto. Ela trouxe as tabuadas, os tamboretos e mandou a gente buscar lápis, borracha e caderno. A primeira pergunta foi: “Quantos animais tinham no curral? Podem escrever, sem falar pra ninguém.” Ali, sobre o tamborete, debaixo de um pé de goiaba, com muita alegria e vontade eu aprendi a somar, multiplicar, subtrair e dividir,

---

16 Galinha gorda era o nome popular dado pelas crianças à fruta de uma planta rasteira, muito comum em Santa Rita de Cássia, cujo nome era São Caetano (*Momordica Charantia* Linneo, da Família das cucurbitáceas). Oriunda da África de onde foi transplantada da costa de Guiné para a Bahia e outras províncias. Por haver sido plantada junto a uma capela de São Caetano, tomou dele a denominação. O fruto é uma forma de maxixe que, depois de maduro, toma cor amarela, abre-se em três porções e deixa ver umas poucas de pevides semelhantes às das romãs. É alimento de todos os pássaros, que a propagam por toda parte. Disponível em: <[http://www.mast.br/multimídias/botanica/frontend\\_html/artigos/index-id=129.html](http://www.mast.br/multimídias/botanica/frontend_html/artigos/index-id=129.html)>, acesso em 25/10/2013.



a tal ponto que a tabuada passou a ser minha amiga inseparável. Também aprendi a descrever os animais e as coisas que tinham ali no curral. Depois de mais ou menos um mês, nosso curral era uma fazenda enorme.

Vivi tinha conseguido penetrar num local escondido dentro da mente e do coração de um menino de oito anos, quando já se tinha por certo tratar-se de um caso perdido de falta de inteligência, déficit de atenção ou algo pior, mas que passou a se destacar no Severino Vieira e dali por diante por toda a sua vida, levando consigo o exemplo do joão-de-barro (não por força nem por violência, mas com jeito e paciência), exalando sempre um bom cheiro como o artium maduro que não podia se esconder no meio do mato, sensível ao seu bem-te-vi interior, chorando com os que choravam e alegrando-se com os que se alegravam, isto é, respeitando a alteridade dos seres, os ecossistemas e vivendo em compaixão.

Seria imperdoável não mencionar a educação libertadora de Paulo Freire neste encerramento, pelo que não posso me furtar ou furtar o leitor dos dizeres seguintes:

*“Somente os seres que podem refletir sobre sua própria limitação são capazes de libertar-se desde, porém, que sua reflexão não se perca numa vaguidade descomprometida, mas se dê no exercício da ação transformadora da realidade condicionante. Desta forma, consciência de ação sobre a realidade são inseparáveis constituintes do ato pelo qual homens e mulheres se fazem seres de relação”* (FREIRE, 1981, p. 53).

A professora Vivi tomou conhecimento da realidade que nos cercava, deixou a comodidade de lado, comprometeu-se com a causa de educar e revolucionou na busca do livre-arbítrio, onde a educação acrescentou aos seus diversos atributos um paradigma essencial que era a liberdade como modo democrático, ciente de que o conhecimento e a alfabetização crítica tornam o homem e, conseqüentemente, a sociedade em que se insere mais esclarecidos dos acontecimentos éticos, econômicos, políticos e sociais. Seu comprometimento excedeu em muito os limites da compreensão, adentrou as portas da compaixão pelo próximo e se identificou com os fundamentos do verdadeiro amor, segundo explica Paulo Freire, quando diz que *“não é possível a pronúncia do mundo que é um ato de criação e recriação, se não*

*há amor que a infunda, o ato de amar está em comprometer-se com a causa”, pois este é o fundamento da educação capaz de aniquilar a desigualdade do mundo, o egocentrismo do homem soberbo, o medo de se aproximar, de se abrir para o próximo, de perguntar, banindo a solidão, a opressão e a manipulação.*

*“Manipulação e conquista, expressões da invasão cultural e, ao mesmo tempo, instrumentos para mantê-la, não são caminhos de libertação. São caminhos de domesticação” (FREIRE, 1973, p. 46).*

O verdadeiro humanismo não pode aceitar a manipulação e a conquista, diz Freire, trazendo a dialogicidade como solução perene para a transformação e humanização da realidade:

*“O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo (...) o transformam e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos” (FREIRE, 1983, p. 43).*

E por fim:

*“É possível fazer uma educação popular na rede pública? Ou, pelo contrário, já agora afirmando: a educação popular se pode realizar apenas no espaço da informalidade na prática político-pedagógica fora da escola, no interior dos movimentos populares (...) não há prática educativa, como resto de nenhuma prática, que escape a limites. Limites ideológicos, epistemológicos, políticos, econômicos, culturais” (FREIRE, 1981, p. 47).*

## Com quantos paus se faz uma canoa

Agora, neste momento, depois de tudo isto dito, eu pediria que você desse uma olhada, não de soslaio, mas olhe para a capa deste livro e me responda: Com quantos paus se faz uma canoa? Você vai descobrir que a vida é um explodir e reconstruir, é um desmanchar e ajuntar para fazer de novo, favorecidos pelo conhecimento e pela experiência com foco na

perenidade da alma, tendo o pensar complexo como maior facilitador e grande catalisador da felicidade do ser.

Não é também assim o aprender, o educar, o ensinar e o formar o ser? A ética é a pedra angular nessa construção que nos leva a ser livres sempre, para alcançar além das imposições, dos desmandes, da indiferença, do autoritarismo, do legalismo, da intransigência, da ignorância e do vazio. Eu descobri que a ética na educação nos livra da deformação, do engembramento, e que somente o pensar complexo nos leva a agir com ética, em todos os sentidos desta palavra.

Meu tributo de gratidão a Manoel de Jesus, Joana de Jesus e a todos que contribuíram com amor, dedicação, compreensão ou somente tolerância para que eu pudesse ter o grande privilégio de viver e entender tudo o que acabei de escrever.

## Referências bibliográficas

Amanajas Pena, Roberto Carlos; Amanajas Pena, Maria do Livramento y Amanajas Pena, Heriberto Wagner: “Filosofia da libertação de Paulo Freire”, en Contribuciones a las Ciencias Sociales, Agosto 2012, [www.eumed.net/rev/cccss/21/](http://www.eumed.net/rev/cccss/21/)

BOFF, Leonardo. **O resgate necessário da sensibilidade ecológico-social**. Disponível em: <<http://leonardoboff.wordpress.com/2013/09/03/o-resgate-necessario-da-sensibilidade-ecologico-social/>>, acesso em 25/10/2013.

FREIRE, Paulo. **Extensión o comunicación?** Argentina: Siglo XXI, 1973.

\_\_\_\_\_. **Ação cultural para liberdade**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

\_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação?** 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GOLDBERG, Natalie. **Escrevendo com a alma**. Tradução de Camila Lopes Campolino. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2008.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, sonhos e reflexões**. Tradução de Dora Ferreira da Silva. São Paulo: Nova Fronteira, 1986.

LIMA, Lauro de Oliveira. **Piaget para principiantes**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1980.

MORAES, Maria Cândida. **Complexidade e educação**: em busca de um novo olhar teórico e metodológico. Brasil: UCB/DF, Agosto 2010.

MORIN, Edgar. **O método 6: ética** / Edgar Morin; tradução Juremir Machado da Silva. 4.ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

PATRÍCIO, Manoel. **Lições de Axiologia Educacional**. Lisboa: Universidade Aberta, 1993.

Quintana Cabanas, José Maria. **Pedagogía Moral**: el desarrollo moral integral. Madrid: Dykinson, 1995.

*“Eu descobri que a ética na educação nos livra da deformação, do engembramento, e que somente o pensar complexo nos leva a agir com ética, em todos os sentidos desta palavra.”*

– João Antônio de Jesus



## Capítulo X

### MEMÓRIA EDUCATIVA: Religando História de Vida e Ética

*“Cada um lê com os olhos que tem.  
E interpreta a partir de onde os pés pisam.  
Todo ponto de vista é à vista de um ponto.”*

— Leonardo Boff

Marli Alves Flores Melo

#### Identidade

Nasci no Estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre, no bairro de Ipanema. Sou a segunda filha, de cinco filhos, entre um irmão e três irmãs, sendo uma falecida em 2005.

Do lado paterno, o sobrenome da Família Flores vem originalmente da cidade de Granada, na Região da Andaluzia, na Espanha. O lado materno vem da Região da Campanha Gaúcha, próxima ao Uruguai, da cidade de São Gabriel, que historicamente, surgiu das primeiras estâncias jesuíticas, dos sete povos das missões, que pertenceu à Espanha e, pelo tratado de Madrid, passou para o domínio de Portugal.

No contexto de diversidade das nacionalidades, filha única e órfã de mãe na infância, razão que levou minha mãe a ter dificuldades para se alfabetizar e aprender a ler e a escrever uma língua nativa. Seguido pelas

necessidades financeiras enfrentadas por seu pai, ainda na adolescência, substituiu o tempo de estudos e escola por trabalhos em fábricas têxteis e as demandas domésticas, até casar-se.

Do meu pai, falecido aos 39 anos de idade, ficou a imagem de um homem elegante e bonito, referência de um trabalhador persistente que cresceu enfrentando muitas privações. Seu pai, meu avô, sustentou uma família numerosa no ofício de timoneiro de barcos e pescador navegando entre as águas do Rio Guaíba, às margens de Porto Alegre, passando pela Lagoa dos Patos e entrando no Oceano Atlântico para chegar ao Porto da cidade de Rio Grande.

À minha avó paterna foi delegada a função de dona de casa, a qual exerceu como uma matriarca e cuja marca era sua voz postada de forma ativa para ser escutada e poder ensinar as raízes de fortes valores na sua visão de futuro do mundo. Em consequência, gerou um símbolo imaginário que influenciou a formação familiar das futuras gerações no seguimento do exemplo, na expressão de carinho, confiança, coragem, generosidade, honestidade, organização e, em especial, a sua arte na culinária, representada por suas compotas, geléias e doces de frutas, pães, bolos, variados biscoitos e outros quitutes.

Ter nascido dessa união familiar teve um significado muito especial, pelos exemplos positivos que presenciei, como os valores éticos passados pela cultura, compromisso com o outro, responsabilidade nas escolhas e ações, como uma preparação às consequências que advêm dos nossos atos, que moldam nosso comportamento e contribuem para a construção da essência de vida. Nesse ponto, reforço o que teoricamente expressa Edgar Morin (2005) na afirmação de que a ética possibilita o encontro do ser humano consigo mesmo, com sua comunidade, com a espécie.

Hoje, sob a luz desses valores aprendidos, percebo que continuam ancorados num conjunto de princípios de inspirações em nossa própria humanidade. Nessa lógica, o tempo passou, a linha do tempo avança e muitos desses ensinamentos continuam sendo disseminados por mim, com essência num casamento firmado há três décadas pelos laços sagrados do matrimônio e pela dádiva de ser mãe de duas filhas, meus maiores presentes da vida e expressão de amor incondicional.

E mais, isso tudo me possibilita pensar, refletir sobre o que pude viver, fazer, ensinar e me remete ao pensamento de Leonardo Boff (2003) que, na linha literária da sua formação religiosa, enfatiza nossa obrigação de estabelecer o cuidado e a solidariedade em um patamar mínimo, para alcançar um padrão de comportamento que seja humanitário pautado no princípio do amor universal, da compaixão, da paixão, alegrando-se e sofrendo pelo outro para não deixá-lo ser solitário em seu sofrimento, construindo algo de positivo para todos.

Retomando o tempo passado no presente, sinto que a minha identidade pessoal está moldada e me possibilita, sem sofrimentos, recordar com carinho que morei no lindo e arborizado bairro do Ipanema (um balneário às margens do Rio Guaíba, em Porto Alegre), que na frente da minha casa tinha um jardim com diversas folhagens, dalias, margaridas, e rosas nas cores vermelha e rosa, plantadas com muita sabedoria da terra pelo meu avô, as quais, minha mãe se encarregava de aguar sempre dialogando curiosamente com as flores.

Ainda, é prazeroso recordar muitos fatos felizes vivenciados, como as fogueiras e as festas coletivas de São João, as brincadeiras de rua, andar de bicicleta com liberdade, e que eu apreciava subir em árvores. Adorava ir para a escola a pé, brigava e, ao mesmo tempo, tinha por hábito andar de mãos dadas com as amigas vizinhas e da escola, além de ser a líder das três irmãs, principalmente, na divisão das tarefas domésticas divididas rigorosamente pela mamãe.

Por outro lado, minha infância foi marcada por limitações e por inúmeras transferências que me afastaram da dinâmica de uma formação ímpar, considerando que transitei por diversas cidades dos Estados da Federação. Em função disso, aprendi a ser comunicativa, a lidar e a conviver sempre me adaptando a novas pessoas, costumes, comidas, tradições, idades e credos nas diferentes regiões brasileiras por onde andei.

Em realidade, as dificuldades em todos os rumos da vida foram sentidas e enfrentadas, porém com o olhar firme a frente. Por isso, tive a firmeza em trilhar por caminhos de superação, desenvolver o gosto de sonhar, de querer vencer, de nutrir grandes expectativas para nortear o futuro, de acreditar na força dos estudos e conhecimentos para ter uma boa formação



e poder aspirar a uma profissão que me desse *status* e um sólido retorno financeiro.

## Ciclos escolares iniciais

Foi indescritível ser matriculada e entrar pela primeira vez, aos seis anos de idade, numa sala de aula do grupo escolar do bairro, a Escola Reunida Vila dos Sargentos, pois iria aprender a ler e a escrever como o meu irmão, primos e primas mais velhos.

A partir daí, fiquei apaixonada pelos bancos escolares, tomei gosto pelos cadernos e livros, e as minhas brincadeiras seguiram outros rumos. Passei, então, a imitar a minha primeira professora de nome Filomena, simulando que dava aulas para as bonecas e para alunos imaginários. Fiz o curso primário em duas escolas. Posteriormente, fui submetida às provas de admissão ao ginásio, sendo aprovada. O ginásio foi iniciado em um colégio da rede estadual em Porto Alegre, intercalado, pela força da profissão familiar militar no cumprimento da missão da construção da estrada transamazônica idealizada para desenvolver a Amazônia, fui morar na cidade de Boa Vista, no então Território de Roraima, na Região Norte do Brasil, onde pude concluir este ciclo de estudo.

Era a década de 1970, em que pese toda uma tendência em torno de governos militares que marcou aquele período de ditadura, repressão, torturas e guerrilhas. Contrapondo a essa realidade, escutava-se nas rádios o sucesso musical tendo como refrão “este é um país que vai para frente” em uma referência mascarada de comemoração da conquista da Copa do Mundo de Futebol no México.

Nesta mesma época, no campo da educação, eram obrigatórias as horas cívicas, faziam-se formações com os estudantes de todas as idades para cantar exaustivamente o nosso Hino Nacional e o Hino à Bandeira. Lembro-me de que o cotidiano escolar era conservador, os professores eram muito tradicionais e limitavam-se a explicar oralmente as matérias sem uso de recursos visuais ou laboratórios. Assim como, a didática de ensino-aprendizagem desenvolvida nas salas de aula era centrada em conceitos

e fórmulas matemáticas que deveriam ser memorizados. Dessa forma, os conteúdos e exercícios se limitavam aos livros textos adotados e que praticamente não retratavam a realidade local, os alunos ficavam em pleno silêncio e decoravam as perguntas e as respostas de questionários copiados do quadro-negro como referências para fazer as provas escritas, em que se repetiam termos e até as vírgulas, mesmo sem entender a abrangência de significados dos conteúdos ministrados.

Como regra, os estudantes tinham de sentar-se em filas alinhadas e as meninas eram separadas dos meninos. Existia a figura do inspetor de ensino que exercia o controle disciplinar intenso e constante, tanto dentro, como fora das salas de aula. Além disso, estes realizavam diariamente na entrada dos turnos das aulas, medições com réguas para verificarem os comprimentos das saias dos uniformes das alunas, pois não era permitido usá-las acima dos joelhos.

Ademais, os diretores tinham plena autonomia para afixar nos murais da escola portarias contendo listas de nomes dos alunos suspensos por motivo de indisciplina, por fumarem escondidos nos banheiros e outras ocorrências consideradas graves.

Em contrário a isso, fui uma aluna aplicada, disciplinada, autodidata e com facilidades para entender e aprender com rapidez os assuntos tratados nas aulas, em especial, a matemática. Mesmo assim, era muito frustrante estudar as matérias dadas, pois a maioria dos meus professores tinha postura autoritária, o que justificava em parte, a dificuldade em se alcançar notas mensais satisfatórias em todas as disciplinas. Muitas vezes por isso, éramos rotulados de alunos inteligentes ou de “burrinhos” com base nos escores altos ou baixos alcançados individualmente nas provas.

Por outro lado, a infraestrutura das escolas dificultava um melhor desenvolvimento das práticas pedagógicas, como por exemplo, a aplicação da novidade em Educação Física (o teste de *Cooper*). Os espaços não eram adequados e os detalhes da arquitetura das salas de aula e ou das quadras de esporte inibiam muito o desenvolvimento de atividades e ou de dinâmicas diferenciadas.

Saliento que gostar de estudar representava, em primeiro lugar, a chance de ficar isento dos comentários e críticas do tipo: “o que os vizinhos,

o seu tio, a sua madrinha... irão dizer”. Esperava-se o resultado final do ano com muita ansiedade para saber como foram as notas de todos os colegas de sala. Era motivo de orgulho para as famílias a classificação dada aos três primeiros alunos colocados na série vigente cuja base era numa média final calculada nas notas obtidas durante o ano letivo. Depois disso, recomeçava-se toda uma expectativa para o novo ciclo na série seguinte.

Ao iniciar o 2º Grau (atual ensino médio), retornei à minha cidade natal e fui matriculada em uma escola pública. Nesse período, ingressava-se em escolas do governo que proporcionavam uma boa educação em mesmo nível e grau de competitividade com as escolas particulares. Era tempo de mudanças educacionais, e a escolha estava centrada na ideia de um ensino voltado para a vida profissional vinculada à pedagogia do trabalho, com a implementação de cursos profissionalizantes nas escolas públicas regulares.

Entre os cursos técnicos oferecidos e diante das vagas remanescentes, minha escolha recaiu no curso de estatística por estar vinculado a projetos futuros, ou seja, cursar Matemática. Vivenciei, naquela época, diferentes relações e trocas de experiências pela diversidade dos colegas, procurando entender as atividades pedagógicas que direcionavam a formação dos estudantes secundários para o exercício profissional técnico e não necessariamente para os bancos dos cursos universitários.

Ao concluir, o curso à época de 2º grau, meu objetivo era prosseguir estudando em uma Universidade Federal. Porém, ocorreu mais uma transferência para Brasília, e, na Capital Federal, encontrei amplas oportunidades de trabalho por meio de concursos públicos, o que me levou a decidir pelo primeiro emprego.

Com as mudanças no rumo da vida estudantil, prestei posteriormente provas de vestibular em uma faculdade particular. Aprovada, tive de conciliar o trabalho com estudo ao ingressar no curso de licenciatura curta em Ciências, com habilitação plena em Matemática. Essa escolha não era bem recebida pelos meus familiares e no ciclo das amizades, por entenderem que eu estaria investindo numa carreira que não traria uma efetiva ascensão social ou benefícios econômicos na função de mera “professorinha” nas áreas de Ciências e Matemática em escolas pública ou particular, em comparação aos bons cargos e salários oferecidos no funcionalismo público ou nas

redes de bancos, que à época operavam em alta financeira e com margem superior de lucros.

No entanto, ao concluir o curso de Licenciatura Plena em Ciências-Matemática, obtive de imediato uma resposta positiva na busca da realização profissional com a inserção na carreira de educadora. Nessa condição, comecei a atuar no ensino fundamental num colégio da rede de ensino católica, onde pude por três anos viajar em livros e aprender, trocar ideias nas aulas dadas e pelas práticas pedagógicas desenvolvidas nos laboratórios, junto aos alunos.

Minha saída dessa instituição de ensino particular ocorreu por ter prestado concurso público e ter sido aprovada no 29º lugar para professor de matemática na rede pública de ensino no Distrito Federal, onde procurei formas e níveis de ensino diversificados para atuar em regência de classe.

Nesse percurso, atuei no ensino especial, uma das áreas em que tive muito prazer, pelo desafio de exercer o papel de professora mediadora de matemática em uma sala de recurso do programa de atendimento a alunos com altas habilidades, na modalidade de atendimento educacional própria e constituída para receber alunos superdotados e oferecer-lhes condições emocionais favoráveis e de desenvolvimento pleno.

Destaco essa experiência como um marco profissional, pois ingressei nesse programa numa fase de mudanças pedagógicas. Tive acesso a uma literatura atualizada e, ao mesmo tempo, vivenciado de maneira significativa um lado acadêmico desconhecido e permeado de novidades, em que obtive crescimento profissional, pessoal e que resultou na decisão de cursar o Mestrado em Educação

Minha preparação para cursar um Mestrado em Educação ocorreu num período de aproximadamente dois anos, participando de seminários, frequentando disciplinas como aluna especial. Esse processo foi longo, porém necessário para eu poder adquirir a maturidade e a confiança em conhecer literaturas voltadas para educação e poder finalizar o mestrado mais fortalecida com o perfil de renovação, numa ótica mais crítica da importância do papel do educador para a sociedade.

Dando continuidade a essa vertente, investi mais no conhecimento e na produção acadêmica em outras linhas de pesquisa, objetivando ser

selecionada, e prosseguir os estudos no Curso de Doutorado em Educação. Consegui ser aprovada, acreditando no que teoriza Mitjáns (1997), ao argumentar que a partir da participação em diferentes contextos sociais existem elementos teóricos e subjetivos presentes na expressão criativa do sujeito que se constituem no decorrer da história de vida.

## Considerações finais

Durante todo o processo de elaboração da minha história de vida, caminhei pela margem da desconstrução de ideias, das teorias, das crenças e dos valores sedimentados. É como se estivesse realizando um exercício exaustivo de memória que tocou fortemente no aspecto emocional, para reconstruir as concepções arraigadas à mente numa relação próxima entre o passado, presente e futuro. Tanto que, ao procurar uma estrutura estética para narrar, contar, escrever e descrever minha trajetória de vida e tentar achar a melhor cor ou forma para contextualizar, encontrei outro significado que mudou a leitura de um desenho que estava oculto entre as lembranças da relação familiar e as experiências educativas, acadêmicas e profissionais.

Certamente, ao recordar fragmentos da minha história pessoal, a interpretação dos conceitos adquiridos ao longo da vida, mudaram devido ao meu amadurecimento intelectual. Comparo esse estágio a uma compra de mercadorias ou de um ingresso que não pode mais ser devolvido. Fica claro que reviver em outro tempo o que se viveu, reproduzindo cenários e espaço, nunca será igual visualmente, pelas diferenças em pequenos detalhes.

Consoante a essas tendências, agrego que existem objetos eleitos como protagonistas da nossa vida cotidiana e indicadores dos modos como nos relacionamos nas posições sociais, e sinalizam uma lógica para se compreender os laços afetivos atribuídos aos valores humanos.

Analisando um pouco mais, consta que muitas vezes a nossa memória é falha e esses objetos nos ajudam a recordar e a materializar as lembranças, as sensações, os traumas, as imagens e outras situações que representam a nossa biografia. Urge a análise dos símbolos, que de acordo com Jung (2008) são

fenômenos que enunciam o significado de algo, representam possibilidades de ação mediadora e, no processo natural de interpretação, indicam a união dos elementos antagônicos da psique embasados em determinados arqueótipos que surgem no inconsciente por meio de sonhos e fantasias.

Nessa perspectiva, revelo o brinquedo de minha preferência, uma bonequinha montada com uma cabeça de louça e corpo de pano, que representou uma personagem criança, a energia em substituição ao carinho ou até um exercício para futura maternidade, ao ganhar nome, ser embalada e ser usada como instrumento imaginário no faz de conta.

Os anos passaram e o interesse por essa boneca foi se distanciando até o esquecimento total do ato de brincar, mas redesenhou uma história embasada na fase infantil. Corroborando, agrego as palavras de Moraes (2003) que argumenta que a existência das relações indeterminadas e uma causalidade não é linear, mas forma um círculo entre o sujeito observador e o objeto observado, para mapear a emergência e a complexidade existentes em todo o sistema observante constituído pela relação indissociável que ocorre entre os atores envolvidos.

Em particular, reconheço ser oportuna a opinião de Juan Miguel Batalloso Navas (2013) sobre o autoconhecimento, em que destaca a nossa capacidade de observação, explicação e introspecção na identificação de características pessoais para obtermos informações de nossas próprias vidas. Acerca disso, o autor enfatiza que autoconhecer implica na nossa capacidade de integrar e respeitar como fomos no passado relacionado ao presente e ao futuro, na consciência de que a vida somente pode ser vivida no momento atual, tomando decisões e antecipando as suas consequências.

Esse autor também enfatiza a importância das aprendizagens da vida para podermos contemplar, aceitar e sentir todos os sentimentos como as alegrias e os sofrimentos. Para exemplificar, relato o ato de contemplação gravado na minha mente durante a primeira visita ao Estado de Israel, ao caminhar e observar “*in loco*” o Deserto da Judéia, na certeza da infinitude do mundo sem a presença humana circulando entre as dunas de areia, da impotência do homem em aceitar não ser possível medir a extensão da terra. No sentir, destaco a melhor sensação experimentada ao tocar e entrar na

água de solo argiloso, extremamente gelada e salinizada, do Mar Morto, para entender que a leveza do corpo pode ser empoderado pela flutuação condicionada à natureza local.

Isso ratifica o sentimento e a sensação da necessidade de voltar ao passado para redimensionar o mundo globalizado em que vivemos e reinventar-se enquanto ser pensante, de maneira a demarcar posições e posturas tomadas, enquanto cidadão do mundo.

Finalizo, reconhecendo que a escrita incide na formação pessoal e produz a possibilidade de se ver, no espelho da vida ou de palavras, outras configurações que dão contornos a novos traços existenciais, sobretudo, no contexto social da nossa trajetória de vida.

## Referências bibliográficas

BERTAUX, Daniel. **Los relatos de vida: perspectiva etnosociológica**. Barcelona: Ediciones Bellaterra, 2005.

BOFF, Leonardo. **Imperativos mínimos de uma ética mundial**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BOSI, Eclea. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editora, 2003.

BRASIL. Prefeitura de São Gabriel – RS. **Conheça São Gabriel – História** <http://www.saogabriel.rs.gov.br/2013/conheca/historia.html>. Acessado: outubro 2012.

BUENO, Belmira O. **Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente** (Brasil, 1985-2003). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a13v32n2.pdf>. Acessado em: março. 2011.

JUNG, Carl. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MITJÁNS, M. Albertina. **Criatividade, personalidade e educação**. Campinas: Papirus, 1997.

MORIN, Edgar. **O método 6: Ética**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. Campinas: Papirus, 2003.

BATALLOSO NAVAS, Juan Miguel et al. **Autoconhecimento**. In. **Que Vida desejo viver? Ética e dignidade humana. Direitos humanos e geração da Paz**. Universidade Aberta do Nordeste: Fundação Demócrito Rocha. Disponível em: <http://fdr.com.br/direitoshumanosegeracaodapaz/wp-content/uploads/2013/02/direitos-humanos-e-geração-da-paz -fascículo 1-p. 5-10>. Acessado em Outubro 2013.

*“Uma vida sem desafios não vale a pena ser vivida.”*

– Sócrates





## Capítulo XI

### ARTE MORAL PELA VIDA

*“Todo olhar sobre a ética deve perceber que o ato moral é um ato individual de religação; religação com o outro, religação com uma comunidade, religação com uma sociedade e, no limite, religação com a espécie humana.”*

– Edgar Morin

Paulo Corrêa Mendes

#### Prólogo – A arte e o feminino constitutivos da vida

Constato, de imediato, as dificuldades de se escrever um relato autobiográfico. Fecho os olhos por um instante e deixo a música fluir, na voz que vem do coração de Maria Bethânia, inspirar minha alma criativa, cantando lindas palavras de renomados poetas. Artistas, parceiros na escrita ao desafiador relato. Enquanto ainda penso sobre o que escrever, permito que a íntegra arte da cantora, expressa na sua vasta obra, as lindas poesias e a harmoniosa música penetrem por todos os meus sentidos, conectando-me com o sagrado da musa inspiradora. Com meus dedos acariciados e as teclas do computador um pouco mais amaciadas, busco na memória por princípios éticos reconhecidos nos valores familiares ensinados.

O que relatar? Recorro às minhas descobertas durante outras realizações artísticas em pinturas, em projetos de metadesign e nos processos de ensino-aprendizagem. Aprendi que, para desenvolvimento de tais atos, é necessário uma constante auto-observação, uma reflexão correlacionada com o nosso aprendizado na vida. Assim, procuro organizar os meus conhecimentos adquiridos na prática em outros processos criativos e nas ações educativas. Também, na consciente certeza dos limites superáveis do ser humano à medida que avança os conhecimentos de sua condição evolutiva, proporcionados pela mobilização da tríade relacional dos saberes epistemológicos, ontológicos e metodológicos, aqui tão bem exemplificados, diante do desafiador relato em vivências e ensinamentos de princípios éticos dos meus familiares e por mim apreendidos e praticados no meu modo de ser, na minha conduta moral.

Vale ressaltar, também, que a escrita do desafiador relato autobiográfico traz consigo antagônicas emoções, ao oportunizar nossa memória, ao reviver alegrias, tristezas, saudades, sonhos já realizados, sonhos adormecidos, entre outros sentimentos. Temos de nos encher de coragem para abrir pequenas gavetas, desvelando lembranças por vezes sofridas e escondidas bem no fundo da alma. Por outro lado, percebo que o relato oportuniza revivermos instantes felizes e significativos desfrutados com nossos entes queridos. São momentos de novas reflexões, de novas descobertas, de nos alimentarmos de paz e de eterna gratidão pelos instantes cotidianos oportunizados pelas forças da conspiração universal, no entrelaçar compartilhado dos caminhos com pessoas que fizeram ou fazem parte de nossa jornada. Professores da vida que ensinam consciente ou inconscientemente, utilizando intuitivas estratégias educativas, quase sempre, pelo bom exemplo.

Acredito que, para falar dos meus valores, é fundamental pontuar minha essência constitutiva. Então, acho prudente introduzir uma breve reflexão sobre minhas descobertas do fazer artes e sobre a importância do feminino na constituição do que eu sou.

Início este breve relato com uma reflexão sobre o objetivo ressonante das artes. São quem me inspiram, definem e ensinam, a saber, quem eu sou. Acredito que toda manifestação criativa requer, como primeiro passo, ganhar uma liberdade interior para fazer surgir novas possibilidades e

novas ideias. As artes, em geral, são minhas melhores fontes de inspiração. Fundamentais às minhas muitas realizações profissionais, já mencionadas. Então, recorro às artes para ajudar no rompimento das amarras à minha criatividade.

Em específico, a “arte de escrever” tem sua própria peculiaridade e busca, em princípio, como toda arte, certa ressonância entre o autor e o leitor. Numa tentativa de aproximação, uma inter-relação, uma comunicação de mão dupla acontece ou ocorre entre as mentes e os corações em ressonância vibracional. O fazer artístico compartilhado é, por si mesmo, a expressão, o veículo e a força motriz dos relacionamentos humanos. O fazer criativo e o sentir formam pares que vibram em harmonia, em mútuo relacionamento e mútua interação. Quando a arte está viva, ela vibra na mesma frequência dos corações. A ressonância que sentimos em nós é um sintoma de identidade com o que ressoa. Assim, fazer-se entender pela escrita é um privilégio, mais ainda o é conseguir sensibilizar e ajudar, por meio dela, no aprendizado humano. Espero ter êxito nesta complexa tarefa, compartilhando alguns instantes de aprendizagens em sábia (sobre)vivência com princípios éticos, das práticas morais apreendidas na minha vida, até agora, com os meus familiares.

Divago mais sobre a importância dos processos criativos, por entender que será uma constante durante o meu relato. São muitos os processos criativos até agora vivenciados, com vários níveis e envolvimento, permitindo, inclusive, a ligação do mundo da arte e do místico contemplativo a uma expressão maior. As incertezas que vivemos quanto ao futuro da civilização fazem da imaginação criadora um forte antídoto contra a destruição do homem. Quase nada pode deter o processo criativo quando estamos cheios de alegria ou impregnados de dor. São estes sentimentos que alimentarão o processo criativo, com uma certa dose de disciplina, autocontrole e sacrifício, onde planejamento e espontaneidade, razão e intuição passam a ser faces da mesma verdade. Acredito que o objetivo maior da criatividade é a expressão da liberdade humana, da arte, a intensificação e a elaboração da vida.

São muitos e complexos sentimentos interligados e necessários para o aprendizado humano, num fluxo contínuo, retroalimentado pelo sentir,

pensar e agir – pensamento de Maria Cândida Moraes, a partir da teoria biológica de Maturana e Varela, sobre a fenomenologia do conhecer humano. Registra a autora, no seu livro – Ecologia dos Saberes (2008, p. 79), que *“educar na biologia do amor e da solidariedade implica integração entre o sentir, o pensar e o agir, integração entre razão e emoção.”*; (...) *“cuidar do desenvolvimento do pensamento e das inteligências, respeitando as intuições e as emergências, ao mesmo tempo em que se educa para a escuta do sentimento e para a abertura do coração”*.

Acredito que toda arte seja uma manifestação concreta das nossas emoções, dos nossos desejos e sonhos na vida.

A seguir, a guisa de reflexão e tentativa de resumo das linhas aqui escritas, transcrevo um trecho do poema retirado do encarte do CD “Maricotinha”, da cantora Maria Bethânia – Palavras representativas, que sintetizam o reconhecimento da realidade na auto-organização dos sonhos, da atenção aos sentimentos, que abrem o coração, com subsídios fundamentais à própria vida.

*“Apesar das ruínas e da morte  
Onde sempre acabou cada ilusão  
A força dos meus sonhos é tão forte  
Que de tudo renasce a exaltação  
E nunca as minhas mãos estão vazias”.*

– D. Sophia de Mello Breyner

Sim. Nunca minhas mãos ficaram vazias de sonhos, alimentados por avô, pai, irmão, sobrinhos e cunhados, mas principalmente aqueles alimentados pelo amor de minha mãe e por todas as mulheres responsáveis pela minha formação, com muito cuidado moral e impregnados de variados princípios éticos. Assim, por gratidão e notória prudência, optei por contar meu aprendizado com as mulheres de minha família, responsáveis pela minha formação na vida e para a vida.

Sou um homem criado por muitas mulheres! Em encontros familiares, elas brincam que, na contramão da história antiga e até de algumas culturas atuais, na nossa família o papel do homem é apenas de “reprodutor”, cabendo a elas prover, cuidar e educar todos os membros da família. Em outras

palavras, vangloriam-se, em tom de troça – que quem “manda” são elas! Com inteligência e perspicácia, a minoria masculina do clã não contesta. Imbuídos de sábia prudência, estratégica sobrevivência e parcimônia, eles reconhecem, com muito humor e gratidão, a real afirmação da maioria feminina.

Assim, permito-me descrever em um breve ensaio a importância do papel do feminino na nossa educação. Busco subsídio na Psicologia Analítica, que faz um justo resgate da necessidade inclusiva do feminino na trindade masculina – pai, filho e espírito santo. Jung defendia a dialógica na relação de Eros e Phobos, esse último sem patologia, ou seja, sem o bem, o mal não existe. Na visão oriental do Tao, bem e mal, o feminino e o masculino, são polos com iguais condições dialógicas e representativas no que se refere à condição humana. Existe, no âmago de cada polo, o princípio do oposto, compensatório para uma unicidade do ser. Na história humana é evidente que o princípio feminino foi e ainda é relegado. Então, é urgente o reconhecimento de *Phobos* – medo do patriarcado masculino, aprender a ser um grande aliado da vida, com coragem de ação do coração, sem racionalismo e egoísmo, iniciando por reconhecer e creditar à Eros – ao feminino, ter mais recursos para o acolhimento. Pela sua condição fisiológica primária do útero que gera, prove, envolve, protege, compreende e acolhe com amor. Afinal, onde prevalece a essência do feminino, não existe espaço para o mal. Por várias vezes, Jung afirmou em sua obra que, onde predomina o poder, a competição predatória, o amor de Eros sucumbe.

Penso que as mulheres de minha família, inconscientes do contexto da Psicologia Analítica, desconhecem as representações constitutivas do feminino a partir da evolução das personagens de **Lilith**<sup>1</sup>, de

---

1 Segundo a tradição de Zohar – um grupo de livros que incluem interpretações bíblicas da Cabala, no misticismo judaico –, a primeira mulher de Adão teria sido Lilith. Ambos provinham da mãe terra, geradora da vida, que cria ao mesmo tempo, pelo barro, o feminino e o masculino, com iguais condições em dignidade. Por natureza, o masculino é competitivo e dominador, o que impôs à Lilith mostrar a sua reação e personalidade. Pactuados, o patriarcado de Adão e Javé, uniram forças, banindo-a do Paraíso. Lilith representa a transgressão ao masculino, da desobediência, da supremacia de Adão. No inconsciente do masculino, o feminino de Lilith representa abertura a mudança, assustando o conservador e dominador masculino. Lilith expulsa do Paraíso casou-se com Lúcifer.

Eva<sup>2</sup>, da representação da **Virgem Maria**<sup>3</sup>, da mulher junguiana – **Helena**<sup>4</sup>, e do surgimento da nova mulher sábia, com consciência – **Sofia**<sup>5</sup>. Mas, intuitivamente, são elas sabedoras da importância constitutiva na formação do Self, ou seja, a consciência que o homem tem de si mesmo, de sua inteireza, tornando-o um ser com ego ético de amor. São mulheres sabedoras de que o poder alimenta o mal na sua angustiada tentativa de negar os aspectos das incertezas de nossa vida, de nossa condição de finitude e que, cabe a inclusão das ações éticas do coração que alimenta e faz prevalecer o bem. Ações éticas aliadas à vida, imunizadoras contra qualquer tipo de mal, minimizadoras do viver num mundo incerto e complexo, que busque movimentos relacionais importante para aprender a viver e a conviver com as diferenças das formas de pensar, de ser e de viver de cada indivíduo, com igual respeito ao ecossistema.

As sábias mulheres de minha família, intuitivamente, acredito eu, integram, de certo modo, os aspectos das outras mulheres que as antecederam: Lilith a lutadora, aberta às mudanças e conscientes do seu papel; Eva, a transgressora consciente de sua realidade; Maria, a virgem amorosa, acolhedora e provedora; e Sofia, a integradora dos três aspectos anteriores ao mesmo tempo em que transita, de forma harmoniosa e ética, entre o bom, o belo e o verdadeiro.

Imagino ter me alongado na escrita desta longa introdução e fundamentação inspiradora. Mas, por outro lado, acredito serem

---

2 Eva é então criada da costela de Adão, para ser sua segunda mulher. Criada para ser submissa ao masculino, mas, a natureza feminina, avida por conhecimento do presente, seduz Adão para sair do Paraíso e entrar na realidade, a lidar com a polaridade. Eva representa a transgressão à proibição do seu criador.

3 O homem aturdido, sem saber lidar com o lado feminino, beatifica-a, agora representado pela Virgem Maria, reprodutora e cuidadora dos filhos. Uma mulher presa e sem direito ao prazer. As que buscam sua essência de igualdade são queimadas como bruxas, ou torturadas pela brutalidade masculina.

4 Surge então a mulher do ponto de vista junguiano, denominada de Helena, que sai da santidade ética e vai a luta para a dimensão da realidade. Uma mulher sedutora, que faz planos em conjunto com o homem e que trabalha por uma intensa relação. Helena é a mulher forte, contemporânea, das ciências e ainda cuida dos filhos e do companheiro.

5 Tudo isso é para o masculino assustador e foge do seu controle, obrigando novamente o feminino a se auto-organizar, fazendo surgir a personagem da mulher Sofia, do feminino sábio e ao mesmo tempo integrador dos aspectos das antecessoras personagens.

imprescindíveis na ressonância dos três momentos de minhas vivências. Aprendizados constitutivos de minha identidade, até agora, apreendidos na convivência com os braços fortes e amorosos corações das mulheres de minha família: avós, mãe, cinco irmãs e seis sobrinhas. Sem nenhum pudor, aliás, com muito orgulho e um certo grau de modéstia, confesso que sou um homem com alguns princípios éticos de “*Pathos*” – da persuasão das pessoas pelas paixões, das emoções, dos sentimentos, dos afetos e do coração; capaz de recriar com esses princípios, valores e práticas de moral, reconhecidas características qualitativas da alma feminina e, por mim, apreendidas na convivência amorosa e fraterna com as mulheres constitutivas de minha vida.

## A Pedagogia do “Barro”

Respiro com suavidade por todos os meus poros e preencho todo o meu corpo de saudades, ao voltar à minha Minas Gerais, à pequena cidade em que eu nasci – Lagoa Grande. Um lugarejo simples, constituído por duas fileiras de casinhas brancas, como uma procissão que segue em direção ao sagrado – a igreja católica, imponente para o tamanho do local. Naturalmente, em homenagem à beleza e à subsistência que a extensa lagoa oferecia, o vilarejo foi batizado com a alcunha de Lagoa Grande. Olarias ali funcionavam desde o surgimento da primeira casa, produzindo, na sua maioria, tijolos e telhas, além de umas poucas cerâmicas domésticas utilitárias. Era uma pequena produção local que, após queima, explodia em infinitas cores rosadas, algumas quase brancas.

A única rua formada pelo aglomerado de pequenas casas situava-se paralela a um dos lados da grande lagoa de águas cristalinas, sobre rico terreno de pura argila branca. Dentro das muitas canoas que flutuavam sobre nuvens refletidas nas águas da lagoa, avistavam-se pequenos peixes que pareciam dançar entre os longos fios de capins que nasciam do seu fundo e chegavam na outra dimensão em contato direto com o sol, o ar e o calor. O vai e vem das canoas, a força do vento e as diversas aves que ali habitavam, trançavam as pontas dos capins, formando ilhotas macias,



onde garças, quero-queros e outras espécies de pássaros faziam seus ninhos e conviviam em sonora e alegre harmonia.

Em volta da grande lagoa, salpicava-se aqui e ali, pequenas casas e, em frente a cada uma delas, grandes fornos arredondados eram utilizados para queima da produção artesanal, tendo ao lado um moinho de argila. Engenhoca que era tracionada por um boi ou um jumento, já condicionado a andar em círculo, sem nenhum condutor. Sempre que me lembro da minha bucólica pequena cidade, fico a imaginar que as casas da região, na época, eram feitas pelo mesmo construtor, com sua única capacidade decorativa, que pintava as paredes de branco e de azul-escuro as rústicas portas, janelas e todos os portais. A ousadia no uso das cores ficava para o designer criador da exuberante natureza circundante.

Era um lugarejo tranquilo, de desenvolvimento lento, quase imperceptível. Durante o dia, as portas e janelas escancaradas convidavam qualquer membro da comunidade a adentrar sem anúncio prévio. Durante a noite, as portas e janelas eram somente encostadas, na tentativa de inibir a entrada de animais domésticos e silvestres, abundantes na região. Em uma das casas da única rua, com frente voltada para a lagoa, morei até os meus seis anos com meus pais e meus irmãos mais velhos – cinco irmãs e um irmão. Um ano depois meus irmãos com mais idade, partiram para ajudar na consolidação da nova capital – Brasília, ficando com meus pais os três filhos mais novos.

Ainda me lembro entre as muitas brincadeiras de criança, em que eu, no meio da rua, rodopiava sob os pés, vendo no horizonte verdes morros que pareciam abraçar todo o lugarejo e a lagoa. Da porta de minha casa, avistava-se do outro lado da lagoa um pequeno ponto branco – a casa de minha avó-paterna, com iguais características das casas do vilarejo. Com saudade, relembro de minha infância, até os meus sete para oito anos de idade, e do convívio com minha avó-paterna – Maria Abadia, respeitosamente apelidada por todos os membros da comunidade por “Maroca” e carinhosamente chamada pelos netos de “Vó Maroca”.

Uma mulher transgressora dos costumes da época. Viúva por três vezes, tendo, com cada marido, um filho. Na época, o que se comentava era que poucos anos após o nascimento de cada filho, o marido morria, motivado

por uma tragédia de trabalho ou por uma doença fulminante. Vó Maroca parecia entender os desígnios dos céus, sempre rindo de sua trágica situação, ao comentar que dificilmente apareceria um corajoso quarto pretendente. Era uma mulher alta e magra, de pele bronzeada pela lida sob o sol, com longos e lisos cabelos grisalhos, sempre presos como num “rabo-de-cavalo”. O sorriso aberto refletia suas atitudes independentes. Por vezes, gostava de fumar cigarro de palha, e constantemente cheirava a rapé que, segundo ela, fazia-a espirar até expelir o mal para fora do seu corpo. Cotidianamente, cuidava sozinha dos reparos da sua casa. Por vezes, eu a encontrava sob o telhado, substituindo velhas telhas responsáveis por goteiras percebidas em tempos de chuva. Vó Maroca morava sozinha, mas não se sentia solitária, penso eu. O fato de ser boa amiga e conselheira garantia-lhe, diariamente, a casa cheia de visitas, de parentes e de amigos do lugarejo.

Diferentemente dos outros produtores de tijolos e telhas da região, das mãos de Vó Maroca nascia uma variedade de utilitários feitos de argila que eram vendidos para as casas da região. Ao sair pela porta da sua cozinha, lembro-me que havia uma frágil varanda que abrigava suas criações cuidadosamente classificadas e organizadas de acordo com as etapas das linhas produtivas, compostas de diferentes tipos de potes para armazenamentos de água ou outros alimentos. Eram panelas de desiguais formatos e serventia, bandejas, canecas e diversos outros apetrechos decorativos para um melhor aconchego das casas do vilarejo. Toda produção era vendida às pessoas da região. Esta era sua única fonte de renda, mas, suficiente para garantir sua simples subsistência.

Na parte da manhã, eu era aluno de minha mãe, juntamente com a meninada da região, que contava apenas com duas professoras, numa “escola” de apenas dois pequenos cômodos e que ficavam do outro lado da lagoa, cedidos por algum morador que acreditava na necessidade da educação. Na parte da tarde, eu era cuidado por minha avó, já que minha mãe trabalhava na escola os dois períodos e meus irmãos mais velhos já não mais moravam conosco. Dessa convivência, aprendi com minha avó os primeiros passos dos meus ofícios criativos, que agora tento ensinar com igual amor aos meus alunos.

Todos os dias, depois da aula matutina, eu engolia o almoço e corria até a casa de Vó Maroca, ponto de encontro dos netos que podiam brincar livremente sob seu olhar vigilante. Esforçava-me para chegar antes dos meus primos, garantindo, assim, a melhor fruta colhida do seu quintal ou a porção de doce caseiro feito por suas prendadas e abençoadas mãos. Mas, o que mais eu gostava era vê-la trabalhar no preparo da argila. Enquanto me deliciava com a iguaria do dia, “empoleirado” sobre o umbral da janela da cozinha que dava para a varanda, observava-a na sua lida artística, juntamente com selete e liberto público formado por galinhas, porcos, patos, entre outros bichos que por ali estavam. Com rapidez, ela amassava, socava e enrolava a argila, que rodopiava pelas suas fortes e seguras mãos. Processo que garantia a retirada do ar da argila, evitando rachaduras durante a queima – ensinava ela. Por vezes, apertava a massa, fazendo-a correr por entre os dedos, ação que permitia detectar pequenas impurezas como gravetos ou pedras que, pinçados com maestria por experientes mãos, eram arremessados num movimento preciso e rápido no chão batido do quintal. A cada lance, as galinhas se alvoraçavam e corriam a verificar o projétil lançado, com rápidas bicadas, conferindo se era ou não comida ou, quem sabe, somente para dançar, interagindo com o momento. Eu gargalhava inocentemente com a festa das galinhas, arrancando iguais sorrisos de minha querida avó.

Aquele era um momento só nosso! E ela o prolongava dividindo comigo um pouco do “barro”, assim chamado por ela, a argila. Ensinava-me a moldar o barro e quando eu perguntava o que fazer com ele, ela incentivava minha criatividade, autonomia, iniciativa, ensinando-me princípios éticos da compreensão, do cuidado, da responsabilidade e da solidariedade: *“O barro é seu e você faz dele o que quiser, desde que tenha por ele muito respeito”*, e continuava seu ensinamento: *“O barro tem memória! Ele é como as pessoas, assim como todas as coisas da natureza, ele aceita ser moldado de diversas formas e várias vezes, mas, assim como nós, registra qualquer ação sofrida na memória da pele, do corpo e da alma. Trate-o com carinho e o resultado será retribuído com igual carinho”*.

Confesso que, com a minha pouca idade, não entendia muito bem o que representava aquelas palavras e em tantos outros momentos repetidos.

Agora, anos depois, na práxis de valores e princípios éticos no trato com outras pessoas, na minha práxis de uma ação reflexiva, de uma constante auto-observação sobre as coisas do homem, do mundo, do nosso aprendizado na vida, compreendo o valor daquele ensinamento que procuro aprimorar cotidianamente. Esta foi uma das aprendizagens que tive com Vó Maroca, entre inúmeras outras repassadas, muitas vezes, mediante o exemplo vivenciado, pelo seu trato respeitoso às espécies, humana e não humana.

Lembro-me que aprendi com ela os primeiros passos do ofício do fazer artes, o qual eu procuro transferir aos meus alunos, oportunizando práxis artísticas, mediante mobilização, reflexão e retroalimentação dos conhecimentos, das habilidades e das atitudes sociais, organizativas e, principalmente de atitudes éticas para com todas as espécies no contexto profissional, social, da vida e para a vida.

Entretanto, suas boas práticas morais e referências éticas presentes em minha educação, lamentavelmente, não garantiram ao seu primogênito, meu pai, igual formação ética. Em algum momento, as incertezas e as vicissitudes da vida o transformaram em um homem com vícios e num sujeito violento em suas relações domésticas. Após a morte prematura de meu irmão caçula, ele se tornou alcoólatra e viciado em jogos de cartas, o que motivou a perda de todo o nosso patrimônio. Com o tempo, suas frustrações e medos acabaram se manifestando em violências físicas e psicológicas impostas à esposa e aos filhos.

Meu último contato e lembrança de minha Vó Maroca, de sua luta e de seus valores éticos, foram numa noite de chuva torrencial, em que ela escondeu, em sua casa, minha mãe, minhas duas irmãs e eu, tentando nos proteger da agressividade de seu próprio filho. Apesar de minha pouca idade, ainda me lembro, com detalhes, daquele traumático dia. Algumas horas antes de sermos acolhidos e escondidos por ela, minha mãe foi alertada por uma vizinha da embriaguez e do descontrole em que se encontrava meu pai, vindo pelas ruas, após a perda de seus bens em mais uma noite de jogatina. Cansada das violências físicas e verbais que vinha sofrendo nos últimos tempos, ela optou por poupar os filhos de mais sofrimentos, presenciando mais um capítulo de violência física contra ela, causada pela

embriaguez, pelos medos e frustrações de seu marido. Sabedora do que nos esperava, em poucos minutos, retirou-nos da cama, pegou algumas roupas e nos ajudou a fugir pela janela do quarto, com a colaboração de sua vizinha amiga. Sob forte chuva, com a água de enxurrada e a lama a cobrir nossos pés, chegamos à casa de minha Vó Maroca, mãe de meu pai.

Visível e inesquecível era a dor de minha avó estampada no seu rosto, provocada pela ação vergonhosa de seu filho primogênito. Ela nos acolheu, escondendo-nos no seu próprio quarto, quando descontrolado e com palavras de ameaças chegou seu filho à procura da família. Energicamente, ela negou a nossa presença diante do filho e o fez ir embora, convencendo-o de que ele precisava ir dormir. De madrugada, ainda com as roupas molhadas, Vó Maroca nos enfiou dentro de um ônibus e, então, fugimos, para nunca mais voltar. A partir daquele dia, fomos viver com os pais de minha mãe e a nossa vida, para sempre, mudou.

Vó Maroca assumiu a responsabilidade de cuidar do filho doente. Dois anos de contínuas bebedeiras agravaram seu problema de coração que o levou a óbito em um enfarte fulminante.

Lembro com saudades de minha avó, daqueles momentos somente nossos, das galinhas ciscando no terreiro e do manuseio transformador da argila. Reconheço sua força moral, seus princípios éticos, sua resignação, seus atos de sacrifício, de seu sentimento ao saber traindo a confiança do próprio filho na tentativa de oportunizar uma melhor condição de vida para sua nora e seus netos. Nunca mais voltei à minha terra natal e nunca mais estive com meu pai e nem com minha avó paterna até suas respectivas mortes, mas tenho-a presente no meu coração, envolta em um eterno sentimento de amor e gratidão por seus relevantes ensinamentos de artes, pelos seus exemplos de práticas morais, respaldadas pelos seus princípios éticos de vida e para a vida.

Concluo esta parte do relato com as palavras reveladoras de M.C. Moraes, em seu livro – Ecologia dos Saberes (2008, p. 190):

*“reconhecemos, portanto, a emergência acentuada da bioética, uma ética da e para a vida, em que cada um assume sua parcela de responsabilidade pela vida do outro. Algo que vai além de sua própria vida. Uma ética da*

*vida na qual cada um vai se colocando a serviço da vida do planeta, pois aquele que reconhece e reverencia a vida, não a mutila, não a destrói e não a condena. E quem defende a vida estará, certamente, a serviço da evolução do ser humano e do planeta, em sua totalidade.”*

Compreendo, agora, que minha avó foi a materialização viva destas palavras, pois, com seus valores, viveu pautada pelos princípios éticos de vida e para a vida.

## Pedagogia das Diferenças

Após a traumática separação de meus pais, fomos viver com os meus avós maternos, na cidade de Presidente Olegário. Uma cidade nascida no encontro das bases de morros e, também, circundada por muitos outros montes, como a maioria das cidades do Estado de Minas Gerais. p. O., como assim era carinhosamente chamada pela maioria dos seus moradores, no passado, era rota dos escravos vindos dos portos do Rio de Janeiro para trabalhar nas minas do interior do Estado. Na minha infância, era reconhecida como “a cidade das praças das rosas”. Eram cinco praças bem cuidadas, com canteiros de variadas espécies de rosas e cores que lhe conferiram esta charmosa fama.

A casa dos meus avós maternos ficava bem de frente a uma das laterais da praça central, com vários bancos de pedras que favorecia morosos encontros e trocas de afetivos diálogos entre as pessoas da cidade. Do alpendre da entrada principal da agora, também, nossa casa, podia se ver, olhando para o lado direito, uma imponente igreja em estilo barroco e de um rico acervo artístico. Olhando para o lado esquerdo, estava o grupo escolar. Era uma construção de frente para a outra, ambas unidas pela ampla e florida praça. O prédio escolar, com uma arquitetura dos anos de 1950, era majestoso aos meus olhos. Baixos muros de largas paredes forradas por flores que perfumavam e enfeitavam o caminho das pessoas que por ali passavam. Pé direito alto, com várias salas bem iluminadas e arejadas por grandes janelas arqueadas, compostas de duas venezianas, uma de madeira

trabalhada e outra de vidros translúcidos. A escola era composta de muitas salas, formando um grande “u”, com entradas voltadas para o centro de um espaçoso pátio, com piso de ladrilhos geométricos de colorido fosco gastos pelo tempo. Escola e Igreja, eram imponentes construções, com amplas escadarias até o pórtico principal de suas entradas com majestosas portas. As duas instituições pareciam ter o mesmo valor conceitual, de igual e vital importância para a sociedade local. Uma construção de frente para outra, interligadas pela natureza da colorida praça, em mútua reverência.

Foram muitos os aprendizados da minha feliz infância naquela cidade, mas, gostaria de compartilhar, mais especificamente, o meu aprendizado moral com minha avó materna. Coincidentemente, também, de nome – Maria Abadia e mesmo apelido – Maroca. Uma mulher diferente de minha avó paterna, tanto na aparência física, como nas atitudes gestuais. Em comum, ambas tinham o respeito à natureza, a capacidade artística e os princípios éticos materializados na sua prática moral. Contida nos gestos, ótima observadora, sempre parecia ter um olhar que sorria. Eu, para diferenciar da outra Vó Maroca, chamava-a de apenas Vovó. Já a maioria das pessoas da cidade, com muito respeito, a chamava de Dona Maroca. Em minhas lembranças, eu a vejo de vestido azul turquesa floral, que destacava ainda mais a sua vasta cabeleira totalmente branca, de corte curto e com grandes cachos que confundiam muitos desatentos, achando que eram presos em forma de coque. Vovó raramente saía de casa. Geralmente o fazia uma vez por semana, quando cruzava a praça em diagonal em direção à igreja. Eu orgulhoso, do alpendre, por vezes, admirava sua simples elegância ativa e ficava a imaginar que outros da cidade teriam a mesma impressão ao vê-la passar.

Seu amor pela natureza era evidenciado no cuidadoso e diário cultivo de diversas espécies de flores, de sua horta e das muitas árvores frutíferas. Da rua, se podia ver, na lateral esquerda da casa, o amplo alpendre. Atrás dele, estava o jardim, com suas moitas de lírios, seus copos-de-leite, cravos, rosas e, outras diferentes flores e vívidos arbustos. Jardim que garantia vasta braçadas de flores para a maioria dos eventos da igreja. Esta era a sua colaboração para *“despertar os sentidos pela beleza da natureza e celebrar nossa ligação com uma energia maior”* – dizia ela. Na outra lateral da casa,

estava sua sortida horta de tomate, couve, cenoura, jiló, chuchu, cebolas, salsas e por aí vai. No fundo da casa, havia um amplo quintal com pés de ameixa, tamarindo, laranja-bahia, laranja lima, jabuticaba, entre outras árvores frutíferas. Horta e pomar que garantiam gostosuras todos os dias das estações do ano.

Vovó tinha uma rotina diferente do meu avô. Acordava mais tarde e cuidava da casa. Já meu avô era regido pelo sol. Acordava com o surgimento do primeiro raio de sol e ia dormir quando este se escondia atrás dos montes. Logo que Vovô acordava, acendia o velho fogão à lenha. Preciosidade que não foi abandonado mesmo com a chegada do fogão a gás. Colocava o feijão para cozinhar e ia buscar o leite em uma de suas fazendas para, como dizia ele, jocoso – *“engordar o gado com o olho do dono”*. Eu pulava da cama um pouco depois do meu avô, antes mesmo do término do sexto cantar do passarinho branco, que saía da portinhola do antigo relógio na parede da copa, anunciando serem 6 horas da manhã. Comia alguma coisa e atravessava a praça em direção à escola, acompanhado por minha mãe que lá lecionava.

Vovó somente saía do quarto depois das sete da manhã, verificava o cozimento do feijão e ia molhar as suas plantas. Depois, ela se sentava num banco de madeira ao lado da porta de entrada da casa, disposto estrategicamente no amplo alpendre para quem ali sentava poder acompanhar o vai e vem dos transeuntes na praça. A casa tinha todas as paredes pintadas de cor amarela. Cor que Vovó, ironicamente, comentava ser “a casa mais iluminado da cidade, nada discreta”.

Vovó era uma ótima observadora da condição humana e das coisas em geral. Do alpendre, enquanto chuleava uma roupa, ou fazia um bordado qualquer, exercitava sua percepção a respeito das pessoas que ali passavam e das suas flores, acompanhando o surgimento de cada novidade, de cada novo broto que surgia nas roseiras da praça e no seu jardim. Ação que parava por vezes, respondendo a uma saudação que lhe era dirigida por um dos passantes. Com ela, aprendi a observação refletida sobre todas as coisas, exercício diário para aceitação das diferenças de todas as espécies, das belezas contidas nas diferenças dos seres humanos e das espécies não humanas.

Ao meio-dia, eu voava para casa, sempre tentando bater meu recorde



de chegar à copa antes do cantar do passarinho, local onde ficava o antigo relógio cuco de minha avó. Uma relíquia herdada de sua mãe. A portinhola abria e dela saía um passarinho branco que repetia a operação de hora em hora no ponteiro registrado. Ao meio-dia, ele repetia a operação doze vezes. Acredito que Vovó um dia, percebendo minha brincadeira competitiva, atrasou poucos minutos o relógio. Percebi que depois de algumas tentativas, eu sempre chegava a tempo de ver o passarinho sair e cantar por doze vezes.

Antes do almoço, primeiro, eu ia à minha horta particular, colher um tomate ou uma folha de alface, para comer durante o almoço, que parecia ter mais sabor por ter sido plantado por mim. Vovó incentivava que eu tivesse a minha própria horta e minha própria plantação de flores. No início da tarde, enquanto ela cuidava de suas plantas, eu cuidava da minha “pequena plantação”. Momento que ela ensinava-me qual planta gostava de mais água, como fazer um enxerto para conseguir outras cores de rosas, qual distância de uma planta da outra, entre outros importantes detalhes que garantia boas colheitas.

Confesso que o momento que eu mais gostava era quando ela ia trabalhar no quarto de costura. Local que, depois do almoço, eu, estrategicamente, ia tirar uma soneca e ela fazia o mesmo no seu quarto. Uma hora depois ela entrava no quarto de costura e eu, lentamente, despertava com o som da máquina de costura ou da tesoura cortando os retalhos de tecidos. Quando juntos costurados, compunham coloridas colchas. Por vezes, eu podia cortar retalhos de tecidos, usando como referência os moldes de papel em diferentes formas geométricas. Com ela aprendi muito sobre combinações simétricas, combinação de cores, importância das partes para a formação do todo e o todo representativo integrativo das partes.

Quando ela juntava os retalhos, utilizando a máquina de costura, o som da velha máquina soava como música aos meus ouvidos. Enquanto isso, eu podia usar o pequeno tear, para tecer tapetes com desenhos variados. Cada tapete tinha um desenho único, apesar de serem criados para desempenhar a mesma função básica. Produção que era, por nós, doada à igreja e vendida na quermesse, para arrecadar o dinheiro destinado aos mais necessitados moradores da região.

Vovó, como uma autêntica mineira, gostava de trabalhar em silêncio, de observar muito e falar pouco. Quando comentava sobre algo, era geralmente para ensinar alguma coisa. Usava metáforas, ou seja, uma equivalência figurada, correlacionando nossas ações criativas, bem como os resultados artísticos obtidos, comparativos com a complexidade do ser humano. Durante os momentos de recortes e encaixes dos retalhos, aprendi que não importa as diferenças entre os seres, pois eles podem interagir e formar um todo maior colaborativo. Sobre a combinação das cores, aprendi que é importante tanto sua harmonização, como as aproximações contrastantes, onde cada uma é importante para melhor valorizar a visualização da outra.

Tenho certeza de que Vovó, não conhecia o pensamento de Blaise Pascal, muito menos as ideias de Edgar Morin sobre a complexidade humana, mas, de certa maneira, vivenciava seus ensinamentos. Pascal, um gênio precoce, nasceu no século 17, em plena efervescência em que se dava primazia à razão, foi na contramão ao afirmar: *“Conhecemos a verdade não apenas pela razão, mas também pelo coração. É desta última maneira que conhecemos os primeiros princípios, e é em vão que o raciocínio, que não toma parte nisso, tenta combatê-los”*. Sem negar a razão, completava: *“O último passo da razão é reconhecer que há uma infinidade de coisas que a ultrapassam”*. No pensamento complexo, o princípio hologramático de Edgar Morin, apud Moraes (2008:99), *“que coloca em evidência o paradoxo dos sistemas complexos em que não somente a parte está no todo, mas o todo está também inscrito nas partes”*. Sobre essas constatações, Vovó, imagino eu, aprendera com a diária observação acolhedora e compartilhada, na práxis da ação com reflexão sobre as coisas do mundo, acreditando que juntos podemos transformá-lo com ética.

## A pedagogia da máquina de costura

Em primeiro de janeiro de 1979, cheguei à Brasília, para continuar meus estudos e começar a trabalhar. Tinha 14 anos. Estudava no período noturno e trabalhava no período diurno numa das maiores gráficas da capital como arte finalista. No final do mesmo ano, minha mãe aposentou-se como

professora e também veio morar em Brasília para conviver com todos os seus filhos. Família novamente reunida e feliz, mãe e filhos construíram uma nova rotina de compartilhamento dos sucessos e mútua ajuda no enfrentamento das dificuldades diárias. Difícil foi a minha ruptura com amizades criadas em p. O., com meu avô e, principalmente, do convívio com minha avó. Creio que já pressentia a sua morte. Em meados da década de 80, minha avó faleceu em função de seus problemas cardíacos.

Aos poucos, fui fazendo novas amizades e aprendendo a gostar de Brasília que, hoje, amo, como ainda amo minha Minas Gerais. Aprendi a gostar de Brasília ao ver, de qualquer ponto do planalto central, o céu beijar a terra no encontro da linha quase reta formada no horizonte, de todas as cores presentes na composição da cor cinza do concreto, das inúmeras cores do cerrado, da diversidade cultural e do sonho compartilhado das diferentes pessoas. Aprendi a gostar de Brasília na medida em que me fui autoconhecendo, entendendo sobre meus constitutivos “eus”, em processo de eterna formação. Comungo com o pensamento do humanista, professor Juan Miguel Batalloso, ao observar (2012: 160):

*“Conhecer-se a si mesmo significa, então, ser capaz de identificar nossos próprios sentimentos, emoções, desejos, motivações, razões, interesses e valores, compreendendo as relações, vínculos, bifurcações e contradições que se produzem entre pensamentos, sentimentos, palavras e ações, ou seja, conhecer o modo em que os impulsos e as emoções influenciam nossa própria conduta e os objetivos que nós estabelecemos”.*

De certa forma, percebo que aceitei o propósito das mudanças em minha vida, atento aos desígnios dos céus, identificando os meus sentimentos, minhas realizações, meus erros e acertos, ou seja, procurando melhor compreender a complexidade presente na tessitura da vida.

Essa relativa paz interior em constante construção e reconstrução, confesso, deu-se, principalmente, após a realização do curso de Formação Holística de Base, realizado na UNIPAZ de Brasília, nos saudosos encontros com Pierre Weil, Roberto Crema e outros renomados mestres da formação à paz interior. Mestres que me ensinaram – “vigiai e orai”, invertendo a ordem do universalmente conhecido jargão – “orai e vigiai”.

Aprendo, principalmente, pela observação com o coração aberto e atento aos exemplos dos valores morais de minha mãe, irmãs e sobrinhas. Minhas mestras em inúmeras vivências que fortalecem o sujeito existente em mim mesmo, em minhas relações com os outros e com o mundo ao meu redor, propiciando minha presença no aqui e agora, na integração que fortalece os vínculos conscientes com todas as espécies, humanas e não humanas. Tudo isto sem discriminação de qualquer espécie, ou seja, sem que os interesses de uma espécie sobrepujem aos interesses de outras espécies.

Desde a chegada à Brasília de nossa matriarca, criamos uma rotina semanal de, aos sábados, almoçarmos todos juntos e também em datas comemorativas. Cada membro da família faz seu esforço pessoal para poder compartilhar esses momentos, administrando suas agendas particulares, sempre dentro do possível, é claro. Ano após ano, os filhos foram casando, se mudaram e tiveram seus filhos. De certa maneira, moramos todos perto da casa de minha mãe, o principal “QG” de nossos encontros aos sábados.

Em realidade, já estamos quase finalizando o ano de 2013. Portanto, mais de três décadas se passaram com essa rotina de encontros familiares. Família grande da matriarca Dona Maria, composta de sete filhos (cinco irmãs e dois irmãos), dez netos (seis netas e quatro netos) e três bisnetos (uma menina e dois meninos). Somam-se a esta, também, os genros, ou seja, os novos agregados que, aos poucos, foram chegando. Para nós, todo sábado é um dia de festa regado por muita comilança, por conversas e emoções compartilhadas.

Todos os sábados, minha mãe acorda cedo e prepara uma mesa com gulodices, que agradam os diversos gostos desta numerosa família. Coisa de mãe amorosa, pronta para atender os quereres de cada membro da família. A “merendinha” somente é retirada da mesa para dar lugar às travessas com delícias mineiras preparadas para o almoço, que geralmente é servido depois das 16 horas.

Em todos os cômodos do apartamento existe sempre um “tantão” de gente. Uns trocam ideias, outros brincam com os sobrinhos-netos, outros assumem os preparativos do almoço, outros saem para uma compra rápida, outros disputam o quarto da matriarca. Ambiente com duas máquinas de costura, uma mesa de corte de tecidos, armários, espelhos e uma gostosa

cama com cheiro de mãe. Nela, eu, por vezes, me aninho e cochilo, acalentado pelos sons da barulhenta família. Por vezes, sou acordado com o som das máquinas de costura e por animadas conversas sem fim. Atualmente, sou despertado do meu cochilo, por um sobrinho-neto com uma energia invejável e com seus sonoros “upa-cavalinho”, pulando sobre mim e gritando: “acorda Tio-Paulo”.

Mamãe transita entre os afazeres realizados na cozinha e no seu quarto, reforçando seus ensinamentos culinários e sua arte da costura aprendida com minha avó. Durante esses afazeres, compartilhamos os sucessos obtidos durante a semana, incentivamos novos sonhos e, também, reconhecemos os insucessos e criamos novas estratégias coletivas contra as emergências naturais do nosso viver/conviver.

Como mencionado anteriormente, são minhas irmãs, sobrinhas e mãe que coordenam as demandas familiares mais prementes. Articuladas, elas compartilham as realizações familiares, comemoram as alegrias pessoais, mas também, enfrentam, com valentia, os momentos difíceis, como, por exemplo, a doença rara que acomete um dos membros da família que, por sua vez, vem requerendo um acompanhamento mais atencioso, ou mesmo o câncer que vem sendo enfrentado por outros dois membros da família e o enfarte que abalou uma de minhas irmãs. Tal enfarte trouxe, consigo, a consciência para que, os demais fumantes da família, lutem contra tal violação de suas vidas. Os demais membros que nunca fumaram, dentre eles, eu, comemoramos pela feliz conquista desta nova consciência familiar de luta contra o tabagismo.

## Considerações finais

Creio que são, essas mulheres, as principais responsáveis pela observância dos princípios éticos por mim professados, por sua vez, pontuados pelo professor Batalloso em sala de aula: *“da verdade, da bondade e da beleza”*. Por meio de vivências compartilhadas, elas educaram-me em valores *“espirituais, coerência estratégica, obediência e desobediência, solidariedade, responsabilidade, reflexão crítica, consciência sobre os valores econômicos”*. E, principalmente, pautadas pelos valores do amor, da bondade, da

compaixão, da justiça, nas ações relacionais transdisciplinares da vida e para a vida.

Acredito que minhas avós, minha mãe, minhas cinco irmãs, minhas seis sobrinhas são a representação da mulher Sófia: lutadoras, abertas às mudanças e conscientes do seu papel na formação do indivíduo, da sociedade e da preservação da natureza. São sábias e auto-organizadas Sofias, integradoras dos aspectos característicos das personagens de Lilith: desobediência da supremacia do masculino e aberta a mudança; Eva: consciente de sua realidade e ávida por conhecimento do presente, disposta a transgredir à proibição do criador; Maria: reprodutora e cuidadora dos filhos, amorosa, acolhedora e provedora; Helena: que sai da santidade e vai à luta, para a dimensão da realidade, sedutora, forte, contemporânea, estudiosa, trabalhadora e ainda cuida dos filhos e do companheiro. Sofias que transitam, de forma harmoniosa e ética, com o bom, o belo e o verdadeiro. Todas elas aprenderam na práxis da ação com reflexão, na prática da alteridade, a serem dignas e éticas.

Todos os dias, reconheço nas ações dessas mulheres, os complexos valores morais humanos, nas inúmeras formas de relações sociais e espirituais, oportunizando conexões na teia das relações do viver terreno com o sagrado, resgatando o saber afetivo, do saber espiritual, da valorização da cultura, além do saber racional. Encontro nelas o mistério da mística que impulsiona o ser humano para um viver qualitativo e nobre. Uma diária aprendizagem consciente das questões da vida e para a vida, que requer uma nova postura de responsabilidade e respeito aos objetivos do coletivo, do ecossistema.

## Referências bibliográficas

BATALLOSO, Juan M. **Educación y transdisciplinariedad**: aproximación a la práctica, disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/123636147/Educacion-y-transdisciplinariedad>. Acesso em: 31 dez. 2013.

BATALLOSO, Juan M. Educação e condição humana. In: MORAES, Maria Cândida; ALMEIDA, Maria da Conceição (Org.). **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Presente** – por uma educação transformadora. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

JUNG, Carl. G. **Fundamentos da psicologia analítica**. Vol. XVIII/1, Petrópolis: Vozes, 1979.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2007.

MORAES, Maria Cândida. **Ecologia dos saberes – Complexidade, Transdisciplinaridade e Educação**. São Paulo: AntaKarana / WHH – Willis Harman House, 2008.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

## RESENHA BIOGRÁFICA DOS AUTORES

### Capítulo I

#### **BATALLOSO NAVAS, Juan Miguel**

Doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Sevilha (ESPANHA). Graduado e licenciado em Filosofia e Ciências da Educação. Orientador escolar e formador de professores. Durante sua longa trajetória profissional, foi professor de Ensino Fundamental, orientador psicopedagógico, diretor de Escolas e chefe do Departamento de Orientação dos Institutos de Educação Secundária da Espanha. É autor de livros e diversos artigos, além de conferencista nacional e internacional, atuando especialmente no México, Peru, Bolívia e Brasil. Participou de diversas publicações e organizou várias obras. Tendo ministrado vários cursos e conferências sobre Paradigma Educativo Emergente, Avaliação Educacional, Educação em Valores e Compreensão leitora.

### Capítulo II

#### **MORAES, Maria Cândida**

É Doutora em Educação (Currículo) pela PUC/SP e mestre pelo Instituto de Pesquisa Espaciais-INPE/CNPq. Professora de pós-graduação em Educação na UCB/DF e do Programa Master em Educação da Universidade de Barcelona. É também pesquisadora do CNPq e do grupo internacional consolidado de pesquisa GIAD da Universidade de Barcelona, além de



coordenadora adjunta da *Rede Internacional de Ecologia dos Saberes/UB*. Foi professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (Currículo) da PUC/SP, de 1997 a 2008. Foi assessora de planejamento do Ministério da Educação e do Ministério do Planejamento. Foi também pesquisadora – visitante da OEA (em Washington) pesquisadora e consultora do Banco Mundial. Conferencista nacional e internacional, tendo proferido mais de uma centena e meia de conferências e palestras em sua área de atuação. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em fundamentos da educação, educação a distância, atuando principalmente nos seguintes temas: epistemologia, didática, paradigma, complexidade, transdisciplinaridade, informática na educação, educação a distância. Autora de vários livros, entre eles, *O Paradigma Educacional Emergente*, 16a. ed., *Pensamentos Ecológico*, 2a ed., *Sentipensar*, todos com chancela da UNESCO, *Ecologia dos Saberes: Complexidade, transdisciplinaridade e educação*.

Endereço para acessar seu CV: <http://lattes.cnpq.br/5438109402800417>

### Capítulo III

#### FAGUNDES, Christielle

Psicanalista. Mestranda em Educação pela UCB. Especialização em Teoria da Psicanálise de Orientação Lacaniana. Graduação em Psicologia. Experiência em Psicologia hospitalar e em Saúde Pública, quando trabalhou no NASF (Núcleo de Apoio à Saúde da Família). Funcionária da FAJESU desde abril de 2010, onde desempenha as funções de psicóloga escolar do Setor de Orientação e Apoio Psicológico e Psicopedagógico (SOAP), sendo responsável por intervenções junto a alunos, professores e funcionários. Atua nessa instituição também como docente das disciplinas Psicologia da Educação, no curso de Pedagogia, e Psicologia Organizacional, no curso de Secretariado Executivo Bilíngue. Exercendo, ainda, na referida instituição, a função de ouvidora, tendo sido responsável pela estruturação da Ouvidoria. Atua na clínica psicanalítica e em cursos de formação de professores.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/4890853201400451>

## Capítulo IV

### SANTOS, Daniel Barbosa

Doutorando em Educação pela universidade Católica de Brasília. Mestre em Educação, com área de pesquisa em qualidade nos processos de ensino e aprendizagem virtuais (Educação a Distância). Pós-Graduado em Docência do Ensino Superior e Graduação em Processamento de Dados. Trabalha como Professor no Ensino Superior e Gestor dos Cursos de Tecnologia na Universidade Católica de Brasília, presenciais e a distância. Coordenou CST's de Tecnologia da Informação, Segurança da Informação e Análise e Desenvolvimento de Sistemas da UCB Virtual. Professor do Grupo Educacional Anhanguera e Coordenador do Núcleo de Educação a Distância das Faculdades Projeção. Atualmente, pesquisa sobre Ambientes Virtuais de Aprendizagem aliados a um fazer pedagógico emergente, capaz de considerar o olhar teórico-epistemológico da complexidade, favorecedor de metodologias ricas, colaborativas, inovadoras e que contemplem aspectos da transdisciplinaridade nos processos de ensino e aprendizagem virtual. Membro do grupo de pesquisa do Ecotransd.

Endereço para acessar o CV: <http://lattes.cnpq.br/4171256714967060>

## Capítulo V

### BRUZZI, Demerval

Graduado em Ciências Econômicas pela União Pioneira de Integração Social (1996), mestrado em Master en Gestión y Producción en e-learning – Universidad Carlos III de Madrid (2010), Mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília, extensão em Marketing pela Fundação Getúlio Vargas, MBA em gestão de negócios no INPG, Pós-graduação em uso de tecnologia em educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, especializada em Gerenciamento de Projetos e Negociação Avançada pela Universidade de Berkeley e em liderança pela Universidade de Richmond. Autor de diversos livros, dentre eles *Gerencia por Projetos* pela Editora SENAC em sua terceira edição, *Técnicas de apresentação* pela editora

Avercamp, além vários capítulos em outros trabalhos, atuou como gerente de projeto da Universidade de São Paulo – FIA USP, no Banco Central do Brasil, Ministério da Educação, e no Tribunal Superior de justiça, professor de universidades privadas como CEUB, UNICESP, IESB em Brasília, foi ainda Gerente Educacional da Microsoft para o Brasil, Gerente Comercial da Hughes e Diretor de Produção de Conteúdos e Formação de Professores em Educação a Distância Educação do Ministério da Educação do Brasil, de janeiro de 2008 a abril de 2011. Atualmente exerce a função consultor de diversas empresas no Brasil e exterior.

CV: <http://lattes.cnpq.br/5014224373438378>.

## Capítulo VI

**SILVA, Fernanda p.**

Aluna Especial do Doutorado em Educação na Universidade Católica de Brasília – UCB (início em agosto de 2012). Mestre em Clínica Fonoaudiológica pela PUC-SP, tendo concluído o mestrado em fevereiro de 2011. Assessora do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão da Faculdade de Educação Santa Terezinha – FEST (Janeiro/2012). Membro do conselho editorial e revisora da Revista Transversalidades da faculdade Santa Teresinha – FEST (Janeiro/ 2012). Membro do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de Pedagogia – FEST (Fevereiro/2012). Concluiu o curso de extensão Universitária em audilogia pelo COGEAE na PUC-SP (2005). Graduada em Fonoaudiologia pela Faculdade Santa Terezinha – CEST (2003). Endereço CV:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4388458T6>

## Capítulo VII

**SOUZA, Gabriela M.**

Doutoranda em Educação pela Universidade Católica de Brasília – UCB e mestre em Educação pela mesma instituição. Graduada em Letras pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília – CEUB, atualmente é professora

da educação básica, concursada do governo federal, no Sistema Colégio Militar do Brasil – SCMB – lotada no Colégio Militar de Brasília – CMB. Também atuou como professora em algumas Instituições de Ensino Superior – IES, no Distrito Federal, em cursos de licenciatura e formação de professores. Sua pesquisa de mestrado bem como a de doutorado seguem a linha de pesquisa da Política e Gestão da Educação, cujo objetivo é, além de outros aspectos, investigar a formulação, a implementação e a avaliação de um determinado sistema de ensino e seus impactos no panorama educacional brasileiro.

Endereço CV: <http://lattes.cnpq.br/4299970936856821>

## **Capítulo VIII**

### **ALENCAR, Ivoneide Pereira**

É graduada em Direito pela Faculdade das Atividades Empresariais de Teresina (2008), Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Integrada do Brasil (2011), Curso Superior Sequencial em Direito Penal pela Universidade Estadual do Piauí (2002) e Graduação em Fonoaudiologia pela Faculdade de Ensino Superior do Piauí (2006). Pós-graduação (lato sensu) em saúde pública, saúde da família, docência do ensino superior, psicopedagogia clínica e institucional, educação à distância e direito tributário. Mestrado em economia do setor público pela Universidade Federal do Ceará – (UFC), Doutoranda em Educação pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Atualmente é professora efetiva da Universidade Estadual do Piauí na área de Direito – 40hs, ex-professora da Faculdade de Ensino Superior do Piauí – FAESPI (curso Fonoaudiologia), da Faculdade São Gabriel – NOVAUNESC (curso de direito e ciências contábeis). Tem experiência na área de Saúde (saúde coletiva), na área de Educação com ênfase em Educação Socioeducativa, metodologia científica (TCC), atuando principalmente no seguinte tema: educação especial e inclusiva, na área de Direito: direitos fundamentais e humanos e Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Ressocialização de jovens em conflito com a Lei). CV: <http://lattes.cnpq.br/5228675485951698>.

## Capítulo IX

### JESUS, João A.

É Coronel do Quadro de Oficiais Combatentes do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal (CBMDF), onde exerce atualmente a função de Diretor de Gestão de Pessoal. Possui o Curso de Altos Estudos para Oficiais; é Perito de Incêndio e Explosões e Técnico em Emergência Pré-hospitalar; É instrutor do Curso de Formação de Oficiais do CBMDF; Graduado em Engenharia de Segurança pela Academia do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal, em Tecnologia de Secretariado Judiciário pelo Instituto Processus e em Tecnologia de Gestão Financeira, também pelo Instituto Processus; Aperfeiçoou-se em Engenharia de Segurança do Trabalho, pela Universidade de Brasília. Participou da elaboração do Plano de Carreira do Corpo de Bombeiros Militar e da Polícia Militar do Distrito Federal, aprovado pela Lei 12.086/ 2009. Chefiou os estudos e apresentou as minutas da Reestruturação do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal, ditadas pelo Decreto Federal 7.163/2009 e pelo Decreto Distrital 31.817/2010, enquanto integrante do Estado-Maior-Geral do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal. Confeccionou os Regimentos Internos dos Órgãos do CBMDF e apresentou as minutas de Portarias aprovadas e publicadas em Boletim Geral; No exercício das funções de Corregedor do CBMDF, modernizou os Processos Correcionais da Corporação. Endereço para acessar seu CV: <http://lattes.cnpq.br/1267564227525659>

## Capítulo X

### MELO, Marli Alves Flores

É doutoranda em Educação, na linha de concentração Política e Administração Educacional, no eixo de pesquisa Política, Gestão e Economia da Educação e mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília. Coursou Pós-Graduação em Matemática Superior e Metodologia da Matemática e Licenciatura Plena em Ciências Matemática pelo Centro Universitário de Brasília. Tem experiência na área de Educação como docente nos Ensinos

Fundamental, Médio e Superior, Graduação, Pós-Graduação nos cursos de Pedagogia e Licenciatura Matemática. É também consultora no Ministério da Educação em projetos na área educacional nas esferas federal e estadual pela UNESCO/ PNUD, atuando principalmente, na Secretaria de Educação Especial – Núcleo de Atendimento das Altas Habilidades/Superdotação (NAAH/S) e na Secretaria de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (SETEC) – Programa Brasil Profissionalizado no desenvolvimento de produtos técnicos, como: elaboração de manual didático e planos cursos para capacitar de professores do Ensino Especial, análises dos Arranjos Produtivos Locais (APL'S); pesquisas e organização das especificações técnicas dos itens de composição para compor os laboratórios básicos e tecnológicos na implantação e implementação de cursos nas Escolas de Ensino Profissional e Médio Integrado; realização de monitoramentos pedagógicos nas Secretarias de Educação e ou de Educação Profissional, Científica e de Tecnológica.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/3171875327686453>

## Capítulo XI

### MENDES, Paulo Corrêa

Pesquisador ECOTRANS D – Grupo de Pesquisa Ecologia dos Saberes, Transdisciplinaridade e Educação, da célula Brasília, sob a coordenação da Professora Doutora Maria Cândida Moraes – UCB. Mestrando em Educação pela UCB. É Especialista em Design Editorial e Gráfico pelo Instituto Europeu de Design, em parceria com o IESB. Possui licenciatura plena em formação de Jovens e Adultos pela UNISUL. Graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Católica de Brasília. Iniciou em 1987, no SENAI DF, sua experiência em docência para formação profissional, com ênfase no Ensino de Design Editorial e Gráfico e Artes Plásticas. Foi membro do grupo do SENAI Brasil para implantação de Certificação e Formação Profissional para o desenvolvimento de Competências. Aplica desde 2001, na atuação docente e na capacitação de novos docentes, pressupostos educacionais da UNESCO para o Século

XXI – Desenvolvimento de Competências (aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a conviver, e aprender a ser). Atuou no SENAI DF como Supervisor e Consultor nos setores de: Recursos Instrucionais, Escola de Artes Gráficas, Design (Editorial e gráfico, Vestuário, Mobiliário, e Ambientes Interiores e Exteriores). Foi Avaliador Expert representante do Brasil na WorldSkills, Japão 2007 e Canadá em 2009. Desempenhou, de 2005 a 2006, a função de Avaliador líder na Ocupação de Design na Olimpíada do Conhecimento – SENAI Brasil. Ampla prática em Produção Gráfica e Editorial, entre elas, Projetos gráficos e Manual de Identidade Visual para o IBAMA, FUNASA e outras instituições. Em 2012 e 2013, prestou consultoria na elaboração da *Metodologia SENAI Nacional de Educação Profissional*, bem como desenvolveu o design gráfico da publicação. Artista Plástico credenciado pela Secretaria de Cultura do Distrito Federal, com inúmeras exposições individuais e coletivas. Atualmente é sócio do escritório de design OFSO Soluções – [www.ofso.com.br](http://www.ofso.com.br), e instrutor do SENAC DF para cursos de Comunicação Visual e Design. Endereço para acessar seu CV: <http://lattes.cnpq.br/7650124709037421>









Ao resgatar essas experiências mais marcantes da vida de nossos alunos em processo de formação docente, ao refletir sobre elas, estamos também resgatando sua alma docente, que traz consigo a fé, a esperança, a utopia e o sonho de Ser professor, dimensões estas nutridoras de sua futura docência e de suas escolhas profissionais. Ao trabalhar as histórias de vida, estamos religando passado, presente e futuro, facilitando a integração de processos ocorridos no passado, mas que ainda continuam inconscientemente presentes no seu cotidiano. Ao mesmo tempo, estamos também ressignificando, não apenas o conhecimento que está sendo construído naquele determinado momento de seu processo de formação continuada, mas dando um novo sentido e uma nova direção àquela aprendizagem construída ao longo da vida.

### **Maria Cândida Moraes**

Professora do Programa de Mestrado e Doutorado da UCB

### Coleção **Juventude Educação e Sociedade**

1. **CALIMAN, Geraldo (Org.)**. Violências e Direitos Humanos : Espaços da Educação, 2013.
2. **SIVERES, Luiz (Org.)**. A Extensão Universitária como Princípio de Aprendizagem, 2013.
3. **MACHADO, Magali**. A Escola e seus Processos de Humanização, 2013.
4. **BRITO, Renato**. Gestão e Comunidade Escolar, 2013.
5. **CALIMAN, G.; PIERONI, V. ; FERMINO, A.** Pedagogia da Alteridade, 2014.
6. **RIBEIRO, Olzeni; MORAES, Maria Cândida**. Criatividade em uma Perspectiva Transdisciplinar, 2014.
7. **CUNHA, Celio; JESUS, Wellington; GUIMARÃES-IOSIF, Ranilce**. A Educação em Novas Arenas, 2014.
8. **CALIMAN, G. (Org.)**. Direitos Humanos na Pedagogia do Amanhã, 2014.
9. **MANICA, Loni; CALIMAN, Geraldo (Org.)**. Educação Profissional para Pessoas com Deficiência, 2014.
10. **SÍVERES, Luiz**. Encontros e diálogos: pedagogia da presença, proximidade e partida, 2015

A construção da própria imagem como docente, a aprendizagem de estratégias de autorrealização e de desenvolvimento da consciência, assim como o uso e a criação de técnicas metodológicas para a construção de conhecimento pedagógico e, inclusive, a formalização de propostas curriculares, se desdobram em ações que são indissociáveis e inseparáveis do próprio processo de maturação pessoal, que se nutre, não somente da própria experiência, mas também do intercâmbio, da interação e da cooperação fraterna e solidária com os alunos que aspiram e desejam formar-se como educadores.

Este livro é uma amostra singular de sensibilidade afetiva e ética. Representa um original testemunho do potencial criativo, educacional e de formação pedagógica que tem as histórias de vida docente e discente. Histórias que, quando compartilhadas, dialogadas, analisadas e interpretadas em ambientes sociais e formativos acolhedores, reflexivos, amorosos e à luz dos conceitos e princípios da transdisciplinaridade, produzem experiências significativas de aprendizagem de alto poder motivador para o sujeito comprometido com seus processos de transformação pessoal, social e profissional.

Esta obra nasceu dos diálogos e intercâmbios de experiências ocorridas em nossa sala de aula, no curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Brasília, mais precisamente em um seminário intensivo sobre *Ética, Complexidade e Transdisciplinaridade*, ministrado pelos Professores *Juan Miguel Batalloso Navas* e *Maria Cândida Moraes*, em início do mês de outubro de 2013. Este seminário foi parte integrante da disciplina *Complexidade, Aprendizagem e Conhecimento: Novos fundamentos ontológicos, epistemológicos e metodológicos da educação*, de responsabilidade de M.C. Moraes.



Cátedra UNESCO de Juventude,  
Educação e Sociedade

